

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ROSANE LOMBARDI

ADIÇÕES ÀS DROGAS: O DESENCONTRO DE UMA ILUSÃO

Porto Alegre

2004

ROSANE LOMBARDI

ADIÇÕES ÀS DROGAS: O DESENCONTRO DE UMA ILUSÃO

Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Institucional
Para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucional
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia

Orientadora: Prof^a Dr^a Regina Orgler Sordi

Porto Alegre

2004

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Ariovaldo (*in memoriam*) e Norma Luiza, agradeço por terem me dado a vida e os modelos que me permitiram chegar onde estou.

Aos meus filhos, Fidel e Érico, que realizaram meu sonho de maternidade. Agradeço por existirem e por terem se tornado as pessoas que são hoje.

Aos meus irmãos e irmãs, por estarem ao meu lado sempre que preciso de uma palavra amiga. Agradeço por tornarem possível a convivência que nossos pais nos ensinaram.

A minha irmã, Cíntia Nash, pelo olhar atento ao meu trabalho que me ajudou a enxergar onde havia sombras.

A minha orientadora, Regina Orgler Sordi, agradeço por ter estado ao meu lado com sua sabedoria, paciência, tolerância. Havia sempre uma palavra firme e carinhosa para me indicar o rumo quando às vezes eu vacilava. Soubestes entender que esse era um mundo novo para mim, e pela sua complexidade eu precisava de uma mão para me orientar.

A meu analista, Paulo Sérgio Guedes, por ter me ajudado a atualizar minhas crenças a respeito da vida, não me deixando esquecer que ela é movimento e invenção.

A Arnaldo Chuster, por sua sabedoria tantas vezes compartilhada. Bion me inquietava e tu mostravas um caminho que me permitia chegar ao conhecimento, mesmo que logo viessem novas inquietações.

Ao Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na figura de seus professores que, ao me abrirem as portas para novos saberes, me permitiram ampliar a capacidade de pensar. Às funcionárias, pela disponibilidade sempre afetuosa. Aos colegas de turma do Pós Graduação, pela agradável convivência nessa jornada de busca pelo conhecimento.

Aos componentes da banca examinadora, por aceitarem colaborar e lançar um outro olhar sobre este trabalho que me envolveu tanto.

Aos meus colegas do Instituto Cyro Martins, pela prazerosa convivência de trabalho e pela parceria. O Instituto Cyro Martins me proporcionou conhecer a prática do ensino e me despertou a curiosidade para a vida acadêmica.

A todos alunos do Instituto Cyro Martins, os que passaram e também os que virão, pela convivência na sala de aula, supervisão e pelos momentos de descontração. Agradeço por perguntarem, por questionarem, por estudarem, por me ensinarem e por me escutarem.

À Regina Vieira, antes de tudo uma amiga, mesmo quando a nossa tarefa é trabalhar. Agradeço por não deixares o computador me enlouquecer.

À Clarice J. Ribeiro, amiga e colega, sempre presente na minha trajetória profissional. Juntas geramos muitos pensamentos, trocamos idéias, algumas presentes neste trabalho.

Ao Lucas Pares e Érico, pela correção e pelas idéias criativas.

À Vilma Oliveira, que organizou meu dia-a-dia com competência e muito afeto enquanto eu me perdia no meio dos livros.

RESUMO

A concepção deste trabalho surgiu a partir de observações de lacunas na clínica das adições às drogas. Com o objetivo de oferecer maior suporte no tratamento do uso abusivo de drogas, essa pesquisa propõe-se a abordar o problema reconhecendo a multiplicidade de fatores presentes nas adições.

Inicialmente foi revisada a literatura sobre o uso de drogas na história da humanidade e seu possível significado de acordo com o momento histórico. Na pesquisa da literatura, procurou-se descrever o desenvolvimento psíquico do sujeito, e foram abordadas formas de resolução de conflitos comuns a quem chegou ao uso abusivo de drogas. Foi apresentada uma visão do sujeito na sua totalidade, tanto individual quanto social. Essa versão serviu como suporte para investigar a possível interferência da sociedade de consumo no uso de drogas. A investigação também deu ênfase às vicissitudes surgidas durante a trajetória do adicto após a tentativa de deixar esse comportamento.

Para realização desse trabalho, foi utilizada metodologia qualitativa de caráter descritivo. Na pesquisa de campo, optou-se por entrevistas semi-estruturadas como instrumento de investigação. Essa escolha deu-se pela intenção de buscar na palavra do adicto uma percepção própria a respeito de sua trajetória após o tratamento, quando está experimentando um novo modo de existência.

A análise das entrevistas mostrou um tipo de pensamento concreto presente no discurso do adicto. Isso foi identificado pela ausência de uma percepção crítica a respeito da influência do meio no uso de drogas. Essa verificação levou a algumas conclusões. A droga, usada como uma mentira, evita, de forma onipotente, que o adicto entre em contato com as verdadeiras emoções. Com o uso de drogas, o adicto fica impossibilitado de pensar, já que o pensamento supõe uma experiência emocional correspondente. Sem a possibilidade de ter uma referência simbólica, ele adere a crenças sem atingir o nível do pensar.

Portanto, é importante que os profissionais envolvidos no tratamento das adições ajudem os sujeitos adictos a ampliarem a sua capacidade de pensar. Isso poderá ser feito através da integração do pensar e sentir. Somente assim será possível a utilização da palavra como recurso simbólico que permite tolerar e nomear, tanto a presença quanto a ausência de satisfação. Sem a capacidade de pensar ampliada, produz-se um hábito sem que ocorram transformações verdadeiras. Corre-se o risco de que o tratamento das adições não auxilie o sujeito a ter experiências reflexivas, onde o pensamento se antecipa à ação.

SUMMARY

The point of departure for this dissertation arose from the observation of deficiencies in the treatment of addictions to illegal drugs. Its main goal is to shed light on the consequences of more traditional therapeutic practices and to offer some alternatives to the treatment of these addictions. This is done by addressing the multiplicity of causes behind addictions and the context in which they occur.

This dissertation approaches the person in his/her totality, both in the individual and social spheres. This approach was the basis to investigate the role of the environment in the use of drugs. The dissertation also emphasizes the vicissitudes met by the addict in his/her attempt to overcome the addiction.

To better understand addictions, a review of the literature on the history of addictions and the meaning of addiction in each historical period was conducted. The review discusses the development of the personality as well as conflict resolution.

Field work was conducted using qualitative methodology. Since one of the goals was to investigate the perception the addict has of him/herself after the therapy, while he/she is still experimenting with a new way of life, semi-structured interviews were carried out with each addict after he/she had been released from the clinic.

Content analysis of the interviews revealed the existence of a concrete way of thinking in the discourse of the addict. A critical perception of the environment's influence in the use of drugs is absent in that discourse. It was concluded that, to avoid contact with emotions, the addict uses drugs as a "lie". This suggests that the addict has difficulties with thinking. This might be because thinking implies an emotional experience. Without the possibility of having a symbolic reference, beliefs assume a prominent place in the life of the addict.

Therefore, it is important that the personnel involved in the care of drug addicts help them to improve their ability to think. This can be done by integrating thinking and feeling. Only then will it be possible to use words as a symbolic resource that allows someone to tolerate and name both the presence and the absence of satisfaction. Without this improved capacity of thinking, the therapy may lead to a habit instead of provoking profound changes. As a result, there is a risk that the therapy will not help the addict to have experiences where thought comes before action.

SUMÁRIO

| | | |
|------|---|-----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 008 |
| 1.1 | DELINEANDO O PROBLEMA | 010 |
| 1.2 | Justificativa | 011 |
| 1.3 | Objetivos | 013 |
| 1.4 | Questão Norteadora | 015 |
| 2 | DROGAS HOJE: O QUE O ADICTO BUSCA ? | 017 |
| 3 | DEFININDO TERMOS E CONCEITOS AO LONGO DO TEMPO | 020 |
| 4 | PESQUISA DE LITERATURA | 030 |
| 4.01 | A Constituição do Sujeito e a Presença de uma Falta | 030 |
| 4.02 | O Sujeito Adicto: a Falta, a Busca, uma Ilusão | 038 |
| 4.03 | Entorpecimento da Mente: Tentativa de Busca de uma Passagem | 041 |
| 4.04 | Adições: Atalhos para o Prazer | 044 |
| 4.05 | Verdade e Mentira: Quando é Possível Criar ? | 046 |
| 4.06 | O Sujeito no Espectro Narcisimos ↔ Social-ismo | 052 |
| 4.07 | Discurso da Arrogância Encobrendo o Dilema Potência ↔ Impotência: O Sujeito Social Pressupõe Renúncia à Impotência | 055 |
| 4.08 | A Confissão de “Ser Humano”: O que o Adicto não Pode Saber de Si | 057 |
| 4.09 | O Individuo na Sociedade Contemporânea: Qual é o espaço para a Subjetividade? | 061 |
| 4.10 | Um Sujeito Inscrito num Circuito que Aprisiona | 066 |
| 5 | METODOLOGIA | 069 |
| 5.1 | Escolha dos Participantes | 071 |
| 5.2 | Procedimentos | 072 |
| 6 | ANÁLISE E DISCUSSÃO | 073 |
| 6.1 | Apresentação do Material | 073 |
| 6.2 | Adições: A Cisão em Dois Mundos | 097 |
| 6.3 | As Possibilidades da Clínica no Tratamento das Adições às Drogas | 104 |
| | CONCLUSÃO | 107 |
| | ANEXOS | 118 |

1. INTRODUÇÃO

Vários campos de conhecimento se ocuparam, ao longo da história, em compreender o uso abusivo de drogas pelos homens, em descobrir sua origem, tratamento e “cura”. Muitas “verdades” foram buscadas e muito conhecimento tem sido gerado a respeito, mas ao contrário de outras patologias, não foi encontrada uma origem única. Além disso, sabe-se que, mesmo tratando as origens, o problema não só não é eliminado, como freqüentemente persiste. As adições têm causas biológicas, psíquicas e sociais, e as manifestações aparecem em todas essas áreas, sendo necessária uma multiplicidade de olhares sobre o mesmo problema. A falta de resultados efetivos demonstrados pelas pesquisas a respeito da eficácia dos tratamentos, causa angústia em quem se ocupa com o problema das adições e também nas pessoas que de alguma forma convivem com o sujeito adicto.

Na atualidade, organizações voltadas para o cuidado da saúde apresentam com freqüência campanhas de esclarecimento para a população. A violência do mundo das drogas é divulgada repetidas vezes em documentários e filmes, como no longa metragem *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles (2002). São ações que surgem como consequência do reconhecimento da necessidade de intervenções que tenham por objetivo impedir que o problema tome proporções cada vez mais graves. Embora sabendo-se da validade de tais tentativas, a maioria delas é feita abordando somente um aspecto das adições: médico, repressivo, moral, religioso ...

Considerando a diversidade de fatores presentes nas adições, é essencial contextualizar e especificar de que ponto de vista está se falando. Sabemos que as novas

formas de viver que se observam na contemporaneidade passaram a exigir do sujeito novas formas de produção de identidade. Alguns dos exemplos dessas mudanças são a modificação dos laços sociais e de novas figuras de referência que surgem como modelos de identificação. As figuras parentais anteriormente comunicavam seus valores de forma precisa e, por essa característica, eram aceitos por respeito ou obediência. Hoje esses modelos muitas vezes são superados e substituídos por ícones de promoção de consumo representados nas figuras efêmeras divulgadas e substituídas constantemente pelos meios de comunicação. Essas mudanças que distorcem a importância dos vínculos no desenvolvimento do sujeito social podem trazer como consequência, entre outras, o reforço da individualidade e da megalomania, já que pregam a idéia do consumo e substituição.

As práticas sociais contemporâneas, que atingem o ambiente intensamente através dos meios de comunicação cada vez mais eficientes, capturam o sujeito com maior ou menor intensidade. Alguns indivíduos têm interesse nas soluções fáceis ofertadas com insistência, por não reconhecerem em si mesmos recursos que possibilitem vivenciar as faltas próprias do humano. O uso de drogas oferece o prazer sem mediação, um prazer que é ansiado por todos. Para o capitalismo o toxicômano é o consumidor perfeito. É aquele que consente abolir-se diante do objeto. “O toxicômano realiza o ideal da sociedade de consumo. O ideal de todo publicitário, ou de todo fabricante é criar um objeto sem o qual ninguém poderia passar. Esse objeto teria qualidades apaziguadoras aos desejos e necessidades das pessoas e teria que ser constantemente renovado; uma dependência perfeita. O toxicômano vai até o fim do desejo do neurótico que é a idéia de um objeto soberano que teria a função de nos preencher” (Melman 1992 p. 94).

As drogas psicoativas provocam um estado de bem estar, mesmo que passageiro, e ao contrário, sem o efeito das drogas, o sujeito depara-se com uma realidade que muitas vezes priva-o da realização dos desejos. Somado a isso, o adicto, depois de uma longa trajetória, encontra-se diante de situações de conflito consigo e com o meio, que foram criadas em consequência do uso abusivo de drogas.

1.1. Delineando o Problema

Considerando que o problema das adições pode ser abordado sob vários ângulos, as pesquisas desenvolvem-se em diferentes áreas. Dependendo do ponto de vista teórico alguns aspectos podem ser mais enfatizados que outros. Existem estudos epidemiológicos, clínicos, históricos ou sociológicos sobre o uso de drogas (Focchi 2001, Escohotado 1996). Alguns estudos também podem abordar as diferenças nos padrões de consumo ou adições às drogas. Os manuais de psiquiatria (DSM IV, CID 10) e a literatura existente sobre o uso de drogas (Schuckit 1991, Ramos 1997, Gabard 1998, Focchi 2001, Seibel 2001), quando abordam esse tema, concordam que existem diversos graus de comprometimento nesse uso. Ao formar uma hipótese diagnóstica eles levam em conta critérios tais como: o aumento da tolerância, relevância da droga em detrimento de outras atividades, estreitamento no repertório de uso da droga, queixas de familiares. Sabe-se também que, dificuldades com o uso de drogas podem existir em algum momento da vida do sujeito e não persistirem ao longo da sua existência.

No decorrer desse estudo não será dada ênfase às abordagens diagnósticas de acordo com os manuais de psiquiatria. Os sujeitos investigados nessa pesquisa são indivíduos adictos para os quais a droga participa do conflito psíquico e social e em função desse comportamento foram privados da liberdade do seu cotidiano quando estiveram em tratamento com internação hospitalar. Optou-se por não utilizar o critério de “cura” com abstinência total. No campo da medicina e dos tratamentos tradicionais o conceito de cura das adições contém em si um paradoxo, pois ela serve ao mesmo tempo de ponto de partida e ponto de chegada. O primeiro passo de um adicto é reconhecer “sou uma adicto” e após o tratamento é exigido que continue reconhecendo a mesma condição “sou um adicto”, mesmo que agora a finalidade seja o afastamento da busca pela droga. Neste paradoxo fica implícita a incurabilidade reconhecida pela medicina. Esse conceito, muito utilizado nesse tipo de tratamento, é hoje questionado pelas políticas de redução de danos (Marlatt & Gordon 1993).

A redução de danos surge como mais um recurso para enfrentar o problema do uso abusivo de drogas. Adota uma estratégia de saúde pública que propõe a redução dos prejuízos aos quais os usuários de drogas estão expostos tais como HIV e outros agentes

infecciosos. A sua proposta oferece uma opção que difere da política dicotômica do tudo ou nada. A tolerância a estados intermediários até chegar a uma etapa mais próxima do ideal, permite aos usuários ultrapassarem as dificuldades do tratamento sem serem excluídos dos programas de recuperação. A redução de danos, no caso das adições às drogas, reconhece a abstinência como resultado ideal, mas aceita alternativas que reduzam os danos causados aos usuários, até ser possível chegar a esse fim.

Marlatt (1999) propõe pensar as adições às drogas como uma subclasse de comportamentos aditivos. Essa categoria pode ser ampliada para compreender qualquer comportamento compulsivo que tem como objetivo a gratificação imediata. Este autor procura fugir dos modelos até agora propostos para compreensão das adições às drogas: o modelo moral e modelo médico. Nesse novo modelo proposto, “derivado dos princípios da teoria do aprendizado social, psicologia cognitiva e social experimental” (Marlatt, 1999) os comportamentos aditivos são vistos como hábitos hiperaprendidos. Presume, a partir daí, que esses hábitos estão num continuum de uso ao invés de categorias fixas ou isoladas. Os comportamentos que se apresentam ao longo desse continuum, tanto de um extremo ao outro, são apreendidos. Esse ponto de vista inclui a doença como uma consequência do uso aditivo.

A proposta de abordar o problema do uso abusivo de drogas reconhecendo a multiplicidade de fatores presentes nas toxicomanias, tem como objetivo evitar uma compreensão com excessiva uniformização.

1.2. Justificativa

A motivação para essa pesquisa tem origem na prática clínica, onde nós profissionais deparamo-nos com implicações que transcendem os resultados obtidos pelo paciente em tratamentos. Considerar somente a interrupção do uso abusivo de drogas, não deveria ser reconhecido como resultado satisfatório suficiente para os profissionais da área da saúde mental. As adições apresentam-se como um problema que deve ser compreendido dentro do contexto social no qual está inserido e, tal como se manifesta hoje, pode ser reconhecido também como efeito dos laços que a sociedade contemporânea propõe. A lógica

da sociedade de consumo, onde tudo fica reduzido a objetos possíveis de serem utilizados, pode nos sinalizar o que iremos encontrar em termos dessa patologia. Assim, as adições às drogas na atualidade, denunciam uma forma contemporânea de sintoma. Por mais que alguns insistam em realçar sua natureza biológica, não podemos negar uma superestrutura cultural que dá sustentação a esta forma de comportamento.

Durante a minha experiência de tratamento com pacientes adictos por vários anos, a prática encontrada em consultório, ambulatório e clínicas de internação confirma os baixos índices de recuperação apresentados nas pesquisas. A inquietação provocada pelos comportamentos manifestados pelos adictos durante o tratamento faz surgir freqüentemente nos profissionais a necessidade da busca de novas alternativas para compreensão do problema e melhores resultados de recuperação. Iniciei minha experiência no tratamento a pacientes usuários de drogas na Cruz Vermelha de Porto Alegre, que além do atendimento ambulatorial também atende à prevenção primária. Tanto o atendimento ao paciente quanto o trabalho de prevenção, envolvem além do adicto, também seus familiares e muitas vezes a comunidade à qual ele pertence. Essa experiência possibilitou conhecer também o envolvimento do meio familiar e social na problemática do usuário de drogas. Mesmo que os profissionais, na sua maioria concordem que o tratamento não se resume a desintoxicação, as tentativas de que são chamadas de “reinserção” mostram que o adicto tem um estranhamento de seus papéis no seu retorno à vida social após o tratamento. Por isso é dito que o tratamento das adições às drogas não se resume ao período de desintoxicação.

A experiência na clínica privada, que algumas vezes permite o acompanhamento do paciente por um tempo mais prolongado, mostra que essa realidade não acontece de modo diferente. Mesmo havendo algum suporte do meio, a conflitiva pessoal do paciente diante dessa nova vivência aparece em primeiro plano, mostrando assim que não é possível um tipo de tratamento *standard* que não leve em conta a diversidade de respostas que poderão surgir.

Chama atenção que apesar da crença na possibilidade de recuperação, assim que o adicto retorna ao convívio social o que se percebe são grandes índices de retorno ao uso abusivo de drogas e todos os comportamentos implicados. Mesmo levando em conta o apelo do efeito químico das substâncias psicoativas, penso que somente esse aspecto não contempla

o alto índice de reincidência. Enquanto atribui ao efeito químico da droga a culpabilidade pelo enredo da sua trajetória o adicto novamente coloca em um objeto externo o sentido do seu drama. Um número tão alto das chamadas “recaídas” pode nos levar a pensar que o adicto tem dificuldade de apropriar-se do discurso apresentado durante a desintoxicação. Essa realidade nos impõe questionamentos sobre qual é a potência da clínica nessa passagem de um lugar onde a droga ocupa o palco principal para um modo de existência que permita ao adicto se reconhecer como sujeito.

1.3. Objetivos

Por ser esse um estudo que vai tratar com evidência as questões subjetivas presentes nas adições, serão avaliadas as percepções do adicto em relação à sua vivência no mundo das drogas. Durante a trajetória como usuário de drogas, esse indivíduo sofre muitas perdas, entre as quais estão incluídas relações familiares, trabalho, lazer, prejuízos econômicos. O que se percebe é que esses episódios levam o sujeito, por vontade própria ou por solicitação de familiares, a buscar tratamento com internação hospitalar. A opção por essa forma de tratamento acontece depois de muitas outras tentativas. Para fins dessa pesquisa, será observada a relação do sujeito consigo mesmo e com o meio após esse período de internação, independente de estar fazendo, ou não, uso de drogas no presente. O enfoque não será somente com a droga como substância química em si, mas para o sentido dado a ela por esse sujeito.

Quando o adicto inicia um tratamento, geralmente depois de ter oscilado entre hospitais e prisões, a internação na instituição pode significar o retorno a um lugar social (Conte 1997b). Com esse movimento ele faz a tentativa de sair do território da exclusão para sentir-se inserido na cultura e na sociedade. Durante o tratamento o adicto submete-se a uma lei real, já que não existem referências simbólicas. Nos programas de recuperação, é comum a queixa dos pacientes de que a equipe está muito “frouxa”. Expressa a necessidade de reconhecimento de uma lei que impeça a execução do desejo pela busca da droga. É um momento em que o adicto fala de si colado ao seu sintoma, através de suas façanhas, o que mostra que, na sua constituição, a droga ocupa o lugar do simbólico. Reconhece-se apenas como alguém disposto a repetir o ato servil ao apelo tirânico da droga.

Durante a evolução do tratamento, o paciente retorna ao meio do qual havia se afastado. Nesse reencontro com o convívio coletivo ele depara-se com uma sociedade que também apresenta características aditivas, com mudanças constantes de valores, sob vários aspectos semelhantes ao circuito da droga do qual ele tenta se livrar. É vasto o campo de saberes a serem descobertos nessa trajetória, para esse estudo optou-se por um recorte que vai ser direcionado para a tentativa de encontro de um lugar ou um papel social, após um período de internação.

Em consequência do uso abusivas de drogas muitas áreas na vida do sujeito ficam comprometidas, sendo que, após a internação o adicto terá que entrar em contato com todas essas implicações. Ao procurar evidenciar os dizeres do adicto a respeito da sua experiência, será observada de que forma ele interage com o meio após essa tentativa de deixar o uso abusivo de drogas. Entre as características apresentadas pela sociedade na atualidade, são comuns as práticas que incentivam a busca de resultados imediatos através de objetos que podem ser consumidos provocando prazer. Esse estudo levará em conta a presença dessas forças na sociedade contemporânea durante a tentativa do sujeito adicto da criação de um *si* ou um lugar que ele possa ocupar ao sair desse território de exclusão.

Muito se fala em reinserção social do usuário de drogas. O prefixo *re* quer dizer repetição. Reinserção significa *inserir outra vez* (Houaiss 2001). O critério de reinserção social utilizado para definir a trajetória do usuário de drogas após o tratamento, no nosso ponto de vista não define esse momento. É difícil falar de retorno quando o que se percebe é a ausência de um lugar. No caso dos adictos estamos falando de algo novo, a ser criado. É um descortinar para uma vivência diferente, que pelas situações experienciadas foi mantida à distância. *O adicto terá que construir um lugar para si sem sair de si.*

Interrogando a palavra do adicto e buscando um sentido em seus atos, vamos procurar saber que tipos de interferências das práticas do meio estão presentes nessa tentativa de criação de *novos modos de existência* e de que maneira podem se manifestar. O adicto retorna ao convívio coletivo onde sem dúvida existem jogos de força que incidem sobre o sujeito. Muitas das demandas sociais contemporâneas são abarrotadas de expectativas de eficiência e produtividade, com pouco espaço para o “ser humano”. Como o indivíduo vê a possibilidade do “sacrifício” de renunciar à totalidade de seus desejos quando a sociedade de

consumo prega o contrário? Com todas essas características presentes nesse meio que ele vai enfrentar, como ele pensa construir esse *estar em si sem sair de si*?

1.4. Questão Norteadora

Conceituar o uso de drogas e as implicações do seu uso nocivo nos diversos campos de saberes tem sido um desafio para o conhecimento humano. Durante os últimos dois séculos, percebe-se que a maioria dos autores que se ocuparam do problema, dificilmente consegue fugir de duas posições polarizadas, a concepção moral do fenômeno e a concepção médica.

Os excessos no comportamento do sujeito que faz uso abusivo de drogas provocam impacto e inquietação. São manifestações que facilitam uma aproximação com o conceito de loucura, sendo ambos reconhecidos como comportamentos externos ao sujeito da razão. As descrições do sujeito adicto partem de uma idéia de diferença, que se faz presente desde as buscas sobre as causas das adições, o desenvolvimento da doença e o tratamento. É provável que essas concepções tenham influenciado o conhecimento que se tem sobre essa problemática, já que a loucura incluindo os vícios, sempre esteve, de algum modo, submetida ao julgamento moral. O comportamento do adicto, quando sob efeito da droga, se manifesta com sintomas que pertencem às doenças psiquiátricas e faz com que fique inscrito no campo que diz respeito às doenças mentais. A dicotomia presente nos diagnósticos psiquiátricos das doenças mentais, na diferenciação entre normalidade e anormalidade, é reconhecida já na descrição do sujeito adicto.

Neste estudo serão considerados vários aspectos presentes nas adições, tais como biológicos, culturais, familiares, sociais e psíquicos. No entanto, teremos como propósito evidenciar as características subjetivas do sujeito da droga, tanto nos aspectos individuais quanto na sua pertinência a uma coletividade. Será levado em conta o desenvolvimento desse indivíduo que chegou a um uso abusivo de drogas e as vicissitudes surgidas durante a sua trajetória após a tentativa de deixar esse modo de existência. Para

poder trabalhar as idéias acima citadas, serão apresentadas concepções a respeito do desenvolvimento desse sujeito que hoje se encontra nessa situação.

Após a Introdução, será abordada uma breve exposição do uso de drogas como se observa na atualidade e as mudanças ocorridas ao longo do tempo em relação a forma de conceituar as adições. A partir do Cap. 4 será apresentada a pesquisa de literatura de autores que desenvolvem o tema pertinente a essa pesquisa, e na qual se apóia a experiência clínica da autora. Na parte final serão apresentadas a metodologia, seguida da apresentação e análise do material e a exposição das conclusões deste trabalho.

2. DROGAS HOJE: O QUE O ADICTO BUSCA?

Mesmo que a utilização de substâncias psicoativas seja antiga, a idéia de adição às drogas como *flagelo social* é muito recente. Com esse sentido, só aparece em dicionários publicados a partir do século XX (Bento 1993). As drogas, anteriormente, eram utilizadas em cerimoniais ligados à religiosidade, e fora dessas ocasiões sempre se teve notícia de seu uso por grupos minoritários com outras finalidades, como o uso de haxixe em grupos de intelectuais. Também pessoas de meia-idade ou idosos, na Ásia e Oriente, faziam uso de drogas na busca de um estado mental nirvânico. A presença das drogas esteve relacionada - além da medicina - também à magia, religião, deleite e festa. Após a Segunda Guerra, e principalmente após a década de 60, surgiram novas tendências no consumo de drogas com características de surto epidêmico. As drogas começaram a ser usadas com característica de abuso por adolescentes e, depois, por pré-adolescentes (Simon 1985).

O desenvolvimento tecnológico ocorrido após a Segunda Guerra, que havia iniciado em função do aparato bélico, veio acompanhada de uma explosão demográfica significativa com o retorno dos soldados para casa. Assim, na década de 60 havia multidões de jovens, fazendo surgir o que se chamou “o poder dos jovens”. Foram movimentos significativos, principalmente em países como a França e Estados Unidos, tendo como consequência natural o questionamento sobre os valores tradicionais (Simon 1985). O uso abusivo de drogas de forma massiva pode ser visto como um fenômeno libertário juvenil, como parte da busca de mudanças, num momento em que as repressões policiais aos movimentos estudantis seguiam um modelo mais tradicional. Woodstock (1969) foi a mais importante experiência do uso de drogas por uma multidão de jovens em ambiente público.

Durante três dias, neste festival, mais de 100 mil pessoas conviveram, escutando, cantando, dançando rock e consumindo drogas. Naquele momento social, devido à mobilização intensa por parte da juventude, a droga foi utilizada como instrumento regulador na pacificação da rebeldia dos jovens. Após este período a escalada das drogas passou a exibir um padrão de consumo sempre crescente. A mudança do tipo de droga utilizada, dos alucinógenos (maconha, haxixe, mescalina) para os psico estimulantes (cocaína, crack) comuns na conjuntura atual, não altera a natureza do problema.

Hoje, aos pensarmos as adições não podemos deixar de fazer uma leitura da presença das práticas contemporâneas. Entre estas práticas, salienta-se a presença da mídia propagando costumes criados a partir de uma lógica perversa, que convive ao lado da difícil realidade social que o país atravessa. A droga na atualidade não pode ser vista com uma certa glamourização que esteve presente no movimento hippie quando os jovens buscavam uma liberdade que até então não existia. Perdeu-se o caráter transcendental que poderia ser atribuído às drogas. Formou-se um mercado de acordo com a cultura do consumo onde qualquer objeto é vendável, desde que se crie uma demanda e uma organização para estabelecer o mercado e leis sob as quais passe a vigorar. A expansão deste negócio se traduz pela lógica de agenciar cada vez mais consumidores. Anexar e expandir é a lei do tráfico. Semelhante à do capital. Junto a isso, percebe-se a presença cada vez maior de um poder paralelo do tráfico de drogas determinados pelo alto domínio econômico das organizações responsáveis por este comércio. Esse poder infiltra-se na vida das cidades e concorre para um estatuto de legitimação produzindo verdadeiros estados de exceção. Se há algum tempo comprar drogas era uma aventura sedutora hoje tal sedução perdeu o sentido. O adicto, não se pode negar, submete-se às leis que regem esse meio. O “patrão” como é chamado o traficante, passa a ser o representante da “lei”, e pode servir como figura de referência.

Sendo o uso abusivo de drogas reconhecido como uma epidemia presente na sociedade, e as pesquisas mostrando um índice de recuperação desalentador, são frequentes os questionamentos a respeito das motivações psicológicas, ou causas biológicas, que levam um adicto a deixar ou não esse comportamento. A adição às drogas é uma doença em que a etiologia aponta para causas bio-psico-sociais. O fato das drogas por seu efeito químico provocarem uma submissão tirânico não nos permite restringir o problema somente a este aspecto. Ao nos referimos aos fatores psíquicos, podemos afirmar que uma origem não vai

determinar um único desfecho, levando-se em conta a singularidade das experiências de cada sujeito. O desenvolvimento do percurso das adições pode se dar além do que a origem poderia prever. O problema não se resume somente ao que é visível no comportamento, daí a importância de haver uma escuta para a palavra que está muda, e que poderá se fazer entender nos fragmentos, na descontinuidade do que se apresenta.

O modo de olhar as adições modificou-se conforme o momento histórico, e também as formas de definição e de tratamento. Mesmo que essa trajetória tenha sofrido alterações, sabe-se que os exageros apresentados pelo comportamento do adicto sempre provocaram impacto e uma busca por conceitos que pudessem definir o problema de forma mais precisa. Os termos utilizados para definir o uso abusivo de drogas ao longo do tempo serão expostos no próximo capítulo.

3. DEFININDO TERMOS E CONCEITOS AO LONGO DO TEMPO: DOENÇA OU FORMA OCULTA DE DESATINO?

O uso de substâncias que provocam um estado alterado de consciência ocupou diferentes funções na história da humanidade, conforme a cultura e o efeito desejado. Os relatos mitológicos mostram o quanto é antigo o encantamento que as substâncias psicoativas provocam no homem.

Acredita-se que Dionísio, antes de tornar-se o inventor do licor que escorre da uva, era o Deus da seiva que floresce nas árvores e vegetais. Como Deus do vinho, era filho de Zeus, ou do Céu, com Sêmele, personificação da Terra. Com a morte de sua mãe foi criado pelas Ninfas do Nisa. Um dia, Dionísio colheu pesados cachos maduros de uva e espremeu o suco em uma taça de ouro. Após experimentar esse néctar que espantava a fadiga, convidou as Ninfas, suas amas, todos os Gênios da floresta, das fontes e das montanhas para compartilharem sua alegria. O vinho acabava de nascer como uma fonte de encantamento (Meunier, 1991).

Ele quis transmitir aos homens a sua descoberta e se pôs a correr o mundo com seu grupo. Sua força era irresistível. Aos amigos, ensinava o cultivo e o segredo da alegria quando o vinho era bebido com moderação; aos inimigos, ao contrário, inspirava um furor selvagem infligindo espantosos castigos. Nessa viagem, parou na casa de Ícaro, onde foi bem recebido. Para recompesá-lo pela estadia, Dionísio ensinou-lhe a arte de fabricar o vinho. Ícaro, generoso depois de uma bebedeira, ofereceu a bebida a todos que encontrou. Muitos agricultores beberam demais e caíram adormecidos. Os companheiros pensaram que eles

tinham sido envenenados. Enfurecidos, mataram Ícaro e tomados de muito sono, adormeceram sobre o corpo. No dia seguinte ao acordarem arrependeram-se da morte de Ícaro e o esconderam sem enterrá-lo. Quando sua filha encontrou o corpo, desesperou-se e enforcou-se numa árvore. Enquanto seguiam suas viagens para propagar a cultura do vinho, o Deus do vinho e suas Bacantes encontraram amigos e também inimigos. Os mortais que tentaram combater o barulhento cortejo sofreram rigorosos castigos. E assim, entre tantos acontecimentos, Dionísio continuou levando alegria e também tristeza pelo efeito da beberagem.

O segredo da alegria, os benefícios consoladores produzidos pelo uso do vinho aparecem também em citações na Bíblia, ao todo são mais de duzentas. A primeira referência é de abuso, diz a Bíblia que depois do dilúvio, Noé “se embriagou e se desnudou” (Gen. 9 20-21). O vinho aparece também na sedução de Lot por suas filhas para conceberem filhos de seu pai. Deram-lhe vinho e ele não percebeu quando elas se deitaram ao seu lado nem quando se levantaram (Gen. 19 32-35). O Antigo Testamento distingue vinho de outras bebidas fortes. Isaias e Amós, críticos das bebedeiras dos reis e nobres, falam de bebidas fortes, que não se referem a bebidas de outras graduações alcoólicas, mas sim de vinho carregado de alguma droga ou várias. Nos Provérbios o vinho é visto como capaz de livrar do mal e também como perigoso. “Dá licores ao que vai perecer, e vinho ao que tem amargura na alma. Que ele beba e se esqueça de sua miséria e não mais se recorde das dores” (31. 6-7). E mais adiante “O vinho é zombador: na bebida há muita ousadia” (20. 1). No Novo Testamento o vinho é visto com benevolência, pois aparece relatado através da história das bodas de Canaã, que serve como metáfora do que foi o início do ritual do sacramento, “o sangue de Cristo” (João 2. 3-10).

Hipócrates e depois Galeano, os pais da medicina, entendiam droga – psicoativa ou não – como uma substância que em “vez de ser vencida pelo corpo e assimilada, é capaz de vencê-lo provocando mesmo em doses pequenas grandes mudanças orgânicas, anímicas ou de ambos os tipos” (Escohotado, A 1996 p. 9).

Nas mais antigas culturas do planeta, a dos caçadores e coletores, quando ainda havia uma pluralidade de deuses, os indivíduos aprendiam e reafirmavam sua identidade cultural através de rituais com drogas psicoativas. Mais tarde, quando o sobrenatural se

concentrou em dogmas, essas experiências obtidas com o estado de consciência alterado foram interpretadas pelas castas sacerdotais como vontade de um único Deus e vieram a se chamar “uma verdade revelada”. Eram tempos onde festa, medicina, magia e religião não estavam separadas. Doença, castigo e impureza eram a princípio a mesma coisa. Um perigo do qual tentavam livrar-se com sacrifício a alguma deidade, enquanto comiam o banquete sacramental, que está relacionado às drogas.

A palavra grega para droga é *phármakon*, enquanto *phamakós* significa cordeiro sacrificado. Isso mostra como são inseparáveis - medicina, religião e magia - no seu começo. O chamanismo, a mais antiga fusão destas três dimensões, utiliza o estado de êxtase, um transe que confunde as barreiras entre vigília e sono, céu e terra, vida e morte. Tomando a droga, ou dando ao outro, o chamã faz uma comunicação entre o ordinário e o extraordinário, que serve tanto para as adivinhações mágicas, como para cerimônias religiosas e terapias de cura.

No século XVIII, o dicionário de língua francesa de Diderot e D’Alembert (Bento 1993) definia “toxicum” como: “Veneno que os seitas e outros povos bárbaros esfregavam na ponta de suas flechas; o que é certo a partir do testemunho dos historiadores, é que a chaga atingida pelo tóxico dos seitas era mortal; de onde vem o emprego da mesma palavra em língua latina, para se referir a um veneno, cujo efeito não pode ser impedido por nada”. No seu sentido primitivo, a palavra refere-se a um ataque por uma flecha envenenada. Ser atacado pressupõe um sentido de passividade e morte, já que seu efeito não podia ser evitado.

O termo tóxico, portanto, nasce fora do campo da medicina, só chegando lá mais tarde. Hoje ainda mantém o sentido de veneno, mas se iguala ao sentido da droga. No Dicionário Aurélio Século XXI de 2001 aparece da seguinte forma: do grego *toxikón* (subentende-se *phármakon*), veneno que convém ao arco ou à flecha, pelo latim *Toxicu*, como adjetivo significa que tem a propriedade de envenenar; veneno, peçonha; substância nociva ao organismo e que produz alterações físicas e/ou psíquicas diversas, podendo causar sérias modificações de comportamento além de, comumente, gerar dependência; sinônimo de droga nesta acepção.

A palavra droga, no dicionário de língua francesa do século XVI, Huguet 1690 (Bento, 1993) apresenta os seguintes significados: alguma coisa má; medicamento; mistura de água e vinho; veneno. No século XVII dá-se o sentido de produtos de mercearias, vindos de países distantes e destinados à medicina. Também se diz droga ao refugio no comércio. O sentido de “coisa má” é retomado.

No mundo romano, os critérios a respeito das drogas vêm da influência grega. A única norma, a *lex Cornelia*, (Escohotado, 1996 p. 31) que foi vigente desde os tempos republicanos até a decadência do Império, dizia: “Droga é uma palavra indiferente, refere-se tanto ao que serve para matar como o que serve para curar, e os filtros do amor, mas esta lei só reprovava o usado para matar alguém”.

Nos tempos dos Césares era freqüente fumar flores de cânhamo em reuniões, - “para incitar a alegria e desfrute”- costume que pode ter vindo tanto da sociedade ateniense, como dos celtas. Dizem que seguindo instruções de seu médico Galeano, Marco Aurélio iniciava as manhãs com uma porção de ópio “grande como uma haba do Egito e diluída em vinho túbio” (Escohotado, 1996).

No século XVIII, no dicionário de língua francesa, Diderot e D’Alambert 1755 (Bento 1993) o termo droga aparece novamente com o sentido de mercadorias e especiarias de países distantes que servem à medicina, as tinturas e as artes. No século XX novamente aparece nos dicionários como medicamento e coisa má, acrescentando o sentido de substância tóxica (Bento 1993). No Dicionário Aurélio Século XXI (2001) droga é definida como: Qualquer substância ou ingrediente que se usa em farmácia, em tinturaria, etc.; Qualquer substância que possa ser empregada, no homem ou em animais, com fim de diagnóstico, de tratamento ou de profilaxia de doença; Produto officinal, de origem animal ou vegetal, no estado em que se encontra no comércio; Substância entorpecente, alucinógena, excitante, etc., como, p. ex., a maconha, o haxixe, a cocaína, ministrada por via oral, ou outras, com o fito de que o usuário passe, primariamente e em caráter transitório, a um estado psíquico que lhe pareça agradável; Coisa de pouco valor.

O significado da palavra droga passou por vários sentidos fora do campo médico, e atualmente dois são os sentidos básicos: droga como tóxico, medicamento; e droga como coisa má. Há um sentido ambíguo que acompanha a palavra, coisa má enquanto utilizada com fins de entorpecimento, e coisa boa, quando medicamento.

O termo toxicomania no sentido atual é recente. A noção de toxicomania como doença por dependência aparece inicialmente como “morfiomania” e “morfínismo”, em 1875 (Bento 1993). Diferente do sentido da droga, a toxicomania já nasce no campo da medicina, permanecendo assim muito tempo até ser levada também ao domínio jurídico. No século XIX havia diferenciação entre os usos, terapêutico e passional da droga. Nos casos de prescrição médica havia uma certa aceitação, enquanto os que buscavam voluntariamente eram considerados degenerados. “Considerado como um degenerado, portanto como sendo alguém atingido em suas faculdades superiores, especialmente morais, o toxicômano, nos anos de 1871 a 1898, sofre esse tipo de julgamento: é um viciado, um degenerado.” (Delrieu, 1988 apud: Bento, 1993) A imoralidade da toxicomania esta ligada ao seu aspecto excessivo. Esse julgamento permaneceu ao longo do tempo nas tentativas de compreensão das toxicomanias, sendo em alguns momentos mais brando. Foram observados movimentos inversos: por um lado a manutenção da toxicomania na categoria de “degenerado hereditário” ou “neuropata”; por outro lado há uma inovação quando aparecem novas categorias psicopatológicas para caracterizar o toxicômano, mesmo que permaneça o comprometimento a nível da moral (Bento 1993). Mas certamente o pensamento moral presente em cada época influenciou o desenvolvimentos dos conceitos a respeito dessa problemática.

Um estudo, que aborda o período de 1945 a 1960 (Delrieu, 1988 apud: Bento, 1993), destaca a contribuição da Organização Mundial de Saúde, que em 1950 definiu toxicomania como: “Estado de intoxicação, periódico ou crônico, prejudicial para o indivíduo e para a sociedade, engendrado pelo consumo repetido de uma droga natural ou sintética. São suas características: invencível desejo ou necessidade de continuar consumindo a droga e obtê-la por todos os meios; tendência a aumentar as doses; e dependência psíquica e às vezes física.” A dependência aparece como traço essencial nessa definição.

A OMS adotou o termo “farmacodependência” no lugar de “toxicomania”, que passou a ser utilizado no domínio da medicina, sendo definido em seu Bulletin em 1969 e

1974 como: “Estado psíquico e algumas vezes físico, resultante da interação entre um organismo vivo e um medicamento, se caracterizando por modificações do comportamento e por outras reações, que compreendem sempre uma pulsão para tomar o medicamento de maneira contínua ou periódica a fim de reencontrar os efeitos psíquicos e algumas vezes evitar o mal-estar da privação. Este estado pode ser acompanhado ou não de tolerância. Um mesmo indivíduo pode ser dependente de muitos medicamentos.” A Organização Mundial de Saúde (Bulletin 1974) define droga como “toda substância que introduzida no organismo vivo, pode modificar uma ou muitas de suas funções.”

Há mais de um século a Organização Mundial de Saúde publica um Manual de Classificação de Doenças, Lesões e Causas de Óbito, no entanto o termo alcoolismo não consta nesta classificação, e aparece identificado pelo comportamentos conseqüentes do uso da substância. A CID 10, a revisão mais atual deste manual identifica na categoria F10 Transtornos Mentais e de Comportamento decorrentes do Uso de Álcool. Esta terminologia se aplica também a todos outros tipos de drogas psicoativas. Isto demonstra a dificuldade de conceituar de forma mais precisa esta ocorrência tão antiga e tão comum entre os homens.

A primeira edição da Classificação Internacional de Doenças adotada em 1893 (Bertolote Cap I In Ramos 1997) incluía na seção II Doenças Gerais; “Envenenamentos Crônicos: 66. Alcoolismo, agudo ou crônico. Inclui Alcoolismo agudo. Embriaguez. Etilismo. Intoxicação alcoólica. Alcoolismo crônico. Deliriuns Tremens. Absintismo. Absintemia. Dipsomania”. Permanece assim até a Quarta Revisão CID 4 de 1938. O alcoolismo é concebido como uma doença constitucional que atinge o organismo como um todo. Em 1931 o Royal College of Physicians de Londres (Bertolote Cap I In Ramos 1997) provoca uma inovação quando o alcoolismo deixa de aparecer no capítulo de doenças gerais e aparece em doenças mentais. A Sexta e Sétima Revisão CID6 e CID7 adotam esse critério e o alcoolismo aparece no Capítulo V. “Transtornos Mentais, psiconeuróticos e de personalidade. 307. Psicoses alcoólicas: Deliriuns Tremens, Alucinose alcoólica; Psicose ou síndrome polineurítica de Korsakoff; Psicose alcoólica (de qualquer tipo)”.

A Nona Revisão CID9, de 1977, pela primeira vez adota o conceito de dependência. Na Décima Revisão CID10, de 1993, todas as substâncias inclusive o álcool, são colocadas numa mesma categoria. Nessa classificação duas subcategorias são centrais a F10.1

Uso nocivo de álcool e F10.2 Síndrome de dependência. O conceito de uso nocivo substitui o termo abuso, mais antigo e utilizado até então. Nesse novo conceito, o padrão de ingestão é avaliado mais em termos qualitativos do que quantitativos, o que caracteriza uma evolução na avaliação do problema. Nessa categoria a Síndrome de dependência é descrita como: “Um conjunto de fenômenos fisiológicos, comportamentais e cognitivos, no qual o uso de uma substância ou uma classe de substâncias alcança uma prioridade muito maior para um determinado indivíduo que outros comportamentos que antes tinham maior valor. Uma característica descritiva central da síndrome de dependência é o desejo freqüentemente forte, algumas vezes irresistível, de consumir drogas psicoativas (...).” (p. 74)

As drogas psicoativas têm como característica produzir alteração na consciência podendo provocar perturbações na percepção do tempo, espaço e de si mesmo. As drogas de abuso são substâncias que agem nos mecanismos de gratificação do cérebro provocando efeitos estimulantes, euforizantes ou tranqüilizantes. Toda substância psicoativa usada de modo abusivo pode levar a manifestações de dependência (Seibel, 2001). Quando se fala em dependência de drogas deve-se pensar na exposição constante do indivíduo e a longo prazo. As doses buscadas pelo usuário dependem do efeito desejado, que de acordo com isso, elege a substância e a forma de introdução no organismo.

A dependência é hoje reconhecida, tanto pela medicina como pela psicanálise, como um traço essencial neste comportamento. Na medicina a dependência é atribuída ao “fármaco” como um objeto real, externo. No ponto de vista da psicanálise a droga pode ser vista como um objeto simbólico que está de alguma forma ligado ao objeto do desejo, que remete a uma relação fusional arcaica. Para o sentido do excesso, presente na terminologia médica, a psicanálise atribui a função de anestésiar a dor da falta.

Tolerância e dependência física são fenômenos biológicos que podem ser definidos precisamente em laboratório e com um criterioso diagnóstico clínico, enquanto adição e abuso vem sendo definidos e redefinidos nos últimos trinta anos por várias organizações de saúde (Goodman, 2001). A razão, é que abuso e adição são síndromes comportamentais que se manifestam num continuum que vai do mínimo uso ao abuso e uso aditivo, mas há um aspecto arbitrário na sua definição. A dependência física é um estado desenvolvido como resultado de uma adaptação do organismo (tolerância) produzida pelo

apagamento dos mecanismos de homeostase como resposta ao uso repetido da droga. Há um número de “fenômenos farmacológicos que ocorrem independente de dimensões sociais e psicológicas” (Goodman, 2001 p. 624). Enquanto abuso e adição são condições extremamente complicadas envolvendo uma série de variáveis.

O sistema de diagnóstico para desordens mentais publicado pela American Psychiatric Association (APA), o DSM-IV (1994), usa o termo Dependência de Substância em substituição a adição para todas síndromes de comportamento geral. Isso também aplica-se a todo tipo de droga, independente da classe farmacológica. Essa terminologia pode levar a confusão entre dependência física e psicológica. Goodman (2001) propõe o termo adição, tal como é descrito no DSM-IV, referindo-se ao uso compulsivo da droga, não podendo ser confundido com dependência física somente. A APA define Dependência de Substância (adição), como um aglomerado de sintomas indicando que, o indivíduo continua o uso apesar dos significativos problemas relacionados a esse comportamento.

O adjetivo *adicto* do latim *addictu* significa de acordo com o Dicionário Aurélio Século XXI (2002): “afeiçoado, dedicado, apegado, adjunto, adstrito, dependente. Na medicina designa aquele que não consegue abandonar um hábito nocivo, referindo-se ao álcool e drogas, por motivos fisiológicos ou psicológicos. A origem desse vocábulo vem do latim, do verbo *addico* que significava adjudicar, designar, palavra determinada ao uso dos juízes romanos, quando eles permitiam a libertação da coisa ou pessoa que tinha sofrido julgamento. *Addictum in diem* significava a adjudicação de uma coisa por um certo preço”.

Nos tempos da República romana *addictum* designava o homem que para pagar uma dívida, convertia-se em escravo por não dispor de outros recursos para cumprir o compromisso (Kalina 1999). Era alguém que fatal ou voluntariamente estava numa posição inferior a que ocupava antes, uma pessoa que não pode preservar aquilo que lhe dava uma identidade. Possui o sentido de escravização, pressupõe dominação corporal e dependência. Pode ser usado no mesmo sentido de toxicomania pelo significado comum de dependência, o sentido do excesso, e da simultaneidade do físico e do psíquico.

Ao optar pelo termo adição levamos em conta a possibilidade de incluir as várias manifestações apresentadas nesse comportamento. A dependência química está entre elas e tornou-se o termo mais utilizado para identificar o problema, mas não é este o único fator presente nas adições.

Quando as drogas eram utilizadas com outros fins, tais como os rituais religiosos, a alteração da consciência era o efeito desejado, pois remetia a uma relação com as divindades e ficavam circunscritas a essa finalidade. Desde o momento em que sai desse circuito e se apresenta como provocadora de comportamentos estranhos ao homem no seu convívio social, o desejo pelo efeito da droga passa a ser alvo da busca de explicações. Os comportamentos desadaptativos como consequência do uso continuado da droga podem ser vistos como indesejáveis em quase todas as culturas.

O adicto, quando apresenta comportamentos de alguém que está “fora da razão”, expõe aos olhares dos homens as manifestações esperadas no louco. São manifestações que ficam esquecidas na memória do sujeito, pois fazem parte de uma época de sua existência quando ainda não era exigida a renúncia dos seus desejos mais antigos, e apontam para comportamentos mais esperados nos povos primitivos e nas crianças. São elementos arcaicos muito perturbadores para irromper naquilo que esperamos do comportamento racional.

Foucault em sua obra *A História da Loucura* (2000) nos apresenta a trajetória de como foram vistas as manifestações da loucura ao longo da história. Quando houve a ascensão da mentalidade burguesa, ela veio acompanhada de modificações na natureza das penas aplicadas aos alienados. Essas transformações apontaram para uma retomada de diferenciação às punições, onde; o *pecado* é visto como infração à ordem divina, portanto a punição cabe a Deus; o *crime*, por ser cometido contra o próximo deve ser castigado com suplício; e o *vício*, “desordem que diz respeito somente a nós mesmos, deve ser sancionado pela vergonha. Por ser mais interior, é também mais primitivo: é o próprio crime, mas antes de sua realização; desde sua origem já está no coração dos homens” (Foucault 2000b p. 444). Nesta idéia há uma proposta de punição baseada em leis morais, onde o escândalo se torna uma forma temível de punição, pois está implícita uma forma de exclusão. *Vício e vergonha mantêm um caráter de proximidade*, e estão presentes no estatuto de excluído atribuído a

quem expõe esse comportamento. As adições ainda hoje continuam pertencendo à categoria de comportamentos vergonhosos e contrários a moral, e, portanto, a ideia de que devem ser excluídos. O vício fica vinculado a fraqueza, má vontade, sem-vergonhice.

O efeito buscado pelo sujeito é o de ficar “muito louco”, sendo que essa terminologia é adotada para identificar quem se encontra nesse estado de consciência: “o cara é louco” ou “está muito louco”. O uso abusivo de drogas ou a busca do estado de “ficar muito louco” denuncia a impossibilidade do sujeito de outro tipo de enunciação. *A condição de louco que aparece no adicto provoca necessidade de distanciamento, pois inclui, no mesmo sujeito, o confronto entre a razão, enquanto abstêmio, e a desrazão, enquanto sob efeito da droga.* O sujeito carrega e manifesta em si mesmo tanto a insensatez quanto a racionalidade. Enquanto insensato, pode expressar de forma visível, os desejos mais primitivos que aparecem adormecidos no homem civilizado. Busca, de forma onipotente, o retorno a um estado, onde a sensação de paz de espírito era possível através da satisfação de seus desejos.

O vício ainda carrega, em si, o estigma da vergonha. O termo “viciado”, mesmo que seja evitado pelo seu uso pejorativo, continua sendo uma referência a quem se vê tomado pelos excessos presentes nas adições. Portanto sujeito a um juízo moral, que sugere falta de vontade, coisa de degenerados. Tendo sido inicialmente tratadas como doença geral que atinge o organismo como um todo, somente mais tarde as adições passaram a ser reconhecidas como doença mental. Apenas em 1993 as adições são colocadas em uma mesma categoria caracterizando um quadro específico, que inclui a dependência e o desejo pelo efeito da droga (CID 10). De acordo com esse desenvolvimento, a compreensão do quadro e as orientações de tratamento sempre oscilaram entre um modelo médico ou moral, como se fosse possível encontrar uma verdade definitiva que pudesse responder pela origem e pela cura.

4. PESQUISA DA LITERATURA

4.1 A Constituição do Sujeito e a Presença de uma Falta

A pesquisa de literatura que servirá como base para esse trabalho utilizará autores de referencial psicanalítico e de áreas afins, visto que ele pretende abordar os aspectos subjetivos da experiência do uso de drogas, dentro de uma compreensão psíquica do sujeito e sua inserção no social. Procuramos revisar autores que apresentam idéias próximas ao tema pesquisado. O problema das adições tem mostrado a necessidade de uma abordagem que não destaque somente um aspecto presente nesse comportamento. Por isso na escolha das referências teóricas procurou-se buscar autores que estudam a constituição da subjetividade, e, que de alguma forma, levam em conta a importância da relação do sujeito com o grupo nesse processo. Mesmo citando trabalhos de vários autores psicanalíticos, ao descrever o sujeito adicto serão priorizadas as idéias de Freud, Bion e Winnicott. A escolha de alguns conceitos desenvolvidos por Michel Foucault, utilizados no decorrer desta pesquisa, vem ao encontro da afirmação de que as adições devem ser estudadas sob diversos pontos de vista.

Freud, o precursor da psicanálise, estudou e mostrou em alguns de seus trabalhos (1913, 1921, 1930) a importância do grupo no desenvolvimento da civilização. Mais tarde, Bion, através dos seus estudos sobre grupos, desenvolveu um vértice social da psicanálise para a compreensão do funcionamento da mente. A ideia da influência do meio nas vivências do indivíduo será desenvolvida à luz da psicanálise, com a contribuição de outras áreas que estudam as práticas sociais atuais e seu atravessamento no sujeito (Virilio 2000, 2001, Chesneaux 1995, Foucault 1997b, 1999, 2000a, 2000b). As concepções desses

autores servirão de base para o desenvolvimento das idéias a respeito do modo de viver na atualidade, e de que modo podem se fazer presentes na problemática aqui estudada.

Pensar o funcionamento psíquico do adicto sob o vértice da psicanálise nos leva, sem dúvida, a uma idéia de falta. O efeito químico apaziguador provocado pelo uso da droga é buscado repetidamente, mesmo sabendo que é uma sensação temporária. É uma solução ilusória, pois com o desenvolvimento da tolerância surge exigência de doses mais altas para se obter algum efeito, e mesmo assim o prazer inicial não é mais encontrado.

Nos seus estudos, Freud interessou-se pela busca do homem sobre os efeitos produzidos pelas substâncias psicoativas. Em seu trabalho *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905), Freud relata que as adições estão no lugar da masturbação que seria a prática original. No trabalho sobre paranóia de 1911, ele comenta que a bebida suprime a repressão, liberando a libido homossexual.

O *Mal Estar na Civilização* (1930) é um dos textos onde Freud faz referências a esse tipo de comportamento, e afirma que as drogas prestam um serviço à humanidade como um “amortecedor de preocupações” na busca pela felicidade. O homem, ao perguntar-se qual o propósito de sua vida, tem com resposta mais imediata a busca pela felicidade. Isso supõe evitar o sofrimento e a busca do prazer. Para a psicanálise, o psiquismo humano é regido pelo princípio do prazer, mas o meio onde o homem vive não facilita a execução desta tarefa. O método mais tentador para obter esse fim seria colocar o gozo em primeiro lugar, mas desta forma logo surgem as conseqüências. Assim, o indivíduo lança mão de outros meios para evitar o desprazer.

Quando o desprazer é causado pelos relacionamentos, a solução adotada é a do afastamento, ou tornar-se membro de uma comunidade, com todas adaptações e renúncias necessárias. Outro método de evitar o sofrimento é através de substâncias que agem no próprio organismo. Freud lembra que é difícil compreender seu mecanismo, mas que elas provocam sensações prazerosas, alterando a nossa sensibilidade a ponto de evitar percebermos impulsos desagradáveis. São justamente essas propriedades que determinam seu perigo e sua capacidade de causar dano. “O serviço prestado pelos veículos intoxicantes, na

luta pela felicidade e no afastamento da desgraça, é tão altamente apreciado como um benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhes concederam um lugar permanente na economia da sua libido. Devemos a tais veículos, não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse amortecedor de preocupações, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade.” (Freud 1930 p. 97)

Em *Luto e Melancolia* (1917), Freud compara os mecanismos utilizados pelo sujeito sob efeito do álcool, aponta a semelhança entre a intoxicação alcoólica e a exaltação, como sendo os mesmos que se fazem presente nas reações maníacas. “A embriaguez alcoólica, que pertence à mesma classe de estados, pode (na medida em que é de exaltação) ser explicada da mesma maneira; aqui, provavelmente, ocorre uma suspensão, produzida por toxinas, de dispêndios de energia na repressão” (Freud, 1917 p. 287).

Além de Freud, os vários autores que também fizeram a tentativa de compreender o fenômeno sob a ótica da psicanálise, referem-se às fixações orais presentes no funcionamento do sujeito. Sempre levando em conta os conceitos psicanalíticos alguns teóricos fazem referência à pulsão de morte, à intolerância a frustração, ao uso de defesas próprias da mania.

Os indivíduos, quando em situação de angústia, lançam mão de mecanismos de defesa inconscientes, que tem como objetivo reduzir a tensão. As defesas maníacas, um conceito muito bem desenvolvido por Melanie Klein (1982), visam negar a realidade tanto interna quanto externa. Esse tipo de defesa é visto com maior frequência em indivíduos que continuam utilizando mecanismos primários próprios do início da infância, e que determinam a forma como o sujeito visualiza a si mesmo, aos outros e ao mundo. A utilização de recursos, como a projeção e a dissociação, é a forma encontrada para livrar-se das ansiedades que são sentidas como sendo terríveis. Rosenfeld (1968), um dos pioneiros a estudar as toxicomanias do ponto de vista da psicanálise, ao desenvolver seus trabalhos, utilizou como base de compreensão esse conceito. “O ego do toxicômano é fraco e não dispõe de força para suportar o peso da depressão e, por isso, recorre, com facilidade, aos mecanismos maníacos, mas só alcança a reação maníaca com o auxílio das drogas” (Rosenfeld, 1968 p. 149).

Melman (1992), utiliza como referência para compreensão do adicto alguns conceitos desenvolvidos por Lacan. Melman diferencia o funcionamento do alcoolismo em relação a outras adições. O alcoolista se caracteriza por um tipo de discurso próprio, e não por um comportamento que pode estar presente em todas as dependências. O autor propõe pensar o alcoolista como um sujeito que apresenta prevalência de uma fixação oral, como se houvesse uma inscrição na região labial que está condenada a ser reaguçada constantemente. Dentro do imaginário, essa ativação poderá ser feita por um fluxo líquido, a bebida, ou verbal, o discurso. O corpo, que deveria conter uma idéia de finitude, é alvo de ataques constantes. É visto como um obstáculo a ser removido. No caso do alcoolista, fala-se em uma imaginarização forçada, pois não se trata de renunciar ao objeto, mas da impossibilidade de construir para imaginarizar sua perda. O objeto de satisfação, o seio, ocupa um lugar específico no funcionamento do alcoolista. Diz o autor “Será que o alcoolista goza somente na presença imaginária do seio, ou mais essencialmente, do real – a sucção do outro – que evoca sua presença imaginária?” (Melman 1992 p. 62).

Esse autor acredita que há uma distinção fundamental entre o alcoolismo e a toxicomania. O alcoolismo seria uma tentativa clara de corrigir a castração. Nesse caso, como o objeto visado é o falo, o ponto de referência é sempre o mesmo. A clínica do alcoolista é falicizada, com a presença de comportamentos tipicamente viris, incluindo todo tipo de violências e ritos característicos de alguém que não teme limites. Nesse aspecto, reside a compreensão social de um comportamento esperado de alguém viril. Pode-se até perceber uma certa cumplicidade social com o bebedor. Já no uso de outras drogas, não é o objeto fálico que está em jogo, mas um gozo outro, que não deve nada à castração, e assim não funciona como um consenso social. Os usuários acabam parecendo exóticos, estranhos e não são bem aceitos socialmente.

Olievestein (1985) refere-se ao toxicômano como alguém que não tolera frustração de forma tão aguda, e por isso é definido como aquele que quer “tudo, já”. Segundo o autor, o efeito da droga promove uma tirania. A partir do momento em que se instala a dependência, ela passa a ser o mecanismo regulador mais importante do toxicômano. A dependência transforma-se numa “entidade em si, uma vesícula”. Forma-se um outro ego, chega até a substituir o ideal do ego. Faz com que toda construção narcísica recue. Mais ainda, ela é não somente um ego, mas também um superego totalitário. “(...) Se, de uma

maneira evidente, a dependência restringe a liberdade do homem, em um movimento contrário, ela o exime de toda uma série de medos, fantasmas e lacunas, de imagens parciais que o acompanham desde a ruptura inicial” (p. 87).

Ele concorda com outros autores, que se baseiam na concepção freudiana de que o toxicômano permaneceu com sua libido fixada numa fase auto-erótica e por isso perdeu a mobilidade e não consegue mais se fixar em outros objetos. Porém, sustenta a idéia de que não é adequado pensar num toxicômano típico. “O toxicômano se assemelha um pouco a alguma coisa que o terapeuta já viu – um pouco depressivo, um pouco psicótico, um pouco homossexual, etc.” (p. 82). O que se percebe nesses sujeitos são alianças entre conflitos arcaicos muito antigos que remontam ao estágio pré-genital, e os elementos trazidos de fora e dominados pela droga.

Não existe uma infância específica que possa desembocar numa toxicomania, mas existem eventos específicos presentes na infância desses pacientes. Para se constituir um toxicômano, é necessário que ele encontre a droga e que tenha uma relação de transgressão com a lei. Essa lei, tanto do imaginário quanto do real, é inoperante, pois aqueles que a encarnam são renegados.

Na concepção lacaniana da formação do psiquismo humano, sabe-se a importância do estágio do espelho, com a criança “se descobrindo enquanto outro em um espelho, real ou simbólico, o que a torna capaz de romper a fusão que mantinha com sua mãe”. Naquele momento, quando um ego diferente deveria se constituir, o espelho se partiu e a imagem percebida passa a ser uma imagem partida. Assim, os vazios deixados pelos pedaços ausentes remetem ao estágio anterior, de fusionamento. O espelho se constitui, mas quebra-se. A partir daí, o toxicômano vai expor sempre esta simultaneidade, de estar fusionado ou não. A droga entra como tentativa de recompor uma unidade, mesmo que seja efêmera. Por todas essas questões, fala de uma clínica em movimento. O tratamento do toxicômano tem a ver com “turbulência, turbilhões e flutuações”. Ele obriga o profissional a aplicar um método científico a eventos incertos, que ocorrem em tempo também incerto.

Bucher (1992) propõe que se deixe um pouco de lado as discussões de natureza normal ou patológica desse comportamento para poder olhar a vivência do toxicômano, tentando entendê-la como uma experiência *sui generis*, que envolve o psíquico e o corpo do usuário com conseqüências desastrosas, mas que pertencem ao humano. É um autor que reconhece a contribuição dos estudos da psicopatologia para a compreensão do problema, mas salienta que essas contribuições são válidas desde que “levem em conta o sujeito toxicômano e não postulem uma toxicomania categorial” (p. 210).

Bucher (1992) afirma que o sujeito que recorre às drogas procura algo mais, provavelmente para preencher uma falta. “Qualquer que seja a área da estruturação humana, a falta pode ali inscrever-se e suscitar a sensação de um vazio, de um dano irreparável, de uma privação incomensurável e sem possibilidade de preenchimento, mas suscitando uma ânsia insaciável e obcecante de preenchê-lo um dia” (p. 232). Essa busca, que traz um resultado provisório, corresponde a uma solução de facilidade conseguida por um sujeito marcado pelo desamparo, vulnerabilidade e imaturidade.

Simon (1985), no artigo “Fatores Psicológicos da Toxifilia” busca compreender a contribuição que esses fatores causam na dependência de drogas. Após algumas considerações formula duas questões: Porque neste momento as toxicomanias tomam tamanha amplitude? Porque os jovens constituem a maioria nesse fenômeno? O autor atribui grande importância à “urbanização desenfreada”, onde a identidade do sujeito se dilui no anonimato, provocando a experiência da solidão angustiante. Esse fenômeno tem também influência na desagregação familiar e fragilidade da função paterna.

Com todas as exigências da vida moderna, as pressões sofridas pelos adolescentes são aumentadas nesse período da vida. O adulto tem o trabalho, a criança tem o brinquedo, o adolescente não tem uma coisa nem outra. Torna-se vulnerável às soluções de fuga. As drogas provocam alívio, e não se pode negar que as proibições hoje são mais frouxas. Logo, a propensão nesse momento contemporâneo é o aparecimento de um maior número de adolescentes drogados.

Rosenfeld (1972), descreve o tratamento com pacientes adictos como longo, difícil e com desfechos variáveis. Evidencia as características de defesas maníacas presentes nesse comportamento. É habitual na história desses pacientes a vivência de um vínculo frustrante com a mãe em períodos muito prematuros. Durante a etapa do narcisismo primário, o sujeito sente que o peito lhe pertence e que o possui onipotentemente dentro de si. Essa estruturação se dá num momento quando ainda não há possibilidade de reconhecimento da separação e da individuação entre sujeito e objeto.

As características dessa fase permanecem nas personalidades dos adictos. A onipotência sustentada por defesas maníacas fica intensificada pelo uso de drogas. As características de individualidade que se evidenciam no modo de vida contemporâneo estão presentes já no primeiro objeto que representa o corpo social, a mãe, que se encontra também atravessada pelas práticas atuais.

Em seu trabalho “A Estrutura do Ego na Adição a Narcóticos”, Savitt (1966) apresenta as adições como estados transicionais malignos entre as psiconeuroses e as psicoses. Elas podem ser incluídas em diversas categorias sendo que o traço comum é a impulsividade. Savitt entende as adições mais como uma tentativa de livrar-se da tensão, antes mesmo da busca do objeto. São sujeitos, que apresentam uma estrutura onde a predisposição às adições remete a uma etapa em que as relações objetivas apareciam como busca de gratificação, e as percepções a respeito do ambiente eram reconhecidas como desprazer. Nas adições, há uma tendência a negar a realidade, o tempo e o contato humano. É uma medida de emergência adotada por quem não tolera a demora. Todos os indivíduos possuem um núcleo de tendência às adições, que se manifesta no ato de fumar, comer, trabalhar. Mas para os adictos, a imaturidade do ego, que deve ter sofrido privações primitivas, desenvolve essa tendência mutilatória e desejo mórbido.

Alguns autores, na atualidade, concordam que a abstinência da realidade objetiva e uma escuta que privilegia o mundo interior apresentado pelo paciente é fundamental na prática da teoria psicanalítica. Mas ao mesmo tempo, percebem a necessidade de “analisar alguns aspectos dos sistemas de poder presentes em nossa cultura e seus efeitos inconscientes individuais e coletivos (...)” (Abadi 1984 p. 1039). Fica evidente que determinados sistemas – ideológicos, econômicos, religiosos fazem uso da possibilidade de

atualização de temores primitivos presentes no ser humano para amenizá-los com a oferta de “novos objetos adictógenos, utilizando-se assim da carga libidinal de cada sujeito”. São assim as drogas, os produtos publicitários, e certas práticas da vida moderna. Abadi (1984) cita como exemplo dessas práticas um vocábulo muito utilizado atualmente: *slogan* –palavra escocesa que significa grito de guerra, e funciona como uma ordem, fechando os caminhos do pensar e incitando à ação.

A idealização vem ao encontro de uma necessidade de dependência presente no sujeito; enquanto o objeto é idealizado há uma tendência a perpetuá-la. Freud refere-se a esse tema em alguns momentos de sua obra. No artigo Introdução ao Narcisismo, torna visível a importância do objeto idealizado “(...) o narcisismo de uma pessoa exerce grande atrativo sobre aquelas outras que renunciaram plenamente ao seu e se encontram pretendendo o amor do objeto” (Freud 1914 p.105). Em outro artigo, comenta sobre a importância da sugestão na estruturação do indivíduo: “Deste modo, temos que admitir que a sugestão (ou melhor dito, a sugestibilidade é um fenômeno primário irreduzível, um fato fundamental da vida humana” (1921).

Abadi (1984) apresenta as adições como uma estrutura edificada numa falha no encontro com o outro. O objeto da adição se acha relacionado com o objeto da dependência infantil, mas também com o objeto atual que reaviva as fixações primitivas. Os desencontros que a vida apresenta são intoleráveis para o sujeito adicto. A droga serve para negar esses desencontros, e instala-se no lugar onde surgiria o desejo. O objeto droga impede a elaboração simbólica.

De acordo com os autores apresentados, a idéia de intolerância à falta se faz presente nas tentativas de compreensão do sujeito adicto. Se pensarmos do ponto de vista do desenvolvimento, está evidenciado nessa argumentação, um ambiente que, de alguma forma, privou o sujeito durante sua estruturação, e uma vivência atual onde fantasmas arcaicos são atualizados por um modo de vida de caráter individualista

4.2. O Sujeito Adicto: A Falta, A Busca, Uma Ilusão

Quando nos referimos ao uso abusivo de drogas estamos falando de uma doença que se manifesta num sujeito. Nesse sentido, é necessário levar em conta alguém que se constitui como tal, e que só mais tarde, no decorrer de sua existência, faz uso desse recurso, o das adições às drogas.

Os autores de diversas áreas fazem tentativas de compreender o desenvolvimento do indivíduo, o modo como ele apreende o meio que o cerca e também como se apropria do seu corpo, de sua identidade e de sua mente. Vários estudos, principalmente os que se ocupam da estruturação do psiquismo, mostram a importância das relações primitivas do bebê com sua mãe na construção desse processo.

Bion também prioriza as relações iniciais como suporte para a sua tentativa de compreender o desenvolvimento do psiquismo (Bion 1994). Ele nos apresenta um modelo sobre o pensamento. O homem é um sujeito que busca sentido e faz isso através da capacidade de pensar. Pensar, para esse autor, é uma capacidade que resulta do desenvolvimento de duas atividades mentais básicas, a dos pensamentos e o desenvolvimento de um aparelho que se encarregue de pensá-los.

O bebê, no começo de sua existência, traz consigo a pré-concepção de um seio que satisfaz (Bion, 1994). Se o objeto seio encontra-se ausente, e o bebê consegue tolerar esta frustração, é possível que esse espaço de falta transforme-se num pensamento, e desenvolva-se um aparelho para pensá-los. Essa idéia vem ao encontro do que é descrito por Freud em “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental” (1911), quando a predominância do princípio da realidade desenvolve-se simultaneamente à capacidade de pensar, como uma forma de suportar a frustração do momento em que se experimenta uma necessidade e o momento em que, através de uma ação apropriada, é possível satisfazê-la.

O bebê comunica para a mãe, através da identificação projetiva¹, emoções brutas ainda não compreendidas. Cabe à mãe recebê-las, modificá-las e devolvê-las de forma mais amena. Essa capacidade da mãe é chamada de função *rêverie*² (Bion 1994). É através dela que a mãe vai poder transformar as comunicações primitivas e não compreendidas em elementos com conteúdo emocional, que criam uma qualidade psíquica e proporcionam a matéria prima para os pensamentos. Nomear é dar nome às emoções. É a mãe que nomeia pela primeira vez. Nomeia as emoções, a cultura, os valores e o resto do mundo para que a criança o conheça.

Para chegar a esse desenvolvimento algumas condições são necessárias, sendo fundamental suportar as faltas que a vida apresenta. Se a capacidade de tolerar a frustração é pequena, a decisão pode ser a fuga, como uma forma de não sentir e reconhecer a dor que pode ser causada pela ausência do objeto. Nesse caso, não se desenvolve um pensamento, mas a percepção da realidade desprovida da experiência emocional correspondente, que se confunde com a coisa-em-si.³ A vivência da ausência é o que permite a simbolização, a instalação do desejo, o objeto pode ser pensado mesmo não estando presente. A impossibilidade de reconhecer essa falta produz condições somente para a ação e não para a simbolização. Há uma escolha de resolução, que pode ser pela evasão da frustração ou pela modificação da frustração (Bion 2000). O desenvolvimento do aparelho de pensar, no caso de evasão, fica perturbado e funciona apenas para livrar a psique do acúmulo de estímulos que são sentidos como objetos maus.

De acordo com esse ponto de vista, o pensamento se origina da possibilidade do indivíduo de reconhecer um espaço “onde havia algo, o seio ou outro objeto perdido” (Bion 1974 p. 16). Um sujeito que não tolera a percepção de um espaço mental com ausências, identifica esse como sendo restritivo, pois a realidade impõe a vivência de que nem todos seus desejos são atendidos na forma e no tempo imaginados. O *acting-out* – o agir como

¹ Conceito desenvolvido inicialmente por M. Klein e aprimorada por Bion. Mecanismo que se traduz por fantasias em que o sujeito introduz partes de si, ou sua totalidade no interior do objeto, para o possuir ou controlar. Com as idéias de Bion essa concepção adquire a função de uma comunicação primitiva.

² *Rêverie*- conceito desenvolvido por Bion (1994) utiliza o modelo do sonho. No latim *rêveri* quer dizer adorar, devoção amorosa. O bebê é venerado pela mãe, é concebido como seu objeto de desejo. É através dessa função que a mãe é capaz de receber a comunicação das emoções do seu bebê, decodifica-las e devolve-las nomeadas.

³ Coisa-em-si – usada no sentido kantiano para significar a coisa como o observador a vê. Coisas que poderíamos supor que fossem na realidade, sem a presença de um observador.

descarga, sem a existência de um pensamento – e também a alucinação, significam liberdade, pois são formas encontradas para que a dor da ausência não seja vivida. Se o indivíduo não suporta a percepção dessa realidade interna, que inclui faltas, corre o risco de interromper o princípio da realidade com as vivências alucinatórias, os delírios, as atuações. A adição às drogas se apresenta como um recurso que se utiliza da ação, e não do pensamento.

Chuster (1999), nos chama atenção para o aspecto da função do pensamento na estruturação do sujeito, e no reconhecimento de si mesmo como pertencendo a uma coletividade. “O pensamento organiza a cultura, por isso determina as formas específicas de se relacionar com a realidade” (p. 97). É dentro desse campo social que o sujeito vai tomar consciência de si como alguém que constrói a sua história através da apreensão que faz da cultura que lhe é apresentada. O pensamento vigente está atravessado pelo momento histórico e social, e assim é transmitido.

Conforme o exposto, para pensar se supõe que o sujeito tenha atingido uma certa capacidade de integração. Pensar e sentir não estão separados, já que o pensamento pressupõe uma experiência emocional (Bion 1994). Em casos onde houve falha no ambiente, a utilização de outros recursos se faz presente. O uso abusivo de drogas é um dos meios utilizados na tentativa de negar as fraturas expostas pela dor da falta. A droga, ao neutralizar as emoções, impede o processo de sentir. Não há como entrar em contato com a realidade, as ligações emocionais são impedidas e não se forma o pensamento sobre a própria fragilidade. Na sua vivência megalomaniaca, o sujeito impõe sua verdade inquestionável de forma arrogante e tem a ilusão de conseguir, nesse estado alucinatório, manter a dor sob controle, sem ser sentida, nem vivida.

O adicto, através do entorpecimento da mente buscado repetidamente, evita olhar para si. É uma busca que esconde um profundo sentimento de inferioridade. O efeito químico da droga traz uma vivência de prazer, provocando assim a sensação de que ele encontrou recursos capazes de superar seus conflitos, o que cria uma sensação de grandiosidade. Esse comportamento funciona como um enclausuramento, no qual a mente é alimentada pela sensação de grandiosidade. Quando percebe a clausura, entra em angústia e busca novamente a droga como alívio. Nas clausuras dos monges, apesar das poucas coisas que tinham, a sensação era de que não precisavam de mais nada, pois essa era a forma de estar

mais perto de Deus. O que o toxicômano busca não é pouco, é algo que na sua inferioridade parece muito grandioso. O efeito da droga traz a sensação de algo muito próximo de Deus, *a dois passos do Paraíso*.

Nesse enclausuramento, há uma vivência de megalomania, que vem acompanhada de arrogância e é provocada pela sensação de estar em contato com um objeto onipotente, no caso a droga, que traz a sensação de completude. O adicto vivencia a sensação de estar em sintonia absoluta com a mãe-droga.

4. 3. Entorpecimento da Mente: Tentativa de Busca de uma Passagem

Pode-se dizer que a vida começa com a experiência de uma fusão, que leva a uma fantasia da existência apenas de um corpo e um psiquismo para duas pessoas, e que essa unidade é indivisível. Embora já seja separado em sua singularidade própria, o bebê ainda não tem consciência disso. O dilema da dependência humana poderá tomar diferentes formas. Inicialmente o bebê possui recursos primários de apreensão do mundo que estão presentes na construção de formas de proteção ao esgotamento que as situações de separação da mãe provocam. Esses recursos apreendidos são buscados quando a carga afetiva é intolerável. São modos de atuar que ficam encapsulados na personalidade do sujeito e passam a ocupar o “palco psíquico” (Mc Dougal 1996) quando as outras formas já não são suficientes. O modo de atuar dos adictos remete a esse recurso.

A nostalgia de um retorno a uma fusão ilusória, o desejo de voltar a tornar-se parte da “mãe-universo” onipotente do início da infância, sem nenhuma frustração, nenhuma responsabilidade, nenhum desejo, permanece profundamente enterrada no fundo de cada um de nós. Mas num tal universo fusionado, não existe identidade individual. Poderíamos dizer que a realização de semelhante desejo equivale à perda da identidade própria, à morte psíquica. O prolongamento imaginário dessa experiência vai representar um papel importante na construção do psiquismo. Mas está presente, ao mesmo tempo, uma importante necessidade de separação da mãe.

Existe um momento em que a passagem de um mundo subjetivo interno, para um mundo real e externo faz-se necessária. Até então o bebê imaginava o seio da mãe como sendo parte do seu próprio corpo, sendo que essa ilusão onipotente foi, no início da existência, de uma importância estruturante no psiquismo da criança e, por isso, deveria ser aceita pela mãe. Aos poucos, porém, deve ser facilitado o processo para que a criança faça uma diferenciação progressiva entre o próprio corpo e o corpo da mãe, o “seio universo”. Essa passagem se dá em um espaço transicional e pode ser representada por algum objeto de posse exclusiva da criança, que vai ter a função de proporcionar uma “desilusão das ilusões”, mostrando que ele pode ter o seio, mas não é o seio.

Winnicott desenvolveu em sua teoria o conceito de objeto transicional ao observar os mecanismos utilizados pelo bebê durante seu desenvolvimento. O “objeto transicional”⁴ (Winnicott 1993) tem a função de exercer a sensação da presença da mãe protetora e, por isso, é amado. Ao mesmo tempo, cumpre o papel de ser continente às ações mutilatórias resultantes dos ataques da criança, como consequência de suas frustrações e, por isso, é odiado. Cria-se um espaço virtual, uma “área de ilusão”, onde a presença do “objeto transicional” permite a passagem entre fantasia e realidade, sendo esse um espaço potencial para a capacidade criativa. É também o momento em que as palavras começam a substituir as formas mais primitivas de comunicação. A palavra traz a evocação da “mãe protetora”, e essa representação mental permite que, aos poucos, as funções maternas sejam introjetadas. A palavra cria condições para que a criança se afaste e reconheça o que a mãe representa, permitindo que o objeto torne-se indiscriminado do seu significado. A partir desse momento, o desejo de fusionamento fica recalcado.

O objeto transicional apresenta-se como um recurso provisório até que o sujeito possa encontrar em si mesmo formas para lidar com a realidade que se impõe. O bebê, no seu saber primitivo, não encontrando ainda condições de lidar com a ausência da mãe inventa esse espaço que será utilizado como uma passagem. Ao longo da existência, em

⁴ Objeto transicional- termo utilizado por Winnicott para identificar fenômeno que ocorre no desenvolvimento da criança quando essa começa a desenvolver a noção de não-eu, de dentro e de fora. Cria-se uma área intermediária entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido. Vai ser responsável pela eterna luta do ser humano entre manter separadas realidade interna e externa mas inter relacionadas, por isso é chamada de área de ilusão e na vida adulta é responsável pela expressão da capacidade criativa e fantasias inconscientes. É um período que facilita a transição da criança de uma fase de dependência total a uma fase de independência.

alguns momentos, quando a vida faz suas exigências é possível a qualquer indivíduo fazer uso desse recurso. No entanto, em alguns indivíduos, aquilo que deveria ser utilizado como um abrigo provisório passa ser a forma de conduta principal. É possível pensar que nas adições, esse espaço de ilusão, seja difícil de ser abandonado. As adições nos apresentam um comportamento onde a ação se antecipa à palavra. Frente à impossibilidade do uso de referências simbólicas, a alternativa para o sujeito, é o ato sem uma elaboração mental mais complexa. A droga, através do entorpecimento impede a possibilidade da criação de novos meios de dar sentido à existência. Após a cessação do efeito químico da droga, conforme relatos de sujeitos adictos, a dor se impõe em dobro. Para isso, o adicto só consegue criar como solução a busca de novas doses. O objeto, que deveria ocupar um espaço de transição, aparece como recurso final.

As drogas que proporcionam prazer atuam diretamente no meio neuronal que permite a percepção do mundo, e agem como amortecedores da pressão da realidade. Como Freud reconhece no *Mal Estar na Civilização* (1930) são por esses efeitos que elas ocupam esse lugar de algo que causa benefício em toda história da civilização. O objeto que inicialmente surgiu como recurso que facilitaria uma passagem de um estado ideal para um estado possível, passa a ocupar no imaginário a idéia de que pode ser tornado eterno, criando uma sensação de independência do mundo externo. Nesse sentido o adicto é um desistente do jogo da simbolização. Ele paga a dívida com o apagamento de si como sujeito.

Não podemos deixar de abordar o efeito da droga sobre o corpo como organismo bioquímico. Esse corpo é ao mesmo tempo habitado pelos afetos, e a droga atinge ambos, tanto o organismo quanto o psíquico como um todo. Seu efeito agride tudo que deveria sustentar a existência do sujeito. Freud em sua teoria sobre o psiquismo nunca afastou-se da fundamentação biológica, mas mesmo nessa aproximação não abandonou a característica básica do ser humano: a função simbólica. O efeito da droga modifica justamente aquilo que é particularmente humano, que torna o indivíduo um ser da cultura, do pensamento, da palavra.

O que se vê no corpo drogado é a impossibilidade de viver as experiências emocionais legítimas, pois a mente intoxicada modifica o afeto correspondente dando sempre uma tonalidade de vivência prazerosa, quando as experiências do sujeito também incluem a

dor. Onde deveria haver uma experiência emocional verdadeira aparece um simulacro desta, uma mentira. Remete a comportamentos utilizados no início da vida para livrar-se da ansiedade frente a situações difíceis de serem toleradas onde o recurso disponível era algum tipo de ação para alívio da tensão. Com pouca tolerância a frustração não suporta as angústias provocadas por esse momento de transição para a realidade que se apresenta. O ato que deveria ser uma passagem toma o palco psíquico perpetuando o uso de artifícios intoxicantes. Mata a alma, transforma o corpo em carne.

4.4. Adições: Atalhos Para o Prazer

É possível observar que, na maior parte dos estudos que levam em conta o desenvolvimento psíquico no fenômeno das adições, há o reconhecimento da impossibilidade desses sujeitos em lidar com a frustração do adiamento do prazer ou da paz de espírito. Essa é uma marca reconhecida, apesar das diferentes nuances teóricas sobre as quais cada estudo se sustenta. Ao entrar em contato com o que possa causar sofrimento, o sujeito adicto busca imediatamente atalhos para uma solução mais imediata, evitando o confronto com a realidade psíquica.

Sabe-se que as neuroses têm como uma de suas características a presença de sinais de sofrimento. No entanto, conforme o desenvolvimento psíquico, a mente pode lançar mão de recursos que evitam o enfrentamento das dores humanas. Mc Dougal (1996) propõe pensar sobre o reconhecimento de algumas formas de defesa diferentes daquelas percebidas em indivíduos com uma estrutura neurótica. Em alguns indivíduos quando o confronto com a realidade se impõe, a percepção a respeito de si é de alguém que não conhece recursos próprios adequados para lidar com essa realidade. A adição às drogas, se vista por este vértice, pode ser considerada uma tentativa de dar uma resolução à dor mental através de recursos externos, no caso as substâncias químicas, que tranquilizam o espírito e suprimem provisoriamente o conflito psíquico.

A descarga no ato apresenta-se como a alternativa possível, quando a dor mental ultrapassa a carga suportável e falham as defesas habituais. Ao invés de conter a emoção, de poder pensar a dor, o recurso encontrado é a ação, o comer demais, o beber demais. São expressões cujo objetivo é uma forma de dispersar o afeto o mais depressa possível, pela impossibilidade de dar a essa sobrecarga uma outra resolução. “O termo *adicto* forma a partir do prefixo *a*-privação, mais *dicto*- dizer com palavras, a designação de um sujeito que não consegue através da linguagem expressar os seus conflitos. Cria-se um mundo secreto onde há negação dos afetos” (Mc Dougal 1996 p. 29). São indivíduos que apresentam dificuldades de identificar as emoções, seja raiva, fome ou desejo. Há uma incapacidade de refletir sobre acontecimentos que provocam algum tipo de vivência afetiva.

Os sujeitos que apresentam esse funcionamento lançam traumas para fora do psiquismo de forma singularmente diferente do funcionamento neurótico. Ao contrário do que ocorre na neurose, essas fontes potenciais de angústia não se tornaram simbolizáveis, uma vez que não sofreram nem recalçamento, nem recusa, nem negação. Esse método de funcionamento aparece no discurso associativo, dando uma tonalidade desprovida de afeto. Com esse recurso, o sujeito faz uma tentativa de confiscar um evento carregado de afeto, sem dar uma saída de forma simbólica.

O discurso do *adicto* apresenta-se com defesas estruturadas. Ele sustenta sua convicção ao afirmar ser essa a solução possível. A busca de tratamento geralmente é feita por alguém do meio e não pelo próprio sujeito, já que ele não pode reconhecer a existência de conflitos. Durante o tratamento o *adicto* apresenta um discurso repetitivo em se percebe formulações prontas adotadas verdades, mas desprovido do afeto de luto, esperado em quem perdeu alguma fonte de referência na vida.

A solução aditiva, graças ao efeito químico das drogas, dispersa rapidamente o conflito mental. É um recurso buscado no exterior do próprio sujeito. O efeito desejado é o alívio, embora fugaz, que reduz a dor psíquica, não exigindo um confronto que o sujeito sente-se incapaz de enfrentar. O paradoxo, no entanto, é que mesmo sendo de um potencial letal, a droga fica investida como um objeto bom, passa a ocupar o lugar da “mãe-seio” do início da infância, que é responsável por todo sofrimento e todo prazer que o bebê vivencia. Como nenhum objeto pode substituir o “objeto fantástico”, que no mundo interno sofreu

danos ou está faltando, este tem que ser buscado constantemente no mundo externo e em doses crescentes. Atualmente é possível reconhecer esse recurso empregado de forma bastante intensa nas práticas sociais. Os objetos ofertados pela publicidade são revestidos de um poder idealizado e consolador. Para um ego mais frágil, que tem dificuldade de tolerar as limitações que a vida impõe, essas ofertas poderão tomar na fantasia, o lugar do objeto que é capaz de apaziguar.

4.5. Verdade e Mentira: Quando é Possível Criar?

Não ter lar, vá. Não ter calma

‘Stá bem, nem ter pertencer.

Mas eu, de ter tanta alma,

Nem minha alma chego a ter

Fernando Pessoa⁵

O poeta nos fala da busca do homem por um sentido em sua vida. Intolerável é não ter alma. A mente humana é um mistério, um labirinto, um constante vir a ser. No que se refere à mente inconsciente, é necessário pensá-la dentro de um princípio de indeterminação, não no sentido de desorganização, mas no sentido da particularidade de cada sujeito. Um novo conhecimento, uma nova transformação ou uma nova alma irrompe constantemente no processo de constituição do sujeito. Bion (1974) ao criar a Teoria do Pensamento, nos oferece uma possibilidade de compreender esse impasse.

O pensar, para o sujeito, se impõe como uma necessidade e uma solução, “pois só o pensamento é algo que se cria a todo momento no ser humano. Criar é a única saída” (Chuster, 1999 p. 84). O inconsciente exige repetidamente a criação de novos pensamentos que dêem conta do instante vivido. Reconhecemos nesta afirmação a dimensão do tempo como irreversível, estamos nos referindo a um novo tempo, que sempre há e não se repete. A partir deste vértice os pensamentos podem ser vistos como um fenômeno transiente, que se expressam para dar visibilidade a novas criações. Nas adições às drogas, o impasse se dá

⁵ Pessoa, F. Poesias coligadas. 6ª edição. Rio de Janeiro. Editora Nova fronteira. 1981.

quando a mente entorpecida só consegue criar ilusão e desencontro com a realidade que se apresenta, evitando assim uma existência verdadeira.

A verdade nos estudos de Bion tem um valor fundamental na estruturação do psiquismo. Bion não se refere a uma verdade absoluta, pois esse é um conceito relativo. O único pensamento verdadeiro é o inconsciente, mas como é incognoscível, só é possível conhecê-lo através de transformações. É vital para o sujeito a possibilidade de “ser verdadeiro” e de poder comunicar essa verdade: ele busca isso como uma forma de atingir a liberdade interna. É dessa verdade que Bion fala, e assim afasta-se do conceito de verdade com uma conotação moral, entendida aqui como uma expressão vital do fluxo de emoções que transitam pelo psiquismo do sujeito. A mente humana se alimenta da verdade, sem ela a mente definha, empobrece (Bion 1974).

Ao ampliar a possibilidade de sofrer as emoções, o sujeito poderá sentir-se mais perto do que é ser verdadeiro. Sofrer a dor e o amor. Sem a verdadeira experiência o sujeito emocional sente-se esvaziado psiquicamente. Quando nos reportamos ao uso abusivo de drogas psicoativas, cujo efeito cria um estado de consciência alterado, estamos diante de alguém sem a possibilidade de viver as emoções de forma verdadeira.

A mentira por sua vez, segundo Bion, serve para ocultar um estado de mente do mentiroso. Assim como o conceito de verdade, a mentira não inclui um julgamento moral. Há longo tempo a verdade e a mentira estão no centro de muitas discussões filosóficas. Para a psicanálise (Bion, 1974) interessa a experiência relacionada com a dinâmica dos mal entendidos. A psicanálise ocupa-se na prática de algo que a filosofia enfoca teoricamente. Para poder abordar o problema a partir deste ponto de vista, torna-se fundamental afastar-se das ressonâncias morais.

A formulação de uma mentira é mantida porque o fato dela não existir resultaria perturbador para o indivíduo. A mentira toma forma para evitar a dor de um transtorno mental, e sua força, portanto, provém do risco da ocorrência de uma mudança no psiquismo. O mentiroso é alguém que descobriu a verdade, por isso recorre ao engano conseguido com a mentira. Trata-se, portanto, de um sujeito que não consegue entrar em

contato com a verdade, tanto interna quanto externa. Para Bion (1974), a mentira não se restringe somente ao domínio do pensamento, ela se estende ao domínio do *ser*, sendo assim, é possível *ser uma mentira*. O sujeito fica impedido de sentir-se verdadeiro e vive a sensação de falsidade. Com esse funcionamento ele também despoja o meio de significado já que os vínculos não se dão com a manifestação de afetos genuínos. A droga usada para alterar o estado psíquico funciona como uma mentira, o adicto reconhece a falsidade de seu estado, mas a sensação buscada é essa mesma. Há o reconhecimento de uma dor, mas ele sente-se incapaz de sofrê-la.

Os pensamentos verdadeiros se constituem, são expressões das vivências humanas que se manifestam e não necessitam de um pensador que as pense. Uma existência verdadeira não precisa ser sustentada, ela possui uma qualidade evidente por si mesma. Os pensamentos verdadeiros existem e urgem por serem expressos, não é necessária uma busca que lhes dê um significado. O sujeito apreende as experiências e deseja comunicá-las. Os pensamentos existem para dar expressão a essa necessidade de transmitir para reconhecer-se e ser reconhecido.

Uma existência falsa, ao contrário, precisa ser justificada, recriada e sustentada constantemente. É um recurso que deve ser produzido, pois não é a expressão de alguma verdade existente no psiquismo do sujeito. Como a mentira é despojada de significado emocional, já que não existe uma experiência emocional correspondente, necessita de uma versão que a sustente. Nesse sentido, a mentira precisa de um pensador que a pense e que crie argumentos para que possa continuar existindo. O mentiroso “cria” quando dá forma às suas fantasias de onipotência. Ao enunciar a verdade ele teria que registrar, expressar a representação da verdadeira experiência. O mentiroso faz alguma coisa ao dar versão à sua mentira, quando argumentos são gerados para conferir um feitiço ao que é relatado. Sustentar as várias formas criadas com essa finalidade é uma tarefa que demanda investimento. É esse comportamento presente na adição às drogas que faz com que ela seja conhecida como “doença da mentira”.

Ao mentiroso é necessária uma audiência que dê valor ao seu sistema de crenças como se fosse a formulação de uma verdade. Do ponto de vista do funcionamento do psiquismo não se pode falar de verdade absoluta, pois não há um valor absoluto para se medir

uma crença. O indivíduo pode ter um sistema de crenças confuso enquanto procura estabelecer um sistema correto para si. Pode acontecer que as impressões da realidade não sejam muito importantes, e se por algum motivo, a necessidade de saber ou negar a verdade entram em conflito, o indivíduo pode cortar os vínculos que colocariam em cena a intensificação desse conflito.

O sujeito esvaziado por esse comportamento vive uma existência construída sobre uma ilusão a qual teme renunciar. É exigida do sujeito a criação de novos enredos que sustentem essa trama, e que geralmente se baseiam num repertório repetitivo. Os pensamentos revelam ao sujeito uma realidade psíquica que muitas vezes é dolorosa, pois inclui faltas. A droga impede o processo de reconhecimento de um espaço com ausências, atacando a capacidade de pensar. O seu efeito químico funciona como um amálgama que une os espaços vazios. O adicto, por não tolerar a percepção das faltas, opta pela falsidade. Ele passa a ser hospedeiro de uma ilusão, uma mentira. Ao pensarmos a droga como uma mentira, teremos que nos reportar à possibilidade de um esvaziamento. Fica estabelecido um vínculo destrutivo entre o sujeito e a droga, como um hospedeiro e um comensal, já que a mentira despoja a mente de significado. Ele usa de todas as defesas para que a verdade não apareça, já que ela coincide com a experiência emocional, que é em última análise o que deve ser evitado a todo custo. A mentira funciona como uma tentativa de livrar-se rapidamente de algo incômodo, a realidade psíquica (Bion 1974).

Assim como Bion, Foucault também atribuiu à verdade uma grande importância no processo de subjetivação. São conceitos que partem de vértices diferentes de acordo com a teoria de cada autor. Mas há uma concordância no valor atribuído a ela na construção de uma existência ética. Para Bion, o crescimento mental do sujeito depende da verdade, e esse processo exige do homem a busca de uma existência verdadeira de acordo com suas emoções.

Por sua vez, a verdade na concepção de Foucault é definida como “(...) um sistema de procedimentos ordenados para a produção, regulamentação, distribuição, circulação de discursos. A verdade está ligada em uma relação circular, com sistemas de poder que a produzem e sustentam, e com efeitos de poder que ela induz e que a expandem” (Rabinow, 1995 apud: Eizirik, 2002 pp. 36-37). A verdade constitui-se como uma categoria

que não pode ser reconhecida sem que se pense-a dentro de um contexto histórico. O discurso sofre a coerção de forças, que são ações regulamentadas pelo poder, “a materialidade do discurso é, em toda sociedade, selecionada, controlada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por função conjurar os poderes e perigos, dominar o acontecimento aleatório e esquivar sua pesada e temível materialidade” (Foucault, 2002 pp.8-9). A materialidade do discurso produz verdade. Diferente de Bion, não é uma verdade que surge de uma necessidade do sujeito de viver as experiências emocionais de forma genuína, de maneira a poder ampliar a sua capacidade de pensar. O conceito de verdade que Foucault nos apresenta não está centrado no sujeito, mas é resultado desse jogo de forças que se faz presente no discurso vigente e no qual o sujeito está inserido. As verdades, no entanto, devem ser interiorizadas, passando a fazer parte de si mesmo como algo que é apreendido. Independente do ponto de vista com a qual se aborda a interiorização dessas verdades, elas passam a fazer parte do sistema de crenças do indivíduo. Desta forma a verdade se entrelaça com o poder, pois “não existe fora do poder ou sem poder” (Foucault, 1988b, apud: Eizirik, 2002).

Foucault (1999) interessou-se pela a importância do conceito de poder e de que forma ele se manifesta para produzir efeitos na subjetivação. Através dessas idéias, ele procura compreender como as práticas sociais e suas relações de poder operam sobre os indivíduos. O poder é visto como uma ação que age sobre outra ação. Para que exista uma relação de poder, é necessária a presença de dois elementos, onde aquele sobre o qual se exerce o poder seja reconhecido e mantido como sujeito que sofre a ação, e que se abra diante disso uma possibilidade de resposta, reações, efeitos. Se não existem dois elementos e não pode haver escolhas, fica constituída uma relação de violência, que destrói possibilidades de ação e atua sobre o pólo da passividade.

O poder produz verdade que se enraíza e se manifesta “profundamente no nexo social. (...) Viver em sociedade é, de qualquer maneira, viver de modo que seja possível a alguns agirem sobre a ação dos outros. Uma sociedade sem relações de poder só pode ser uma abstração” (Dreyfus, 2000 p. 246). Inserido no meio social, o sujeito está submetido às manifestações dos regimes de verdade, se constituem o pensamento de uma época, bem como criam espaços de exclusão. A verdade se faz presente na maneira de nos conduzirmos, sendo que em alguns indivíduos os questionamentos sobre essas verdades tomam formas menos

eficientes. Os recursos internos, que poderiam ser utilizados como formas de resistência, são desacreditados pelo próprio sujeito.

Enquanto para a psicanálise o olhar da mãe estrutura a criança para sempre, para Foucault o olhar captura o sujeito de forma permanente através dos dispositivos de poder. O olhar torna-se uma forma de poder sobre o indivíduo. As individualidades seriam alvo de controle do poder. Esse poder se materializa sobre o corpo, sendo esse “o lugar por excelência para a dominação do poder” (Birman, 1999).

Os dispositivos presentes nas práticas sociais, se vistos por este vértice, envolvem o sujeito em amarras sutis das quais muitas vezes é difícil livrar-se. As táticas empregadas pelos meios de comunicação obtêm seu objetivo de forma eficiente. Os *corpos dóceis*, resultado da materialização do poder sobre o sujeito, facilitam a governabilidade do Outro no poder. (Birman, 1999)

O sujeito, na condição de um ser grupal sofre a pressão de forças que incidem sobre as suas escolhas. É nos espaços da coletividade que essas forças se expressam, através dos diversos tipos de poderes “poder da língua, poder de sedução, poder do conhecimento, poder da razão” (Eizirik 2002). Toda cultura possui seus *regimes de verdade* (Rabinow 1995 p.130) que estão presentes nas práticas sociais e que se manifestam por redes visíveis ou muitas vezes invisíveis, mas sem dúvida capturam o sujeito e instalam-se naquilo que pensamos ser um exercício de escolhas. Nessa malha de interações, cabe ao sujeito construir conhecimento sobre si mesmo. Foucault propõe pensar um sujeito ético capaz de construir a si mesmo como “produto e produtor de conhecimento de si”. Ética é o tipo de relação que é preciso ter consigo mesmo, “(...) que determina como se supõe que o indivíduo se constitui a si mesmo como sujeito moral de suas próprias ações” (Eizirik 2002 p. 86). Um sujeito ético supõe a capacidade de fazer escolhas e poder responsabilizar-se por elas.

Em continuidade na sua atenção pelas questões da relação do sujeito com a verdade Foucault busca no mundo literário antigo o significado e o uso da palavra *parrhêsia*. Na sua acepção geral significa “dizer tudo”. Na *perresía* quem fala diz tudo que se passa em sua mente, ficando clara a intenção de comunicar tudo para uma audiência capaz de

compreender. Parresíasta é aquele que usa a parresía. Nos textos clássicos a palavra parresía aparece na maioria das vezes no sentido de “dizer a verdade”. “O parresiasta não é somente sincero e diz a sua opinião, mas sim que a sua opinião é verdade”.

Na concepção grega de parresía, parece não haver questionamento quanto ao indivíduo ser possuidor da verdade, visto que esta aquisição supõe a posse de certas qualidades morais. Quando alguém possui tais qualidades essa é a prova de que ele tem acesso a verdade. A maior prova de sinceridade do parresiasta é a sua coragem em comunicar sua opinião. Entrar em contato com a verdade pode ser um risco. Existe uma relação de sinceridade do sujeito com o que sente e pensa e a necessidade de expressão dessa verdade. Mas essa necessidade se dá por uma obrigação moral consigo mesmo e com os outros, e não por coerção.

A parresía implica uma relação do sujeito com a verdade através da franqueza, aquele que fala usa sua liberdade. O sujeito opta por uma relação com a verdade em vez da falsidade. Uma escolha ética. Dizer a verdade só se torna um bem dizer se há uma relação de franqueza, de honestidade do sujeito consigo mesmo. Novamente encontramos nesse conceito a sugestão de uma relação de sinceridade consigo mesmo, com suas emoções e seus valores.

4.6 O Sujeito no Espectro do Narcisismo↔Social -Ismo

A construção da nossa história se dá num espaço compartilhado, onde a subjetividade cria-se na experiência consigo mesmo e com os outros. Nesse processo de interações, Chuster (1999) propõe pensar o funcionamento do inconsciente dentro de um modelo espectral. Esse modelo permite ver o sujeito expressando-se de forma a incluir todas as possibilidades sem que isso seja contraditório, pois permite compreender o comportamento e também incluir a sua contrapartida, uma sombra, um fantasma. Nas teorias estruturais são utilizados diagnósticos que aprisionam o sujeito dentro de estruturas que se repetem e pouco levam em conta a subjetividade de cada um. Trazem implícita a idéia de uma explicação última que pode ser encontrada.

Ao conceber a idéia de inconsciente dentro desse modelo espectral, Chuster (1999) levou em conta o modo como Bion o entendeu, com certos princípios como o da infinitude, onde não existe um começo e um fim, mas infinitas possibilidades de combinações que vão resultar no comportamento observado. O sujeito do pensamento, como é apresentado na obra de Bion, é um sujeito que faz uso desse inconsciente. O inconsciente manifesta-se em constantes criações através de eixos que oscilam entre narcisismo↔social-ismo (Bion 2000). Existe no sujeito um desejo de existir que Bion identifica com pré-concepção (1994). É uma força cega que se realiza na tendência social-ista, a busca do ser humano por um significado. No pólo social-ista desse modelo espectral a pré concepção pode ser parcialmente satisfeita pela fabricação social do indivíduo, e só assim a mente pode sobreviver. Neste processo o indivíduo desenvolve-se como um ser social. Existem forças que se movimentam entre os dois eixos, e só uma tolerância à frustração vai permitir que o indivíduo reconheça o outro e ingresse na coletividade. É nessa bipolaridade que o homem se manifesta na sua individualidade ou na “sua vida social, ou, como Aristóteles descreveria, como um animal político” (Bion 2000 p. 117). Se essa busca de sentido, no entanto, reportar somente a si mesmo permanecerá inalterada, “seu destino é o fracasso, pois leva à morte do suporte vivente da psique e, finalmente, à morte do corpo: isto é o narcisismo” (Chuster, 1999).

No eixo do social-ismo manifesta-se a aceitação da condição de ser social, que reconhece a realidade não só com a função de frustrar, mas também como um meio de obter gratificação na interação com o ambiente. O reconhecimento da realidade também exige do sujeito renúncia à onipotência do pensamento e à satisfação imediata do desejo. O conflito manifesta-se no indivíduo entre estes dois pólos: narcisismo↔social-ismo. No estudo no qual desenvolve esse ponto de vista, Bion cita o artigo “Instintos e suas vicissitudes”, onde Freud (1915) expõe sua idéia de que o conflito se dá na relação entre a sexualidade e as pulsões do ego. De um lado é dada a máxima importância ao indivíduo, e de outro o “indivíduo é considerado um apêndice transitório do plasma germinativo que lhe foi legado pela raça” (Bion, 2000 p.117). Bion propõe então pensar em termos de conflito entre narcisismo e social-ismo, por considerar esta divisão mais frutífera. Essa bipolaridade refere-se à operação de busca de satisfação do sujeito na sua individualidade e aos elementos de sua vida social, independente do grupo de pulsões dominantes no momento.

Na busca de viver com autonomia, o indivíduo pode desenvolver uma linguagem que tenha durabilidade quando se estabelece com base na verdade. Bion identificou esse processo como uma *Linguagem de Êxito* (Bion, 1974), que é ao mesmo tempo uma ação e o prelúdio de algo que conduz ao crescimento, pois supõe haver uma continuidade. Essa linguagem refere-se sempre a um ponto de vista, não se apresenta como absoluta. Esse é o movimento que possibilita criação e que busca um saber que permite transformações. É uma atividade que está presente na *Cultura da Responsabilidade* onde há uma lógica que faz “funcionar a razão, mas permite que os indivíduos tornem-se capazes de assumir suas emoções, de perceber a dependência que estas emoções têm em relação às pulsões, como também o fato de que pertencem a uma coletividade instituída, que não pode viver sem leis, muito menos sem ética, e nem por acordo milagroso das espontaneidades” (Chuster 1999 p.161).

Em contrapartida, podemos reconhecer também uma *Cultura da Culpa* (Bion, 1974) onde predominam os afetos de vergonha e moralidade, que pode fazer predominar o puritanismo. É caracterizada através de uma *Linguagem de Substituição* (Bion, 1974), que substitui a ação que permite criar. Esta linguagem está baseada num modelo moral que divide o bem e o mal, e mantém um caráter imutável disfarçado em falsas tentativas de mudança. Como provém da culpa é um movimento que promove a repressão, impedindo a criação. Numa atitude narcisista, o sujeito reivindica sempre o desejo de exceções, não levando em conta a regra de que somos todos iguais. Nesse movimento são criados espaços para o surgimento de totens e cultos totalitários, transferindo assim a onipotência para objetos que dêem continuidade a esse funcionamento. As adições pertencem a essa forma de funcionamento onde impera a onipotência.

Na *Cultura da Responsabilidade* há uma renúncia à onipotência. É aceito o fato de que não pode haver o predomínio das pulsões, pela percepção de si mesmo como um ser social. Porém, ao mesmo tempo o sujeito reconhece que não é necessário defender-se das pulsões. Ele é capaz de tolerar suas impossibilidades sem uma tentativa de preencher os hiatos somente por não suportar reconhecê-los. É um processo que pode possibilitar ao sujeito o exercício da autonomia ao responsabiliza-lo por seus atos e suas emoções. As transformações em direção ao crescimento mental e autonomia do sujeito tem como meta passar da *Cultura da Culpa* para a *Cultura da Responsabilidade*.

O sujeito adicto imagina que está impossibilitado de fazer escolhas éticas, pois sente-se submetido a um *regime de verdade*, que o coloca no círculo de aprisionamento da droga. Com o uso de uma *Linguagem de Substituição*, não pode criar novas possibilidades. Nos manuais de psiquiatria podemos reconhecer essas manifestações como a identificação de “estreitamento do repertório de beber”, que busca na ação cada vez mais uma solução. O sujeito adicto, através do entorpecimento da consciência reproduz comportamentos sem responsabilizar-se por eles. Ele entra no aprisionamento imposto por este circuito.

4.7. Discurso da Arrogância Encobrendo o Dilema Potência↔Impotência: O Sujeito Social Pressupõe Renúncia à Onipotência

A psicanálise, ao propor uma proximidade do sujeito com a verdade, mesmo levando em conta a existência de hiatos intransponíveis, remete a uma possibilidade de uma outra relação do sujeito consigo mesmo. “Um novo vínculo do sujeito com o trânsito de pensamentos, sentimentos e idéias nas distintas relações da vida” (Chuster, 1999 p.15).

O sujeito adicto ataca os vínculos que permitiriam um novo conhecimento de si mesmo, evita entrar em contato com as próprias impossibilidades. No modelo espectral da mente, está remetido em direção ao pólo narcisista, com dificuldade de renúncia à onipotência. No narcisismo, onde prevalece a satisfação buscada em si mesmo, o sujeito social fica impossibilitado de transformar-se. Saindo desse pólo em direção ao social-ismo, a mente em transformação poderá vivenciar a satisfação, mas também a experiência da renúncia, inaugurando assim o indivíduo no social. A sobrevivência do psiquismo depende da aceitação do ingresso no social-ismo. Ao defrontar-se com novas formas de significados com os quais possa se identificar, o sujeito pode constituir sua subjetividade. A psique necessita reportar-se ao social para sua busca de sentido, criando a cada momento novas formas de enunciação das experiências.

Em personalidades onde predominam os impulsos destrutivos, o orgulho transforma-se em arrogância, enquanto nas personalidades onde predominam os impulsos para a vida, o orgulho transforma-se em auto-estima. Assim Bion define esse conceito no artigo “Sobre a arrogância” (1994). Quando esse estado mental, a arrogância, se encontra

presente, é possível supor que houve um *desastre mental* quando se estruturava o psiquismo desse indivíduo. O sujeito que não desenvolve a capacidade para pensar as experiências, e, em lugar disso, gera como substituto a onipotência, sente que pode tudo.

Numa organização mental onde está presente a arrogância, aparece intolerância com as impossibilidades e incertezas próprias do sujeito. Esse temor é denunciado por uma relação de posse com uma verdade absoluta. O sujeito constrói a própria verdade, que contraria as leis da lógica e da natureza, e tenta impô-la aos outros, como sendo única e definitiva. É uma tentativa de fazer com que o desastre psíquico permaneça oculto, e no seu lugar apareça uma verdade imposta de maneira arrogante.

Quando, no início do desenvolvimento, houve falhas na comunicação do bebê com sua mãe, a possibilidade de crescimento mental e de apreender com as experiências ficam prejudicadas (Bion, 1991). O modelo de funcionamento utilizado pelo sujeito mais tarde é o da impossibilidade de uma relação criativa. Qualquer hipótese que possa surgir nessa direção é atacada pelos aspectos destrutivos. Assim, o sujeito ataca qualquer tentativa de elo de ligação que articule o desejo de saber e as emoções que poderiam ajudá-lo a construir um novo conhecimento sobre si mesmo, ou, em outras palavras, uma outra verdade menos ameaçadora.

Ao estruturar-se dessa maneira, o sujeito não inclui a possibilidade de um diálogo, que permitiria a inclusão de um outro ponto de vista. O sujeito adicto apresenta com frequência esse mecanismo na sua forma de relacionar-se com o mundo. Quando é abordado, o adicto identifica o interlocutor como alguém curioso a respeito dele, sendo, portanto, um objeto ameaçador. Nos indivíduos adictos, a conduta adotada é de defesas muito empedernidas, com ataques destrutivos contra toda ligação. Há um discurso delirante que sustenta a verdade de que o sujeito tudo pode. Deixar a droga é a possibilidade de ter um novo conhecimento sobre si mesmo, que inclui a aceitação da finitude. Exige do sujeito a renúncia à onipotência.

A lei, quando se funda no sujeito, não o proíbe de desejar, mas proíbe a satisfação plena do desejo. É quando se instaura o campo do desejo. O sujeito renuncia à

onipotência e ingressa no social. No uso transgressivo da droga, a lei, assim como os desejos, ficam encobertos. Ele estabelece com a droga uma relação ilusória de auto-suficiência.

A onipotência é uma ilusão. A vida real coloca o homem diante de frustrações. O adicto, ao substituir o pensamento pela onipotência, só aumenta a frustração. O objeto droga, que é inicialmente procurado para trazer satisfação, não traz o resultado esperado, pois está sustentado em uma ilusão. O pensamento poderia diminuir a frustração diante da realidade, mas não sendo possível expressar-se nessa personalidade, impele o adicto para a ação cada vez mais violenta. Quanto mais ele se afasta do pensamento em direção à onipotência, mais aumenta a frustração que o impele no sentido de ações reguladas pela crueldade. É um método que não permite a construção de um novo conhecimento.

O adicto, através do entorpecimento da mente buscado repetidamente, evita um olhar para si. Está submetido ao movimento de busca do objeto idealizado capaz de diminuir a dor de viver. Deixa de ser sujeito desejante e capaz de fazer escolhas, passa a ser objeto da droga.

4.8. A Confissão de “Ser Humano”: O Dilema do Adicto, o Que Ele Não Pode Saber de Si

Em todas as áreas de conhecimento o homem sempre buscou aprimorar os saberes. Essa prática, no entanto, não exclui uma outra dimensão presente que é a de *des-conhecer*. Assim em todas as buscas se apresenta também uma recusa de saber, que fica dirigida às questões que se impõem e que se fazem aparecer de formas menos claras (Foucault, 1988). Outros discursos, entre eles o dos vícios e da loucura, também impõem questionamentos que despertam o desejo de *não vir a conhecer*. Há uma busca de novos sentidos, mas percebe-se ao mesmo tempo fechamentos. Para a psicanálise, a negação é uma das formas que aproxima do objetivo de *des-conhecer*. Esse é o principal mecanismo de defesa utilizado nas adições, tanto pelo adicto quanto pelo meio que o cerca.

A busca de sentido é uma das angústias que move o homem, e que o leva a procurar conhecimento sobre sua existência. Na Grécia antiga, o conhecimento e as *técnicas*

de si tinham como objetivo reger as condutas e as escolhas do sujeito. Não se restringiam somente a um acúmulo de conhecimentos, mas a um conjunto de práticas, que tinham como finalidade a construção de uma arte da existência. Eram considerados preceitos básicos para a arte de viver. Foucault (1997b) busca compreender como *as relações consigo mesmo e com os outros* de acordo com o momento histórico estão presentes na constituição do sujeito. A questão do *cuidado de si* se faz visível na forma como o indivíduo constitui a sua subjetividade. São técnicas conhecidas em relação a um tipo de ato que os gregos conheciam como *aphrodisia*, e, para o qual, o termo sexualidade não é suficiente. Compreendia a formação do sujeito através de técnicas de vida e da prática dos prazeres e não só do que é interdito pela repressão.

A subjetividade inscreve-se também a partir do próprio corpo, e não como uma entidade separada. “O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal” (Freud, 1923 p. 40). A nossa constituição como sujeitos não está só no psiquismo, nem só na superfície, mas em todo nosso corpo. Dentro dessa leitura, o ego-corpo constitui-se submetido às forças presentes durante seu desenvolvimento. As adições, assim como outras manifestações de sofrimento que atingem o corpo, podem ser vistas como expressões de uma dor que não encontrou outra forma de se expressar.

O saber do sujeito individual e social se constrói atravessado pela cultura onde está inserido. Na Antigüidade, a idéia que ordenava o pensamento era de voltar-se para si mesmo através de um conjunto de procedimentos. Essas práticas baseavam-se no princípio que ao ocupar-se de si, o sujeito poderia ser soberano de si, portanto, independente. Ao se conhecer, o sujeito poderia viver de acordo com suas possibilidades e seus valores. Esse conhecimento permitiria exercer uma governabilidade de si, que pressupõe a capacidade de fazer escolhas e responsabilizar-se por elas.

A partir do cristianismo, o conhecimento de si já não é utilizado para uma estética da existência que está na base de um viver bem. Instaura-se um pensamento baseado na crença de que saber da verdade do sujeito é fundamental para a governabilidade. Através da prática da confissão, instituída nesse momento, a verbalização do que se passa na alma e sua penitência passou a ser condição básica para governar (Foucault 1988a). A confissão é uma prática centrada na culpa como valor, ao contrário das práticas da Antigüidade que

buscavam um viver ético baseado no conhecimento de si. O objetivo buscado, o da governabilidade, nesse ponto de vista, parte do princípio de que o exercício de governar só é possível se há conhecimento sobre o que se passa na alma dos indivíduos. O homem, além de obedecer, deve proclamar quem ele é.

A confissão ficou ligada ao pecado e à penitência, provocando na cultura ocidental uma necessidade do distanciamento do si, que traz como consequência uma aproximação da destruição do si. O conhecimento de si tomou uma acepção de egoísmo. Ao confessar, mesmo que seja para si, seus desejos, seus impulsos, o homem deve reconhecer sua fragilidade e esperar pela punição. A confissão aproxima da vergonha. O sujeito teme entrar em contato com suas expressões humanas mais íntimas, que devem ser mantidas afastadas. A confissão fica muito próxima da aceitação em ser um sujeito do pecado. A culpa é seu viés principal (Birman, 2000).

Numa tentativa de humanizar o tratamento e incluir as adições no discurso médico, o termo alcoólatra que já vinha carregado de julgamento moral, foi substituído por alcoolista, e drogado ou viciado por adicto ou toxicômano. A nomenclatura foi mudada com a intenção de tirar as adições do território de quem sofre o julgamento de ser “fraco, sem vergonha”. No entanto, essas opiniões formadas antecipadamente permaneceram presentes. Assim como as doenças psiquiátricas, as adições pertencem a uma categoria que deve ficar oculta. Mesmo sendo compreendida como uma doença que requer tratamento, o julgamento moral em relação ao sujeito adicto se faz presente.

O vício e sua proximidade com a vergonha e a “fraqueza humana” pertencem a uma categoria que não é reconhecida como capaz de se fazer escutar. O discurso moral divide a loucura em duas categorias, a boa e a má loucura. A boa loucura fica ligada à idéia de heroísmo, em expressões que aparecem num momento de desatino, onde predomina o impulso. A essa loucura é dada uma certa cidadania, e a pena fica atenuada. Já a má loucura aproxima-se das noções de degenerescência, perversidade, criminoso nato cujo delírio só fala do mal. Remete à “loucura do vício”. A sociedade só pode ser protegida da má loucura pela condenação ou exclusão (Foucault, 2000).

As adições ou os “viciados” carregam as marcas desses preconceitos, e os modelos de tratamento evoluíram sob a influência do julgamento moral. Os olhares, médico e religioso, sempre predominaram nas propostas de tratamento desenvolvidas. Os grupos de Alcoólicos Anônimos são um exemplo da presença desses modelos, que têm como objetivo a recuperação através da abstinência total. Os Alcoólicos Anônimos surgiram a partir de uma experiência ocorrida em 1935 nos Estados Unidos, e logo se expandiram pelo mundo. Baseiam-se na experiência de dois sujeitos, com uso abusivo de álcool, que compartilhavam através de conversas as suas dificuldades para manterem-se afastados dessa prática. Reconheceram que, após essas confidências, era possível, através da troca de experiência, prolongar o tempo de afastamento do uso de bebida. Os grupos de Alcoólicos Anônimos desenvolveram alguns princípios que são seguidos mundialmente até hoje. A prática da confissão está presente já no Primeiro Passo: “Admitimos que éramos impotentes perante o álcool – que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas”.

Embora os grupos de Alcoólicos Anônimos mantenham a regra do anonimato, é exigido que o adicto confesse entre seus iguais sua dependência em relação ao objeto droga. Ao serem descritos os Doze Passos necessários para a busca da abstinência, o objetivo era “codificar as idéias espirituais da sociedade” e aplicar esses princípios ao dilema do alcoólico (A. A. 1972). Essa prática supõe que a confissão diante de si e do outro seja um reforço para chegar ao objetivo da abstinência. A “recaída”, quando acontece, aproxima-se do “pecado”, e tem como penitência a vergonha e exclusão do grupo, sendo por isso temida. Faz parte do funcionamento desses grupos que eles sejam freqüentados somente por indivíduos que vivem a mesma problemática, não é permitida a interferência de profissionais médicos, religiosos ou outros. É possível que, a confissão diante de seus iguais, diminua a intensidade de sentir-se como alguém que está incluído na categoria de “fraco, sem vergonha”, e, portanto pertencendo ao território da exclusão. O pertencimento a um grupo onde o adicto não é minoria também tem como objetivo a diminuição dessa ideia de exclusão. A filosofia dos grupos de A.A., apesar do seu inegável sucesso diante do objetivo proposto que é manter a abstinência, tem o seu suporte na eficiência da confissão.

A ética praticada na Antigüidade, que estava baseada no cuidado de si, foi substituída a partir da confissão por uma moral centrada na culpa. Com a instituição dessa prática regida pela culpa e pela conseqüente penitência, só resta ao sujeito recusar a verdade

do seu ser. Publicamente ele confessa suas fraquezas e espera-se que a vergonha impeça a repetição. A confissão, para Foucault, é um componente centralizador das tecnologias que visam a disciplina e controle dos corpos, das populações e da sociedade (Dreyfus, 1995).

4.9. O Indivíduo na Sociedade Contemporânea: Qual é o Espaço Para a Subjetividade ?

Ao privilegiar os aspectos subjetivos presentes nas adições, o objetivo aqui buscado é incluir um ponto de vista que possa contribuir para a compreensão dessa problemática. Para chegar a tal meta, essa pesquisa terá como prioridade evitar a criação de mais um campo segmentado de verdades absolutas. A investigação das possíveis significações subjetivas do uso abusivo de drogas tem como finalidade examinar se o sujeito, ao adotar essa solução, está denunciando sua impossibilidade de pensar seus conflitos. Com o uso abusivo de drogas ele ataca os vínculos com a realidade e provoca o fechamento para a busca de sentido de sua existência. Está impossibilitado de constituir-se como sujeito com conhecimento de si e do mundo.

As adições aparecem com alterações no comportamento e, portanto, atingem o meio no qual o sujeito habita. São manifestações que aparecem em sujeitos adultos ou jovens, de quem já se espera um comportamento social adequado e uma atividade ocupacional produtiva, que tanto pode ser estudo ou trabalho. Considerar o sintoma como social, é condição necessária para a compreensão do uso abusivo de drogas. No entanto, para entender as adições é necessário ir além das estruturas sociais e psíquicas, procurando escutar também o que está presente em cada sujeito na sua singularidade.

Na sociedade contemporânea, com suas características narcísicas, onde a premissa máxima é o consumo, o discurso que se ouve é do investimento feito em objetos externos que oferecem a sensação de bem estar. Essa crença é sustentada pelas experiências infantis de gratificação dos desejos pela mãe-universo e atualizada através da reprodução oferecida pela sociedade atual. São práticas que devolvem e reforçam constantemente ao sujeito as características de megalomania, próprias do comportamento aditivo.

Diante do fato de a sociedade atual sofrer grandes transformações em consequência do rápido desenvolvimento tecnológico, devemos reconhecer a exigência de novos modos de ser e habitar a contemporaneidade. As transformações que ocorrem no campo social não conseguem acompanhar o ritmo do desenvolvimento das tecnologias, causando um vácuo que vai também se refletir nos modos como se dá a subjetivação na atualidade. O momento atual, no qual impera a velocidade em consumir, produzir e criar imagens - que logo serão substituídas por novas formas de satisfação - não tem tolerância com as manifestações de aspectos primitivos do que é humano (Virilio 2000).

Essas mudanças que ocorrem de modo alucinante afetam todas as estruturas presentes na sociedade. A família vem se reconfigurando em novas formas de organização. As figuras que antes representavam nitidamente a quem o sujeito devia se reportar vão perdendo cada vez mais seu lugar. A ordem social vai se dissolvendo numa organização dispersiva e abstrata. Há um rompimento do elo que fundava o ser na origem social. O sujeito fica privado de se fundar como ser, pois na busca que é feita no outro já não encontra uma estrutura segura, uma vez que os laços encontram-se esgaçados.

Nas sociedades tradicionais a origem definia algo a respeito do destino do sujeito. Quando nascia, seu futuro estava determinado pela estrutura social e pela ordem familiar. Na contemporaneidade, a origem diz pouco a respeito do sujeito. Ele já não tem pertinência. A origem social lhe dá, no máximo, um nome, e a partir daí somente o desconhecido. “A mobilidade social faz do destino um encargo individual. De modo que o sujeito se vê muito mais angustiado diante da exigência de construir uma resposta para esse vazio do ser” (Khel, 2002).

Dentro da teoria psicanalítica que entende o superego como herdeiro do Complexo de Édipo, podemos supor que o enfraquecimento dos laços sociais, como se vê na sociedade atual, possa acarretar implicações na estruturação que faz com que o indivíduo possa renunciar à satisfação absoluta. A fragilização das referências simbólicas até então conhecidas – família, religião – faz surgir uma cultura onde o sujeito não tem a quem se reportar, propiciando um sentimento de individualidade, onde a liberdade toma um lugar de auto-afirmação, e parece não ser necessário um limite. Cabe ao indivíduo buscar outras figuras com quem possa se identificar. O uso de drogas apresenta-se como um recurso onde

tudo isso toma uma forma visível. A busca cada vez maior dos jovens por drogas ilícitas e sua ligação com o crime podem denunciar o enfraquecimento da ordem social. Essas forças presentes na sociedade, de alguma forma, incidem sobre o sujeito que se estrutura no interior dessa coletividade. Mesmo que o sujeito seja constituído por uma matriz significativa, o fato é que, durante toda a existência, ele sofre ressignificações enquanto interage com os códigos sociais que se apresentam.

Os modelos ofertados se apresentam cada vez mais difíceis de serem internalizados, pois são transitórios, facilmente substituídos. O homem é um sujeito em movimento, e é esta busca que dá sentido a sua existência. *A falta a ser* pertence à condição humana (Kheh, 2002), o indivíduo se apresenta sempre como um projeto falho, com algo a ser restaurado. É próprio do sujeito que ele não esteja definido em lugar nenhum. A verdade do homem não está dada pela natureza como nos animais, onde existe uma verdade da espécie. Se essa busca do vir a ser é constante no ser humano, ela se intensifica na modernidade, onde o encontro com o outro se dá de maneira superficial, efêmera, quando não de maneira virtual.

Como nenhum objeto pode substituir o “objeto fantasístico”, que no mundo interno sofreu danos ou está faltando, esse tem que ser buscado constantemente no mundo externo e em doses crescentes. A solução aditiva, graças ao efeito químico das drogas, dispersa rapidamente o conflito mental. O recurso é buscado no exterior do sujeito. O efeito desejado é o alívio, embora fugaz, que reduz a dor psíquica, não exigindo um confronto que ele sente-se incapaz de enfrentar. Atualmente é possível reconhecer esse recurso empregado de forma bastante intensa nas práticas sociais. Os objetos ofertados pela publicidade são revestidos de um poder idealizado e consolador. Para um ego mais frágil, que tem dificuldade de tolerar as limitações que a vida impõe, essas ofertas poderão tomar o lugar na fantasia, do objeto que é capaz de apaziguar.

Com o desenvolvimento da tecnologia, o sentido do ser localiza-se cada vez mais fora do corpo humano. Mesmo na infância, o brincar já não se constitui um espaço de interação entre fantasia e realidade, onde a criança pode desenvolver-se como um sujeito. Os brinquedos são tão perfeitos que dispensam a função de criar. Há um afastamento da experiência com o objeto real, que, através da interação, possibilita o desenvolvimento do

mundo psíquico, lugar das fantasias e da capacidade criativa. Estes objetos estão sendo substituídos pelo virtual que exclui a experiência corporal.

O tempo de espera que, na estruturação do sujeito, tem a função de desenvolver sua capacidade de tolerância à frustração e adiamento do prazer também deixa de ter sentido. Habitamos hoje uma sociedade onde o sacrifício foi abolido. A principal demanda é consumir e não adiar. Há uma prescrição totalitária pela busca do prazer. O gozo tomou um lugar prioritário no imaginário da cultura. Sendo esse o espaço e tempo onde estamos incluídos, é compreensível que cada vez mais se busquem atalhos para esse bem estar tão desejado.

O ser humano funda-se numa infinidade de encontros, mas também de desencontros. Desencontros entre o eu e o não-eu, entre a busca e o encontro do objeto. São esses desencontros que permitem a instalação do desejo, do pensamento, das aquisições singulares e as adquiridas pela cultura. O objeto do desejo é um objeto simbólico. Na atualidade, como a sociedade se apresenta, sem lugar para o sacrifício e onde o gozo é exigido o tempo todo, não há produção de desejo. As pessoas passam a se fazer desejadas, como se o desejo estivesse no corpo real, como se fosse possível produzir desejo através da compra e venda de roupas de grife, de cirurgias plásticas, de corpos malhados. O objeto real, em algum momento, falha ao sustentar essa ilusão, pois o desejo não está no real e sim na fantasia, no sonho. Quando o objeto falha abre espaço para a depressão. Havendo capacidade de tolerar a ausência, é possível a busca de uma alternativa, mesmo que não seja de forma instantânea. Para o sujeito adicto, as únicas soluções possíveis são os atalhos que trazem o alívio mais imediato.

Sabemos que a filosofia de soluções fáceis vem ao encontro do desejo de muitos indivíduos. Os meios de comunicação atingem hoje níveis de penetração até então não imagináveis. Sustentada pelo interesse de poderosas forças econômicas a mídia explora imagens que tem o poder do encantamento. Os produtos ofertados vendem a idéia de que são capazes de resolver o drama do padecimento humano. Vivendo numa sociedade onde não há lugar para a espera, o indivíduo amplia sua sensação de falta. A droga, através do seu efeito químico, apresenta como solução a sensação de bem estar imediato. Essa visão está muito

próxima da idéia de paraíso, demonstrada através das belas imagens divulgadas pelos meios de comunicação na tentativa de vender os seus produtos.

Abadi (1984) refere que “os meios de comunicação visual e verbal multiplicam infinitamente a possibilidade de domínio sobre os indivíduos, já que acentuam a assimetria da relação, privilegiam o valor das imagens, e mais ainda, tendem a perverter o valor simbólico da linguagem ao utiliza-la em consignas imodificáveis. Deste modo a publicidade oferece promessas de identidade individual que contém uma proposta de massificação, necessária para dar coesão um partido político, uma seita, uma religião ou para vender um produto fabricado em série” (p.1039). Segundo a autora, essa prática remete à arcaica fase de dependência total do objeto “..onde aparece o poder no lugar de Eros.” O poder necessita massificar, apagar as diferenças onde se expressa o desejo. O sistema narcisista sustenta-se em cima da admiração dos outros e, se esse suporte falha, é derrubado. A droga mantém essa construção ilusória. Propõe uma questão para ser pensada “... serão as adições, sofridas e manifestas, o reverso de uma outra adição, impensada e secreta: a adição ao poder?” (p. 1039).

Para Khel (2002), o sintoma se expressa no laço social quando as regras sociais vigentes não conseguem dar conta do que se manifesta e então aparecem os desajustes. “O sintoma como solução de compromisso, no caso do sintoma social, seria uma tentativa da sociedade oferecer um lugar para aquilo que a cultura não é capaz de simbolizar” (Khel 2002 p.2). Várias tentativas de programas de prevenção ou combate ao uso abusivo de drogas, utilizando recursos de repressão, de informação, do discurso médico ou moral, tem obtido resultados insatisfatórios (Lopes, 2003). Essa realidade nos faz pensar que há ainda muitos “não ditos” (Foucault 2000 a) no discurso a respeito dessa problemática.

4.10 Um Sujeito Inscrito num Circuito Que Aprisiona

Inicialmente as buscas do indivíduo por um sentido dirigem-se à mãe e tudo o que ela representa. Nesse percurso, que se estende por toda a existência, o sujeito também se depara em alguns momentos com desencontros, que são as faltas vividas por ele quando o objeto de satisfação não está disponível. Alguns vivenciam essas falhas como um “desastre psíquico” que não pode ser reconhecido. A falta é inerente ao humano. Sem esse reconhecimento o sujeito não renuncia a ser o centro do mundo, e acredita de forma onipotente que tudo pode. A onipotência está muito próxima da impotência.

Faz parte da condição humana a busca de objetos que satisfaçam o desejo de completude do sujeito. Nesse processo, a função do uso abusivo de drogas, mesmo ocupando formas específicas de acordo com o momento histórico, é o esquecimento de que não existe um objeto onipresente capaz de preencher todas as necessidades.

A droga embriagadora pode ser potencializada pelo jogo de forças externas que incidem sobre o sujeito e também se vestir de novos trajes, mas mantém a sua função de entorpecimento da mente. Na sociedade atual, há um incitamento ao *eu* absoluto, a busca do sucesso e do prazer sem adiamento são incentivados. As práticas sociais, a mídia e o pensamento vigente mostram ao sujeito, de forma implícita ou explícita, que é ele o centro do mundo e, portanto, de forma ilusória ele pensa que tudo pode. O aspecto narcísico da sociedade devolve e reforça a megalomania e a arrogância, comuns no funcionamento aditivo e que são acentuadas pelo efeito da droga. Com suas fantasias de grandiosidade, o sujeito adicto tenta impor a sua verdade de forma arrogante. Ele não consegue passar de um ponto de vista a outro, adota uma atitude de des-conhecer.⁶ Dessa forma, o sujeito utiliza mecanismos que estão a serviço de uma história que deve permanecer oculta, para não trazer à tona o desastre psíquico que não é tolerado. O sujeito precisa esquecer, por isso busca o entorpecimento da mente.

⁶ Des-conhecer – o contrário do conceito de conhecer, que significa ter noção, conhecimento, informação, de; saber. Refere-se a uma tentativa de não reconhecer um outro ponto de vista que não seja aquele que ele considera como verdade

A droga, como é usada hoje, não tem como prioridade a função religiosa,⁷ não está questionando valores, não cumpre o papel de identificar rebeldia, nem tem a função social de apaziguar ou neutralizar movimentos. A droga é usada como remédio para a dor de viver. Isso obriga o sujeito a permanecer no ciclo no qual se inscreveu; busca a droga como uma saída possível ao mal-estar em que se encontra e, cruelmente, como alternativa à saída que lhe foi possível, encontra a mesma estrutura insuportável que o levou a recorrer a ela. Sente-se prisioneiro de modo inevitável de um destino fatal.

Quando falamos em comportamento aditivo, estamos no terreno da uma doença que pode ser caracterizada por um quadro clínico determinado, mas também falamos sobre um espaço onde se expressam os conflitos comuns ao ser humano em relação à dependência. No uso abusivo de drogas, esse conflito aparece como a monotonia de um comportamento que se repete. Toda dependência se dá entre um sujeito e um objeto. A dependência, nesse caso, se estabelece sobre uma relação de idealização, fascinação e ao mesmo tempo temor e submissão. O objeto droga reina absoluto.

No desenvolvimento das adições, o sujeito passaria da vontade de se drogar à “necessidade”, quando ficaria liberado do desejo, pois permanece num ritmo quase biológico de busca do objeto droga. O ato encobre a impossibilidade da capacidade de simbolizar. A droga toma o lugar do desejo. (Conte, 1997 b)

A teorização a respeito dos problemas é uma necessidade, mas nesse caso, buscar aplicabilidade na clínica pode ser a diferença entre a vida e a morte. Ao dar a palavra para que o sujeito adicto possa, a partir do seu discurso, denunciar as vicissitudes da sua relação com o uso de drogas, somos convidados a esquecer os saberes que tratam as adições como clichês. A partir daí, será possível de encontrar formas de intervenções longe do discurso estereotipado.

⁷ Função religiosa – Baseada no conceito de religião como crença na existência de uma força ou forças sobrenaturais, considerada(s) como criadora(s) do Universo, e que, como tal, deve(m) ser adorada(s) e obedecida(s). A manifestação de tal crença por meio de doutrina e ritual próprios, que envolvem, em geral, preceitos éticos.

As drogas, pelas suas propriedades farmacológicas, com poder de instaurar uma dependência física, costumam ser vistas como sendo o problema. Quando as drogas adquirem um estatuto autônomo, transformam-se em algo que precisa ser combatido, impedindo o reconhecimento de um problema que pode estar sendo potencializado pelas práticas sociais atuais. Mesmo levando em conta a qualidade dessas propriedades químicas, a nossa proposta é direcionar esse estudo para o *sujeito* que adota esse comportamento.

Como foi postulada inicialmente, a compreensão das adições exige uma diversidade de olhares. A psicanálise, ao elaborar o estudo do desenvolvimento da singularidade na experiência humana, nos permite avaliar sob esse ponto de vista. Porém, as adições incluem também a manifestação de um sintoma social. Não dependem somente das inclinações do sujeito, mas também das incitações que são exercidas pelo meio. Sob esse aspecto somos levados a procurar em outros saberes, que contemplam também um vértice social, outros referenciais que possam auxiliar numa abordagem mais efetiva.

5. METODOLOGIA

Sendo o objeto dessa pesquisa uma experiência manifesta do ser humano no seu espaço social, procurar-se-á refletir sobre o indivíduo, sua relação com a droga e as vicissitudes surgidas no seu convívio com o meio após a tentativa de cessação do uso abusivo de drogas. Na escolha da metodologia desse trabalho foi levado em conta que se tem como fim o conhecimento do uso de drogas em seus diversos aspectos, que incluem o indivíduo e o contexto social. O objetivo será, portanto, ampliar a compreensão de um recorte dessa realidade. Pela natureza dessa pesquisa, a metodologia utilizada será qualitativa de caráter descritivo.

O método de abordagem qualitativa leva em conta a importância do contexto, tanto o contexto da mensagem quanto o contexto exterior. “Quem é que fala a quem e em que circunstâncias” (Bardin 1977, p. 115). Através dessa abordagem, torna-se possível a compreensão da realidade do sujeito atravessado pelo momento histórico. É um método que, abre espaço para que aspectos da subjetividade se façam conhecer através das ações entre os indivíduos e suas manifestações nos laços sociais. De acordo com Bardin (1977), é um método que utiliza “procedimentos intuitivos, mas também mais maleável e mais adaptável, a índices não previstos, ou à evolução das hipóteses” (p.115). Pesquisas na área da psicologia, que particularizam a subjetividade, poderão avaliar melhor o fenômeno pesquisado, utilizando um método que não permita rever os procedimentos quando se apresentam índices não previstos.

Para análise do material, com o objetivo de organizar as entrevistas, optou-se pela utilização de uma técnica que tem sua inspiração no modelo da análise de conteúdo. Essa

aproximação foi buscada na tentativa de sistematizar e facilitar uma análise do material, mas não serão utilizados todos os procedimentos indicados para uma análise de conteúdo. Bardin (1977) refere que para análise do material conseguido “Uma ou várias técnicas são consideradas adequadas *a priori*, para fazer “falar” o material” (p. 98).

Entre os itens que serão utilizados neste trabalho, inicialmente é sugerida uma definição de índices, nos quais a análise dos dados dará visibilidade para as impressões do pesquisador. A partir daí é realizada uma construção de indicadores através de *recortes, categorização e codificação*. A codificação permite transformar os dados brutos em uma representação do que está expresso no material. Para recortar o texto serão utilizadas unidades de registro que podem ser *palavras ou tema*. “Fazer uma análise temática, consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” Bardin (1977). Para essa pesquisa serão utilizadas categorias surgidas através de temas e palavras extraídas das entrevistas.

Nas pesquisas que utilizam entrevistas semi-estruturadas o tema, como unidade de registro, possibilita a análise dos dados, pois permite investigar crenças, valores, atitudes. Será feita inicialmente uma leitura flutuante do material. Esse termo, Bardin (1977) toma emprestado da psicanálise. A leitura flutuante serve para identificar uma leitura onde o entrevistador mantém sua atenção em suspensão, simplesmente deixando-se invadir pelas impressões. Aos poucos, a leitura vai se tornando mais precisa em função das hipóteses que emergem, e da projeção das teorias sobre o material. É função do profissional em psicoterapia revelar o sentido oculto nas palavras do paciente, e esse critério será utilizado aqui com este fim.

A opção por uma metodologia de caráter qualitativo esteve sempre presente no objetivo da pesquisadora devido às possibilidades oferecidas por esse método na investigação de aspectos da subjetividade. Por ser esta uma pesquisa que surge de inquietações da prática clínica, a idéia foi utilizar como instrumento de investigação um recurso que também é empregado em consultório. Ao optar pelas entrevistas semi-estruturadas o objetivo foi ter a oportunidade de aprofundar a investigação que poderia ser fornecida pelos sujeitos, sendo que com esse recurso, eles não estariam atrelados a responder questões fechadas quando são

utilizados questionários. As expressões colhidas em entrevistas permitem avaliar a manifestação do pensamento do sujeito, e analisar de acordo com os referenciais teóricos escolhidos anteriormente.

5.1 Escolha dos Participantes

Os sujeitos entrevistados passaram por um período de internação de 28 dias, como parte de um programa para tratamento da sua adição às drogas. O critério de escolha foi adotado diante da suposição de que, durante esse período da internação, terá sido possível vivenciar as contingências próprias das perdas sofridas devido ao uso abusivo de drogas. Como foi abordado anteriormente, o tratamento com internação hospitalar surge após inúmeras tentativas feitas pelo paciente para interrupção desse comportamento. Essa forma de tratamento, na maior parte das vezes, é feita por exigência dos familiares que, no momento, supõe-se estarem em condições de perceber com mais clareza os prejuízos sofridos pelo indivíduo. Nessa pesquisa não serão investigados os benefícios obtidos com o tratamento, pois a utilização desse critério é somente pela caracterização de que, ao aceitar o tratamento, há o reconhecimento pelo paciente dos prejuízos sofridos em função do uso abusivo de drogas. Para avaliar o impacto das práticas sociais atuais durante a tentativa de invenção de um lugar social desse sujeito, optou-se por entrevistar quem tenha passado por esse período de internação e que, após o mesmo, está fazendo a tentativa de retornar a viver em sociedade. Os entrevistados pertencem a um nível sócio econômico no qual as necessidades básicas do ser humano podem ser supridas. São sujeitos que tiveram oportunidade de construção de um lugar social, mas em quem essa trajetória foi dificultada pela adição às drogas. As entrevistas semi-estruturadas irão focar sua investigação nas questões da subjetividade do sujeito e sua busca por um novo modo de existência.

A pesquisa não foi centralizada no efeito químico de alguma droga específica, mas na escolha dos participantes, foi levada em conta a presença do uso de cocaína, por ser uma droga ilegal, de efeito euforizante, muito presente hoje em dia e cujo efeito remete e reforça sensações de poder semelhantes às difundidas pela sociedade contemporânea. Os sujeitos entrevistados faziam uso de cocaína, independente do número de outras substâncias

utilizadas. Essa escolha leva em conta a negação da lei real e sua correspondência no funcionamento psíquico. Não foram entrevistados usuários de álcool somente, por ser essa uma droga socialmente aceita, sendo que a pesquisa tinha por objetivo a possível relação das drogas com as práticas sociais contemporâneas centradas na sociedade de consumo, que tem como pilar o sujeito hedonista.

O CEBRID Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas, ligado a o Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo, informa em seu boletim número 44, que recebeu nos últimos 13 anos dos hospitais e clínicas de internação psiquiátrica do Brasil, planilhas com informações sobre internações decorrentes do uso de álcool e outros psicotrópicos. O ultimo levantamento feito em 1999 mostrou que apesar do álcool ser responsável pelo maior numero de internações 84,5%, a internação por uso de cocaína e seus derivados foi a que mais cresceu nesse período, passando de 0,8% em 1988 para 4,6% em 1999. Esses dados confirmam a idéia da presença cada vez mais freqüente de drogas com efeitos euforizantes.

5.2 Procedimentos

Serão utilizadas entrevistas semi-estruturadas que tem como proposta a discussão a respeito do tema do uso abusivo da droga, com ênfase na questão do viver em sociedade após a exclusão de seus papéis como consequência da sua adição às drogas. Alguns tópicos a serem sugeridos pelo entrevistador serão: a trajetória do sujeito no uso de drogas, motivações para o uso, como é viver sem o uso de drogas, como percebe a sua relação o meio após o tratamento, relação com os grupos de auto-ajuda.

As entrevistas encontram-se no Anexo I.

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO

6.1. Apresentação do Material

Os sujeitos aqui entrevistados passaram por um período de internação hospitalar. Durante esse período, participaram de um programa de recuperação que inclui grupos terapêuticos, seminários informativos, grupos de trabalho, entre outros. No momento da entrevista, já não se encontravam participando dessa forma de tratamento. Sendo assim, as entrevistas ficaram voltadas para o momento atual, sem dar ênfase aos efeitos causados pelo o número e formas de tratamento aos quais se submeteram, já que o objetivo dessa pesquisa visa investigar a situação do sujeito no convívio com a sociedade.

Foram entrevistados sujeitos entre 19 e 59 anos de idade, sendo que somente um desses sujeitos entrevistados (daqui por diante referidos como sujeitos) retomou a mesma atividade profissional após o período de internação. Dois sujeitos terminaram o ensino médio e buscam colocação no mercado e definição profissional. Um não tem profissão definida, ocupou alguns cargos por indicação política e expressa o desejo de buscar alguma atividade de trabalho.

Uma leitura flutuante das entrevistas, realizada com o objetivo de organizar e analisar seu conteúdo, revelou cinco categorias: ataque à mente, um outro mundo, vazio, mentira-onipotência e mudanças. Essas categorias são representações e temas expostos pelos entrevistados através do seu discurso. As categorias serão apresentadas a seguir.

CATEGORIA 1: ATAQUE À MENTE

Ao serem solicitados a falar sobre as suas trajetórias durante o uso abusivo de drogas, os sujeitos procuraram identificar as motivações que os levaram pela primeira vez ao uso de drogas. Essa motivação pode ter sido curiosidade, recreação, crise ou outras situações. A questão do início do uso de drogas deu origem à categoria ataque à mente, porque, de acordo com a percepção da entrevistadora, essa parece ter sido uma motivação constante. Nesse ataque, o sujeito fica impossibilitado de pensar e busca atalhos para a resolução da dor. Nesse item, serão apresentados extratos das entrevistas seguidas de algumas observações.

Eu tinha 12 e faltavam cinco dias para eu fazer 13 anos, eu não cheguei a fumar um cigarro inteiro de maconha, eu fumei só uma ponta na garagem de um edifício perto de onde fui morar, e dali eu comecei a usar esporadicamente... (Entrevista III p. 131)

No início era aquela coisa, fumava me dava aquele efeito da risadeira como se diz, se ri de tudo, tu ri do nada sem parar, eu ria, ria , ria (p. 131)

Ao falar de si, esse sujeito não identifica grandes conflitos familiares, *minha família nunca teve problemas assim exagerados de agressões*. O uso da droga, na sua lembrança, surge na sua vida em momentos de lazer, na busca de novos amigos. O que identificamos aqui é o grupo que surge como facilitador do acesso à droga no momento em que o jovem inicia sua transição para a vida adulta. Com o efeito químico da droga, o jovem se desmobiliza frente ao seu momento de transição e permanece na promoção da euforia autoerótica, o *efeito da risadeira*. Diante do novo, do desconhecido, a droga permite a simulação de uma realidade que dissimula a complexidade das mudanças.

Pesquisas sobre o começo do uso de drogas entre jovens demonstram que a experimentação acontece nos encontros entre os grupos. Esse comportamento é reforçado pela procura de identificação que acontece nesse momento de vida. Além disso, a curiosidade também apresenta-se como uma motivação inicial. Mas não são esses os únicos determinantes. O que poderia ser apenas experimentação, em alguns indivíduos segue estando presente, e passa a cumprir uma outra função. Esse mesmo sujeito encontra-se hoje aguardando para cumprir a pena por tráfico de drogas, pois já foi condenado pela justiça.

O uso de drogas é consequência de muitas atitudes que eu havia tomado, era um analgésico que tirava todo e qualquer sentimento ruim que eu provocava com as minhas atitudes, meus comportamentos, com a minha maneira de agir, de ver as coisas, com o meu egocentrismo, com as minhas mentiras, isso me causa sofrimento né, e em certo ponto comecei com a maconha e é um remédio né, é o lado mais fácil entendeu? (Entrevista I p. 121)

Esse sujeito reconhece durante seu relato a presença da mentira como parte de seu comportamento desde muito cedo, independente do uso da droga. Reconhece também o mal estar provocado por dar-se conta de suas atitudes, mas encontra na droga a saída mais eficiente para a solução do seu conflito. A droga, em algum momento, perpetua a sensação de falsidade. A presença da mentira, que será examinada adiante em outra categoria, une-se ao uso da droga buscada como “analgésico” de um modo de vida onde a própria falsidade é reconhecida, mas a opção é o alívio através do uso da droga. Na impossibilidade de aceitação da realidade, o adicto usa artifícios. O efeito químico da droga reforça esses mecanismos. A droga é usada como uma mentira.

(Comecei a usar...) Com o fracasso do meu casamento, não a perda da minha mulher, mas com o fracasso de formar uma família.... (Entrevista II p. 126)

De início deve ter sido inconsciente talvez, mas logo eu gostei. (p. 126)

Bion (1974) diz que o pensamento surge “onde deveria estar algo”. No início, existe o seio, que satisfaz, e, na sua ausência, algo tem que ser pensado. Um modelo de busca de recursos externos que possam auxiliar nessa passagem, a de suportar a ausência do objeto até a satisfação, é esperado no início da infância. Quando o modelo idealizado para a satisfação do sujeito deixa de existir, cabe a ele criar pensamentos para suportar a dor da ausência. No extrato anterior, o sujeito diz: *No começo pode ter sido inconsciente.* Inicialmente o estado de bem estar não foi reconhecido como um recurso, mas depois a satisfação obtida passa a ser desejada de forma constante no lugar da frustração. O homem pode utilizar-se de “amortecedores” para as dores da existência. Como lembra Freud em *O Mal Estar na Civilização* (1930), esse é um meio de evitar o desprazer. Para alguns sujeitos, o alívio trazido pela droga parece ter sido o mais eficaz frente a determinados obstáculos que a vida impôs. O indivíduo, por não reconhecer em si recursos suficientes para enfrentamento das frustrações, quando encontra um facilitador dessa tarefa de evitação da dor, opta por esse artifício.

Nunca fiz uso de droga nem de bebida e tive lá nos meus 25 anos um gravidez inesperada que me deixou mal, era uma gravidez unilateral que a mulher engravidou e me escondeu a gravidez e de repente eu era pai sem ter sabido, aquilo foi um baque muito grande para mim e eu passei sem usar nada...(Entrevista II p. 127)

No início de sua existência a criança imagina que tudo acontece via desejo. Quando nos deparamos com esta citação *de repente eu era pai sem ter sabido*, é possível reconhecer esse tipo de comportamento. Há uma quebra do narcisismo ao se deparar com um mundo que não gira conforme seu desejo. Os sujeitos adictos continuam buscando no comportamento atual, com a droga, métodos que pertencem a etapas mais precoces e que eram utilizados como recursos temporários. A droga altera a percepção da dor trazendo alívio e passa a ser desejada de forma permanente. Neste relato, o sujeito aos 59 anos denuncia não reconhecer a sua responsabilidade na *gravidez unilateral*, e mesmo não utilizando naquele momento a droga como recurso, a solução encontrada foi olhar a si mesmo como um elemento externo ao problema. Essa atitude denuncia uma maneira de lidar com os conflitos.

Quando eu comecei eu era,..eu estava na adolescência, eu acredito que o que contribuiu na época tenha sido o fato dos meus pais estarem se separando, e a atenção, o foco de atenção deles ficou só neles...(Entrevista IV p. 138)

É, aí eles esqueceram dos filhos, eu tenho mais um irmão e uma irmã, eu sou o mais velho, e houve uma troca de valores também. A gente estudou sempre em colégio particular e quando houve a separação a gente foi para um público. Eu acho que era talvez uma forma de chamar a atenção. A minha vida mudou bastante, meu pai e minha mãe ficavam querendo jogar os filhos contra o outro, a adolescência já não era muito fácil e tudo isso acontecendo eu comecei a andar com o pessoal que usava droga no colégio e aí comecei a usar assim. Eu comecei com o cigarro, depois maconha, depois cocaína, isso tudo eu tinha uns 14 anos. (p. 138)

Esse sujeito identifica uma fragilidade familiar no momento inicial do uso da droga, em função da separação dos pais. Reconhece a droga utilizada como um *meio de chamar a atenção*. Esse relato nos remete à idéia que a falta de confiança no amor dos pais pode ser vista como um facilitador da procura do efeito químico prazeroso oferecido pela droga. A adolescência é uma etapa onde existe em grande escala a experimentação de drogas. No entanto, alguns grupos mostram-se mais vulneráveis ao desenvolvimento do uso abusivo. No extrato anterior, o sujeito declara a interferência de uma série de conflitos, familiares e individuais, como motivação inicial para o uso de drogas. Famílias desfeitas não são necessariamente causas para abuso de drogas. Mas características da vida familiar podem estar associadas a fatores de risco no uso de drogas entre adolescentes (Tavares, 2004). A

privação da vida familiar, ou qualquer outro conflito podem fazer com que o sujeito utilize recursos primários. Esses recursos remetem a momentos anteriores, quando a onipotência fazia do objeto transicional uma solução, mesmo que temporária. Novamente temos a demonstração de algo que deveria ser passagem e se torna o habitual. O uso da droga, de forma cada vez mais freqüente, surge como uma tentativa de modificar a percepção da realidade.

Eu era rebelde, eu achava que queria liberdade.(Entrevista IV p. 140)

O tema da busca de liberdade é comum nesse momento de vida, a adolescência. No relato desse sujeito, toma forma no objeto externo transgressor, a droga. O sujeito demonstra acreditar que a liberdade pode ser buscada fora. A liberdade não aparece como uma conquista, mas identificada em atitudes concretas contra as regras existentes. A rebeldia o impulsiona ir além do comum, uma recusa onipotente de reconhecer as amarras que a realidade impõe a todos nós. O adicto acredita estar fugindo do que é estabelecido. Não quer ou não pode permanecer dentro das regras que se apresentam. O seu modo de existência exagerado expõe uma tentativa de ruptura, mas a forma como se apresenta se assemelha a um ataque suicida. Ataca a própria mente. Está novamente amarrado, pois está impedido de pensar. Mais adiante o próprio sujeito diz *a liberdade só me gerou solidão* (p.144). Sem produzir nada de novo, sem criar, o resultado é a destruição de si, do seu corpo, das pessoas a sua volta e da coletividade. Como nas outras motivações os recursos internos parecem ser reconhecidos como pouco eficazes para modificar a realidade.

Tu começa bebendo né, aquela história de beber, dos porres quando tu é moleque de 14, 15 anos, depois vem alguma droga, as mais eventuais, na minha época era mais a maconha que eu usei muitos anos, fumei muita maconha, e conheci a cocaína com quase 30 anos já, eu tinha 29 anos..(Entrevista V p. 146)

Mas tem aquilo sempre tem a coisa da moda e tu quer estar inserido no contexto que se vive. (Entrevista V p. 148)

A lembrança da influência do grupo nos *primeiros porres* e a necessidade de fazer as coisas da moda são identificadas como a motivação inicial para esse sujeito. O início do uso junto com o grupo surge como uma tentativa de sentir-se inserido, mesmo que a escolha recaia sobre o entorpecimento da mente. *Os porres* podem ser as primeiras tentativas de inserção no mundo adulto. O grupo de identificação é aquele que ousa, que vai além dos

limites, dentro do qual quem não bebe é diferente. Todos entorpecidos e desmobilizados. O modelo de procura de inserção pode continuar mesmo quando o sujeito já não se encontra mais em período de transição para a idade adulta. Mais adiante, quando a motivação já não é o momento de mudança, o modelo continua incorporado. As drogas são sempre as mais eventuais, as drogas da moda, aquelas que a maioria usa. É essa a forma como o sujeito sente-se pertencendo ao grupo.

Nos relatos sobre o início do uso de drogas percebe-se a denúncia de sentir-se em um lugar de estranhamento, cuja saída parece ser um ataque à capacidade de pensar. Os sujeitos falam sempre de algo que poderia ser, mas não é, podendo ser o fato dos pais que não dão atenção, de uma *risadeira* que é obtida com o uso da droga, dos porres que a turma propõe como divertimento, de um fracasso pessoal que provoca uma sensação de perda. Os motivos não seguem uma linha uniforme que possam ser identificadas como sinalizadores de uma possível atitude a ser esperada nesse tipo de personalidade. Porém, sem dúvida, mostram um estranhamento desse sujeito ao vivenciar algo que a realidade impõe. Mesmo sendo por diferentes motivos, a lembrança remete sempre à ruptura de alguma situação existente, ou uma crise que se faz presente. A saída da adolescência, um casamento que já não existe e outros problemas relatados poderiam fazer parte da vida de qualquer indivíduo, mas para alguns confrontar-se com frustrações pode ser algo difícil de ser tolerado. Não existe um pensamento antecipatório antes da ação finalizadora. Existe a ação, e o pensamento que resulta dela não é tolerado. Por isso necessita do “analgésico”. Podemos relacionar essa categoria com a do vazio, onde será avaliada a dificuldade do adicto em sentir-se normal como todos os indivíduos. Parece permanecer um desejo de estar sempre satisfeito, com pouca tolerância à ausência de satisfação.

CATEGORIA 2: UM OUTRO MUNDO

O sujeito adicto mostra surpresa ao perceber um modo de vida diferente, onde existem outras regras. A referência é percebida no *outro*, que é externo, está fora e se contrapõe. Revela a percepção de um outro mundo. Essa percepção se apresenta como algo novo e difícil de ser compreendido. Para viver neste mundo é preciso reconhecer esse outro

modo de funcionamento, apreender outras regras. Após a apresentação dos extratos, serão feitas observações sobre o conteúdo.

Um mundo que até então, não que tu pensasse que não existisse, mas tu pensava que não era para ti. O meu mundo era aquele, eu não queria estar no mundo dos que não usavam, queria estar no mundo dos que usavam, porque existem os dois mundos e eu escolhia, era minha opção de estar no mundo dos que usavam e hoje a minha opção é estar no mundo dos que não usam. (Entrevista V p. 148)

Nesse relato, o sujeito denuncia a percepção da existência de dois mundos, e a sensação da sua exclusão do mundo dos que não usam é muito clara. Pertencer a um mundo, na sua visão, exclui a possibilidade de pertencer ao outro. Aquilo poderia ser uma transformação aparece aqui como a troca por um outro mundo. Os sujeitos parecem ter uma sensação incômoda de desconhecimento em relação a uma maneira de viver diferente da sua. No seu modo de vida tudo existe pela via do desejo, e uma forma de existência que inclui a espera e a tolerância não pertence ao seu repertório. Denunciam esse estranhamento relatando a percepção da existência de um outro mundo, que implica um outro funcionamento. O sujeito afirma ter feito uma “escolha” para sair de um e entrar em outro mundo. Porém, parece estar ausente uma avaliação reflexiva sobre essa “escolha”, o que nos faz pensar na dificuldade de reconhecer a possibilidade de uma transformação em si mesmo, independente de formas de viver diferentes da sua.

Tenho, e tenho experimentado resultados bem positivos. Em casa assim, por exemplo, era tudo fechado, o pai e a mãe dormiam de porta fechada, as coisa todas de valor eram trancadas, e experimentando essa nova forma de agir... hoje eu tenho a chave de casa, antes eu tinha que pular o muro para entrar. Eu consigo uma grana deles, consigo uma mesada, consigo dar um beijo neles, ter a coragem de dizer que eu gosto deles, antes eu não tinha isso de abraçar ele e olhar no olho dele e dizer “gosto muito de ti” não tinha essa coragem de mostrar meu sentimento... (Entrevista I p. 122).

Hoje assim eu me deparo na rua atrás de emprego, tentando ver a real sociedade da forma como ela é né, sair do meu mundinho, que era do tamanho de uma bola de gude. Naquele meu mundo, se eu tivesse droga e tivesse dinheiro eu era aceito em qualquer lugar (p. 122).

Essa era a realidade no mundinho da droga. Com as pessoas com quem eu convivia eu tendo droga e dinheiro eu entrava em qualquer lugar. Daí eu saí desse mundo né, e vi algo maior, gigantesco, e daí se eu tiver esse pensamento que eu tenho, que eu boto droga e boto dinheiro no bolso e chego numa entrevista de emprego por ex “Pô cara tô com uma droguinha tri boa aqui, tu me consegue uma vaguinha aí de auxiliar administrativo” O cara me manda à merda sabe. Então eu percebi que é algo muito maior, eu percebi que eu tenho que crescer (p. 123).

Através do seu relato, também aqui o sujeito denuncia uma fantasia de que há um mundo diferente, e que, para se chegar a esse mundo, tudo tem que ser transformado ou criado de uma outra forma. É difícil reconhecer neste discurso uma capacidade de acreditar que pode mudar a realidade na qual sente-se um estranho. Ao falar é como se acreditasse na existência de uma outra realidade, *o mundo de quem usa e o de quem não usa droga*, a qual sente-se incapaz de habitar. Quando refere-se a *mudar a si mesmo*, o adicto parece acreditar que seria esse o pressuposto para pertencer a um mundo com condutas e regras do qual ele sente-se excluído. Ao mesmo tempo parece ficar a dúvida, se aprender as regras poderá vir a ser parte dele? O cumprimento das regras propostas nos tratamento dos grupos de auto-ajuda parece baseada numa certeza de que é esse o caminho. Nesse novo mundo, *dos que não usam*, há uma inversão total de valores em relação ao *mundo dos que usam*. A *droguinha* não serve como moeda de troca. O sujeito sente que o mundo exige valores que ainda duvida possuir em si mesmo.

É, fazer do jeito que eu achava certo de viver a vida, me trouxe para dentro de uma clinica psiquiátrica. Todas as minhas maneiras... que eu achava certas de agir, todas as minhas atitudes que eu achava acertivas, me trouxeram para cá. Então, eu acho, que para conseguir um resultado oposto, tem que agir de maneira diferente, bem diferente da forma como eu estava agindo. (Entrevista I p. 120)

Há uma idéia de dicotomia de “mundos”, em que alguns seriam premiados com esse pertencimento. O adicto denuncia uma incompreensão com regras que percebe serem exteriores ao seu funcionamento, fazendo com que se sinta excluído. Isso nos faz pensar na fragilidade da sua capacidade de uma compreensão simbólica das leis. Essa dificuldade resulta nessa divisão entre dois tipos de mundo que se excluem, o sujeito pode pertencer a um ou a outro. Durante o tratamento nas clínicas, há, com freqüência, a exigência de uma “linha dura” por parte dos pacientes adictos. Essa exigência denuncia a crença de que só é possível a renúncia diante de uma lei real aplicada pela coerção. O adicto reconhece em si a precariedade da capacidade de aceitação de normas. No mundo dos que não usam drogas existem regras que devem ser cumpridas. Há uma exigência de renúncia da onipotência com o reconhecimento da existência do outro. Diante do impacto de tal descoberta, o adicto recorre à potência que acredita estar presente nos que pertencem *ao outro mundo*, por não reconhecer essa capacidade em si mesmo.

Eu prefiro muito mais ainda como sou hoje, do que quando acontecia tudo como O que eu mais quero na minha vida é me sentir igual aos outros só que eu não consigo assimilar isso aí. Eu me sinto num grupo de risco, de exagerar, tipo uma megalomania. (Entrevista II p. 129)

antes. Não era eu. Com o uso da bebida eu fiquei cretino, cafajeste, ladrão, deixei de pagar minhas contas. Chegar beber e pagar com dinheiro que o cara não vai receber é roubo. Isso foi desmontando toda minha estrutura social. Se eu voltar a beber eu não duro muito não, eu não passo dois invernos... (p. 129)

A idéia de que somos todos pessoas comuns parece distante do modo de vida do adicto. É difícil renunciar à onipotência, *não consigo assimilar isso aí*. Sentir-se comum pode significar sentir-se impotente. Mesmo deparando-se com a imposição da realidade de que somos iguais, reconhece que predomina um desejo de ser diferente. Ao dar visibilidade a esse desejo, faz surgir esse outro portador de uma força maligna capaz de destruir *em dois invernos*, ou tornar-se cretino, ladrão.

Muitas vezes eu penso ainda, que tem uma pessoa que é bem ruim. São duas pessoas...(Entrevista I p. 122)

Como no relato anterior, aqui repete-se a dissociação na idéia de um “outro”, aspectos de algo visto como estranho, que causa o mal, portanto, deve ser distanciado. Denuncia uma fantasia de que esse outro surge através do uso da droga e do qual poderá manter distância se ficar abstinente, premissa exigida pelos grupos de auto-ajuda. “Sou um adicto”, o primeiro passo que será analisado adiante em outra categoria, lembra sempre o *outro* que continua a espera do primeiro gole para se fazer presente. A volta do outro que surge com o uso da droga permanece como um fantasma que ameaça.

Acho que normal para a sociedade é o cara ter um emprego, uma família, um carro, mais ou menos estabilizado, isso é normal. Para mim não sei, ainda não sei se é isso que eu vou buscar. É claro que eu pretendo ter um bem estar, não sou hipócrita de dizer que eu não quero uma casa minha, um conforto. Mas eu vejo que sou um pouco contraditório, eu gosto, mas acho que vou buscar primeiro a parte sentimental, tudo aquilo que eu perdi nesses anos. Estou tentando reorganizar minha vida, estou me esforçando, o que eu ver que não dá vou partir para outras coisas, não posso mais regredir. (Entrevista IV p.142)

Ah eu perdi tempo, é passado mas eu quero retomar. O futuro eu não sei, mas o presente eu tenho que viver. (Entrevista I p. 126)

Eu poderia ter crescido em muitas coisas, eu sempre fui bem no colégio, meus colegas estão formados, eu sempre fui bem socialmente sabe, tinha minhas qualidades, assim

como tinha defeitos, mas meus defeitos começaram e se sobressair, meu caráter mudou bastante com o decorrer dos anos. Foi muito ruim (tempo perdido). (p. 143)

Não sei se penso como uma cobrança, não sei, mas eu quero levar uma vida normal. (p. 141)

Ao se deparar com esse novo estado de consciência, o adicto percebe um tempo que não pára e uma nova realidade que exige esforços. O tempo que passa e não pode ser negado determina que renuncie à onipotência de que as coisas acontecem pelo seu desejo. Existem metas a serem traçadas, mas percebe que está diante do desconhecido. Refere-se a uma *parte sentimental* que aparece como primeira meta. A emoção pode ser o desconhecido.

Parece denunciar surpresa diante do que percebe como uma *vida normal*, e, portanto, não sabe se é isso que vai desejar. Novamente a denúncia de *um outro mundo*. É exigido um luto pelo que chama de *tempo perdido*, para dar lugar a novos objetivos. O tempo que passou e continua passando permite a construção do futuro, desde que aceite as limitações que a *vida normal* impõe.

Com a droga tu é o super homem naquele mundinho. Agora eu tenho que me qualificar. Mas esse novo eu, eu estou conhecendo aos poucos. Hoje eu sou o M que chora, antes eu não chorava, me emociono, não sei essa pessoa eu estou descobrindo, é uma descoberta lenta, mas uma coisa que eu percebo é essa coisa da emoção, eu não sabia que eu me emocionava, que eu podia gostar de alguém sem ser de uma forma compulsiva. (Entrevista I p. 125)

Esse *outro mundo* que se apresenta, e que o adicto ainda não conhece é identificado como um mundo *gigantesco*, ao contrário do *mundinho da droga* até então conhecido. Existe um “mundão” com exigências externas ao que reconhece como verdadeiro. No mundinho da droga, apreendeu normas que abriam portas, tais como mentira, suborno e agora lhe é exigido que apresente seus valores pessoais, os quais desconhece.

Eu tenho a mania de pensar com a cabeça dos outros, eu fico imaginando o que ela deve pensar e sei que não pode ser assim, o que serve de base sou eu mesmo (Entrevista I p. 126).

Quando percebe que pensa *com a cabeça dos outros*, há uma sinalização para o reconhecimento da perda da liberdade. Na sua percepção, há um outro que pensa, que invade e determina as escolhas. Porém, ainda não reconhece que esse outro lhe pertence. Esse outro

pode ser que pode ser o grupo com a oferta de soluções mais fáceis. Uma solução externa, desprovida de verdade e que provoca uma sensação de esvaziamento. Perde as referências do que é a verdade própria e fica aderido ao discurso do outro. Renunciar a essa forma de saída implica um olhar para si, e a possibilidade de encontrar vivências até então desconhecidas.

Tudo enrolado, era um desastre, mas eu enfrentei a situação, acho que não tinha outro jeito. Eu vou te contar uma coisa, eu sempre tive muita sorte, dentro das minhas dificuldades eu sempre enfrentei as coisas, não enfrentava quando bebia, mas depois eu tive consciência que poderia resgatar e fui em busca disso. (Entrevista II p. 128)

Bom, primeiro não tem que ter medo né, a principio para mim né, eu tenho muito medo assim, será que eu vou conseguir, medo de me frustrar, de acreditar nna minha capacidade, de reconhecer que eu sou um cara inteligente, um cara capaz, que eu interajo legal com as pessoas, reconhecer as minhas reais capacidades sem ter vergonha de dizer que eu sei fazer isso. É uma coisa que é necessária também, é necessário. (Entrevista I p. 124)

O sujeito adicto relata uma consciência recuperada com a abstinência. Mesmo quando o discurso se apresenta dessa forma após o tratamento, desperta em quem escuta a sensação de ouvir uma história narrada sem emoção. O adicto deixa pistas da fragilidade da sua crença de conseguir adaptar-se diante das exigências que a vida sem o uso das drogas impõe.

Após sair do período de internação, os grupos de auto-ajuda se propõem acolher o adicto e compartilhar do seu problema, mas para que se dê esse acolhimento ele deve renunciar o modo de vida até então conhecido. Ele deve cumprir as regras *dos que não usam drogas*. Diante dessa exigência de mudança, apresenta-se o medo do novo. O adicto sabe da suas impossibilidades, e frente a tais exigências não tem segurança se poderá permanecer neste estado de consciência.

CATEGORIA 3: VAZIO

Nesta categoria aparece a tentativa de nomear algo que o sujeito adicto identifica dentro de si e que provoca um estado de insatisfação. O sujeito não tolera desconhecer e tenta preencher esse estado com o alívio provocado pelo efeito químico da droga.

A característica que surge é a existência do vazio, sem nome. Serão apresentados extratos com observações a respeito.

Eu acho que era um vazio..vazio. Eu me sentia avulso solto, me sentia... sem direção...sem compromisso... sem responsabilidade. Eu tinha ela, a dor, mas não sentia ela entende? Não sentia a real necessidade de exercer essa responsabilidade. Logo no começo do uso eu era envolvido com a escola né, era algo que ia só para fazer de conta, não ia né, não achava real necessidade de ir, queria ser livre, esse pensamento todo né. E também na família, dentro da família, de ter um relacionamento saudável, com a família, irmã, vó, vô. São essas responsabilidades que eu não achava necessidade de exercer, me sentia assim avulso, solto e isso me proporcionava um vazio, um sentimento muito ruim assim. Acho que é mais ou menos isso. (Entrevista I p. 120)

O sujeito reconhece o mal estar, mas parecem faltar palavras que possam tornar conhecida uma dor sem nome. Apresenta confusão em relação a esse estado que chama de vazio, avulso, solto. Encontra contentamento no efeito clausura criado pelo uso da droga, que remete a um modelo anterior, quando o estado de satisfação era uma busca auto erótica que dispensava o reconhecimento do outro. Não reconhece os laços que deveriam fazê-lo entrar em contato com outros indivíduos e sabe que essa sensação é muito ruim.

Eu acho que tenho desespero por rejeição, desespero por ser recusado... (Entrevista II p. 130)

Então tem certas coisas que tudo bem e aceito, mas eu tenho uma dor imensa de não ter me formado mas eu boto que Deus não quis. Não é fácil né. (p. 130)

O sujeito adicto expressa sua intolerância com qualquer estado de desprazer. Um sonho que não pôde ser concretizado é atribuído a vontade de Deus, e assim fica aliviado de reconhecer sua responsabilidade. Ao reconhecer a ausência de satisfação como um vazio que provoca dor, concede a Deus a prerrogativa dessa privação, tornado-a externa a si mesmo.

Naquela época não, tudo tu age por impulso. Eu acho que me incompatibilizei e estava naquela berlinda e ia. “Ah Sai” porque tu acha que pode tudo e aí eu fiquei meio no desvio. (Entrevista V p. 148)

O vazio também fica no *desvio*, não tem um rumo, é um caminho individual regido pela onipotência. Com frequência, é percebido nos sujeitos adictos o uso de

mecanismos de defesa primários, tais como colocar fora, no mundo externo, a responsabilidade dos acontecimentos.

Mas eu estou tentando ser uma pessoa normal... ..(Entrevista III p. 136)

Sem essa atividade acho que eu seria mais uma pessoa normal, entraria na fila...(p. 136)

Nesse relato, o sujeito parece perceber que para aceitar ter sonhos comuns deve primeiro saber que é uma pessoa comum. O sujeito adicto mostra-se com frequência esmagado pela exigência de sonhos grandiosos.

Não sei se penso como uma cobraça, não sei, mas eu quero levar uma vida normal. (Entrevista IV p. 141)

Agora que estou vivendo de cara não sei o que é uma vida normal, fazem dez anos que eu passei me drogando, parando pouco tempo e aquilo era normal para mim, sem muita expectativa de uma qualidade de vida, de absorver outros conhecimentos, de ter outros prazeres..(p.142)

No seu discurso, parece haver confusão do que é *tentar ser uma pessoa normal*. Mas poderia ser tolerar esperar na fila, ter sonhos comuns. No entanto, para quem desconhece esse funcionamento, há uma idéia de sentir-se solto, avulso. Ao não reconhecer em si esse modelo de *pessoa normal* como aquele que tem a possibilidade de tolerar o tempo de ausência da satisfação até a realização do desejo, o adicto vislumbra um vazio.

(buscava liberdade...) A liberdade só me gerou uma solidão grande, na verdade foi o que eu consegui e na verdade tudo isso contribuiu para hoje eu pensar assim. Então, eu vou fazer tudo para não ter esses excessos, que acho que são os impostos para eu ser feliz. (Entrevista IV p. 144)

Não sei também se tu pode tudo, mesmo porque hoje parece que cada vez tu pode menos, parece que cada vez a vida é mais controlada...(Entrevista V p. 148)

A sensação de que a droga traz liberdade não se sustenta. Somente diante da aceitação de que *haverá impostos* que a vida cobra de todos é que o sujeito adicto poderá confrontar-se com a exigência de renúncia da onipotência e reconhecer-se como uma *pessoa normal*. O adicto, sustentado pela sua vivência onipotente, pensa que tudo pode. Talvez por isso, a sua idéia de pessoa normal é alguém privado de algumas vantagens. Renunciar aos

excessos ainda é um imposto muito caro, mas em alguns momentos concorda em pagar. Reconhece que deverá aceitar que não pode tudo. Com a abstinência parece reconhecer que *cada vez a vida é mais controlada*. É relatada a dor de enfrentar a realidade que frustra. O adicto sente que é exigido um confronto que chama de impostos.

CATEGORIA 4: MENTIRA – ONIPOTÊNCIA

As mentiras aqui analisadas são as manifestações que se apresentam conforme a compreensão de Bion (1974), desenvolvidas anteriormente na revisão da literatura. Existe um enunciado falso que se apresenta no lugar da verdade. No subtítulo aparece junto de onipotência, em função da mentira ser empregada como uma forma onipotente de não reconhecer a realidade. A mentira é sustentada pela onipotência do pensamento.

A formulação de uma mentira é mantida porque o fato dela não existir seria perturbador para o indivíduo. A mentira toma forma para evitar a dor de um transtorno mental, e sua força, portanto, provém do risco de ocorrer uma mudança no psiquismo. O mentiroso é alguém que descobriu a verdade, por isso recorre ao engano conseguido com a mentira. Trata-se, portanto, de um sujeito que não consegue entrar em contato com a verdade, tanto interna quanto externa. Cap. 4.4. A droga é usada como uma mentira, mas o adicto também utiliza outros recursos com o mesmo fim. As observações estarão após o extrato das entrevistas.

É que é assim ó, tem um processo aí que puxa a minha infância, desde pequeno eu queria sempre ter o melhor lápis, o melhor estojo, pegava lápis dos colegas, já tinha esse comportamento, uma pessoa mentirosa isso muito antes do uso da droga eu tinha esse comportamento. Eu mentia histórias absurdas. Eu estudava no Jardim A, B, 1ª e 2ª séries e já contava histórias para os professores para justificar as minhas atitudes que eles ficavam apavorados. Eu brigava muito no colégio e então para justificar eu dizia “não, a minha família sempre briga em casa, o meu pai bate na minha mãe” Tu vê, pequeno, no Jardim A e B eu já usei dessa maneira, que eu via brigas em casa e que isso tinha um efeito e por isso eu era assim, sei lá, 4 ou 5 anos de idade. (Entrevista I p. 121)

Existe nesse relato uma verdade que não pode ser reconhecida. Ao defrontar-se com o fato de que nem todos os seus desejos podem ser atendidos, o sujeito opta pela mentira. O roubo de lápis oculta a falta que não é tolerada. O sujeito reconhece que desde muito cedo era capaz de criar uma narrativa que desse credibilidade ao seu relato, de maneira que a verdade ficasse oculta. *Eu mentia histórias absurdas*. Diante do discurso de um sujeito adicto, surge a dúvida se estamos diante da verdade ou de uma mentira. O sujeito permanece nas amarras criadas por suas mentiras, e fica difícil desvencilhar-se do modo de vida anterior onde ele não entrava em contato com a realidade. Nesse tipo de funcionamento, a verdade exigida pelos grupos de auto-ajuda pode tornar-se um perigo. O adicto pode ser seduzido a trocar uma verdade que sofre o preconceito por uma verdade criada por um discurso externo ao seu modo de pensar, mas aceito socialmente: estou abstêmio.

Então já vinha assim, já era uma pessoa mentirosa, já era egoísta, uma pessoa que se aproximava dos outros simplesmente por interesse né, o carinho assim existia mas eu usava desse carinho para conseguir das coisas que eu almejava entendeu? Eu adulava as pessoas, o pai a mãe, mesmo gostando entendeu? Eu tratava bem, agradava para chegar ao ponto de conseguir o que eu quero. (Entrevista I p. 121)

Muitas vezes eu penso ainda, que tem uma pessoa que é bem ruim. São duas pessoas. (p. 121)

Conforme exposto no Cap. 4.4, a mentira provoca o esvaziamento, por não permitir a vivência de uma experiência emocional verdadeira. O sujeito, esvaziado por esse comportamento, vive uma existência construída sobre uma ilusão à qual teme renunciar. A todo o momento é exigida a criação de novos enredos que sustentem essa trama imaginada e que geralmente se baseiam em um repertório repetitivo. Mentiras são criadas para ocultar furtos, responsabilidades não cumpridas, atrasos, faltas e outras situações presentes no uso de drogas. A adição às drogas é identificada como a *doença da mentira*.

A pessoa *ruim* fica dissociada daquela que reconhece a verdade. É comum, mesmo durante o tratamento, que o adicto não consiga reconhecer-se como sendo esse indivíduo que carrega dentro de si também alguém que transgride. A pessoa ruim é atribuída a “outro” com o qual evita tomar contato. Esse outro fica atribuído aos momentos de uso de drogas, que não permanece na abstinência. Enquanto houver esse fosso, essa forma de

conhecimento cindido, existe o espaço para a mentira. Não podendo entrar em contato com o outro que carrega dentro de si, cria uma versão para essa dissociação.

Com a droga tu é o super homem naquele mundinho. Agora eu tenho que me qualificar. Mas esse novo eu, eu estou conhecendo aos poucos. (Entrevista I p. 124)

Ao fazer isso só imaginava mega soluções para minha vida. Hoje eu acredito que fazendo a cada dia tu tens tu constrói a tua vida. (Entrevista V p.151)

Eu não sou ninguém, eu não sou nada, quem tem poder para mim é o Fernandinho Beira Mar, eu sou ..., não me considero um cocô né, mas sei que estou abaixo do pé dele, eu não tenho poder para fazer nem metade, nem um terço do que ele faz. (Entrevista III p. 134)

Ao não reconhecer em si qualidades, opta pela mentira, um funcionamento que é reforçado pelo efeito da droga. Sentir-se um super-homem é a sensação desejada. O Patrão surge como figura de identificação. No entanto ele sabe que usufrui de um poder que obtém pelo recurso químico, o que provoca a sensação de falsidade. Quando a realidade se impõe e obriga enxergar a verdade, o indivíduo busca na relação com a droga destruir essa percepção. Corta a possibilidade da percepção de algo novo. Como não reconhece em si mesmo condições de modificar a realidade existe um esforço maligno para destruir a verdade e o verdadeiro. O uso de droga como uma mentira tem essa função, distorcer a realidade. Quando a realidade se apresenta, traz a dor.

Ah é ruim, (a realidade) é ruim né, claro que é ruim. Eu gostaria hoje de ter muito mais, de ter uma atividade, eu fiz duas vezes a faculdade de direito por três anos e briguei e não terminei porque fiquei com vergonha, porque eu exagerei, eu dou tiro de canhão em passarinho conforme o meu humor. Claro que eu devo ter alguma outra coisa e isso ali é o motivo e vem desse jeito. Na realidade eu não localizo com muita clareza, não sei se por conveniência ou dificuldade eu não consigo identificar essas coisas. (Entrevista II p. 128)

A droga “responde à imperiosa necessidade de desencadear artificialmente uma fantasia que é vivida como certeza por quem a experimenta” (Kalina, 1999 p. 116). O seu efeito químico provoca a sensação reencontrar as forças perdidas. Quando a realidade que frustra é encarada como “ruim” e não reconhece em si maneiras de lidar com essas frustrações *dou tiro de canhão em passarinho*, a solução é o engano. O sujeito denuncia não reconhecer com clareza esse funcionamento. Essa verdade ainda apresenta-se com sendo externa a ele, ficando exposta uma fratura que pode ser preenchida com a mentira.

No colégio para eu não precisar usar o dinheiro da mãe para gastar em droga chegava toda sexta feira o pessoal, a maconherada digamos assim, eles se reuniam né, e como eu já sabia onde buscar então na real eu buscava para eles e aí eu comecei como uma brincadeira né, subsidiando o meu uso com aquele intermédio, eu recolhia o dinheiro dos guris buscava a coisa lá tirava uma parte para mim e o resto eles dividiam entre eles, então eu não gastava o meu dinheiro com a droga só que isso aí com o passar do tempo foi tomando proporções maiores eu me envolvi com o tráfico. (Entrevista III p. 132)

Na perda de um status social, o dinheiro fácil do tráfico surge como a possibilidade de manter uma condição sem ter que modificar a realidade, *como uma brincadeira*. O sujeito adota uma solução fácil que faculta a sensação de poder intensificada pela proteção do “patrão”. O tráfico atualmente movimenta uma indústria de bilhões de dólares, controla instituições que deveriam proteger os cidadãos, financia crime organizado, detém um poder visível que ameaça a justiça e a democracia. Na mente já confusa do adicto, o tráfico oferece a possibilidade de soluções imediatas através do dinheiro fácil, exhibe uma *nova lei* que faz valer e passa ser aceita como verdade. “Quanto mais se afasta do pensamento em direção à onipotência, mais aumenta a frustração que o impele no sentido de ações reguladas pela crueldade. É um método que não permite a construção de um novo conhecimento” (Cap 4.7 p. 57).

Eu não acho que seja esse o problema, eu acho que o problema é o risco. Mas eu acho que num primeiro momento eu ia me sentir perdido de não ter aquelas pessoas todas me ligando, me procurando, mas pela minha vontade e pelo sofrimento que eu já vi da minha família em relação a isso eu acho que iria conseguir, porque a minha vontade hoje é de parar de traficar porque eu sou consciente a ponto de saber que eu não posso parar de uma hora para outra (dificuldade de abandonar o esquema de tráfico). (Entrevista III p. 134)

Saí e continuei vendendo e até porque ninguém pega cadeia e sai de lá querendo fazer bolinha de sabão né, lá dentro o cara se contamina totalmente com o ambiente, lá só se fala de crime e é impossível tu ir para lá e sair querendo ser testemunha de Jeová. (p. 132)

Tem a ver com dinheiro fácil, eu optei por esse jeito de ganhar dinheiro. (p. 134)

O que eu sempre quis desde guri ter a minha casa, a minha família, chegar em casa depois do serviço sentar ter uma sacada, uma cadeira de balanço, ver uma TV com a minha filha do lado, queria ter uma vida simples não sou uma pessoa de luxo. (p. 134)

O poder do tráfico, que se infiltra nesse modo de vida atual, traz consigo a sedução dirigida a alguém que deseja ser um *super homem*, e não somente um homem. Nesse

jovem, o uso abusivo de drogas soma-se a uma condenação na justiça por tráfico de drogas. Mesmo reconhecendo ter sonhos comuns, como no relato acima, o que comanda a ação é o desejo de ter mais, de fazer parte de um mundo que não é comum, outras leis, sentir-se protegido. O medo de abandonar o esquema do tráfico, que é algo detentor de um poder que aterroriza e ao mesmo tempo encanta, pode estar ao lado do medo de se defrontar com a verdade de ser comum, *ter que entrar na fila como todo mundo*. Renunciar a esse modo de vida, sentir-se uma pessoa comum, mesmo que relatado como algo possível, vem seguido da dúvida *eu acho que num primeiro momento eu ia me sentir perdido*. Recorre a uma forma onipotente de pensamento pelo temor a sentir-se comum. Os valores tais como a família, o trabalho, permanecem mesmo reconhecendo a força da corrupção desse outro mundo do qual aceitou as regras. Mas a lei que ainda é familiar hoje é a lei do tráfico, que exige que permaneça, enquanto a lei das *pessoas comuns* aparece como uma história para ser narrada.

Acho que a hipocrisia da sociedade eu não suporto. Não que esse juiz use droga mas eu acho hipócrita a sociedade botar uma pessoa, é um pensamento, é a vontade dele, naquele momento ele é Deus..(Entrevista III p.136)

A sociedade está provando do próprio veneno, os governantes tinham tudo e não há interesse deles em acabar com o tráfico. (p. 136)

Eu vou te dizer assim, sou eu mais cinco, somos um grupo de cinco. Nós somos os únicos clientes de um traficante que hoje está preso, todos nós ganhamos vantagens do traficante, todos nós ganhamos dinheiro com ele. (p. 133)

O sujeito adicto utiliza mecanismos que atribuem a algo externo as soluções possíveis. Assim como atribui ao objeto droga o poder de trazer satisfação, delega à sociedade a capacidade de corrigi-lo. O poder, tanto o legal quanto o do tráfico, é comparado a um poder divino, tal o distanciamento percebido entre si próprio e todos os homens, situação que fica amenizada quando relata que é escolhido pelo “patrão”. Sempre há alguém que detém um poder e do qual outros são privados. De um lado, a força da lei imposta pelo tráfico, e do lado oposto, o poder dos juizes que *naquele momento ele é Deus*. Esse recurso está a serviço da onipotência do pensamento que visa des-conhecer sua impotência. Quando se percebe tão desprovido de poder recorre ao uso da droga como a solução mais fácil.

Daí tu vê assim, que eu sou mais um entre muitos que estão na mesma situação que eu, ou até mais qualificado do que eu, com dificuldades iguais ou maiores e que não é “eu”, que não sou o único, que tem mais gente que está batalhando emprego. Bah, a

gente começa a ficar pequeno isso começa te dar medo, tu começa achar que não tem condição, não vai dar certo, tem muita gente, e daí tu começa murchar, murchar, e aí já entra tristeza, depressão... (Entrevista I p. 124)

Nesse relato, o sujeito parece fazer uma tentativa de reconhecer-se como mais um entre tantos que procuram emprego. Essa percepção o coloca diante da possibilidade de reconhecer-se uma pessoa comum. Reconhece a dificuldade dessa tarefa e o risco de buscar a solução mais fácil. Ele está diante de uma verdade que muitas vezes tentou negar e procura na realidade externa as justificativas que confirmem sua percepção, *não sou o único*. A permanência no eixo social-ista será fundamental para a renúncia da onipotência e o reconhecimento de ser uma pessoa comum.

Eu chego num bar onde eu tenho clientela, onde os seguranças cheiram e sabem que eu vendo uma droga eu não entro na fila eu passo na frente, entendeu, é essa sensação de poder que me faz bem, por exemplo, e eu não sou um ricoço e tenho. (Entrevista III p. 134)

Percebe-se nesse relato o adicto, de forma narcísica, reivindicando para si o desejo de exceção. Esse sujeito permanece no eixo narcisista onde, predomina um comportamento onipotente. Remete a idéia apresentada por Bion (2000), da importância de entrar no eixo do social-ismo, com renúncia à onipotência como uma forma possível de viver em coletividade. O uso da droga apresenta-se como o recurso que distorce a realidade, faz valer a arrogância. O modo de existência contemporâneo pode servir como reforço do desejo desse sujeito que encontra no tráfico a legitimação da sua onipotência. Mas o que vemos aqui é a presença de um pensamento concreto, onde a crítica recai sobre o ter ou não ter dinheiro fácil e poder. Mesmo que demonstre um ensaio de uma crítica mais ampla, não consegue ir além da frustração diante do reconhecimento da sua impotência.

Eu achava que tinha capacidade de superar todos, eu era super homem, era melhor de todos, eu era o cara, acreditava que o mundo girava em torno do meu umbigo, e que as coisas aconteciam porque eu queria e na hora que eu queria. Eu achava que o que tinha em casa não me bastava. Isso me atrapalhou também na vida afetiva, porque eu casei muito cedo e acho que tinha essa idéia de que o que eu tinha em casa não era suficiente. (Entrevista V p. 152)

Com a cocaína conseguia fazer aquilo que eu não conseguia. A cocaína entrou em mim e trouxe exatamente uma sensação de uma coisa que eu queria e não tinha. (Entrevista V p.150)

A utilização da mentira e da onipotência como uma forma de lidar com a realidade antecede o uso da droga como surge nessa entrevista. A droga traz ao indivíduo a sensação de ter encontrado um recurso capaz de superar seus conflitos e cria uma sensação de grandiosidade. Ao entrar em abstinência, podemos perceber uma tentativa de reconhecimento do uso da mentira-onipotência até então negado. Novamente aqui identificamos situações onde os profissionais se deparam com a dúvida. A sensação provocada com frequência é de estar diante de uma mentira, pois o discurso se apresenta vazio de emoção. Assim como pode significar uma tentativa de ser verdadeiro, existe também a possibilidade de ser uma mudança de narrativa, novamente ocultando uma verdade ainda não tolerada.

Me pego ainda em situações, onde eu crio situações de mentira. Mesmo porque não adianta a minha vida não vai dar um giro de 360 graus e tudo se ajeitar só porque eu estou em recuperação. Mentindo para mim, mas talvez hoje eu tenha capacidade de perceber isso. É isso, pelo menos hoje eu tenho a capacidade de perceber isso, de fazer uma análise para pelo menos saber se vale a pena seguir persistindo nessa mentira né. Coisa que essa capacidade estava completamente deteriorada, os conceitos, a inversão de valores é total. A inversão de valores é total. (Entrevista V p. 152)

O uso de drogas provoca uma evasão ilusória da dor e a sensação de fortalecimento transitório do ego. Esse modo de funcionamento não é abandonado totalmente após o tratamento. É um longo processo. A onipotência é uma ilusão mantida pelo efeito efêmero da droga e serve para não entrar em contato com a frustração. Ao renunciar a onipotência, o sujeito reconhece a existência do outro e tolera a renúncia exigida para a vivência em grupo. Pode descobrir que é possível obter satisfação através de outras possibilidades de realizações de seus desejos. Também pode perceber contentamento na vida em grupo. Isso exige renúncia da satisfação absoluta de prazer, que parece uma tarefa para a qual o adicto ainda sente-se incapaz.

Eu empurrava as coisas com a barriga, agora não sei... (Entrevista IV p.141)

Eu só queria viver fora daquela loucura. (p. 141)

Ao não reconhecer a realidade, o adicto não a trata como realidade. A solução encontrada para viver *fora daquela loucura* muitas vezes se apresenta através alteração do estado de consciência, em que o adicto é capturado por uma rede de falsas soluções. *Empurrar com a barriga* a verdade, a dor que a vida traz, e com a droga sente-se apaziguado

por um tempo, mas ela ressurge depois com a sensação de tempo perdido. É o reconhecimento de uma mentira que agora traz desconforto, e o adicto denuncia o desejo não querer mais sustenta-la.

Agora eu vejo que estou buscando as coisas, os valores que com o tempo eu fui perdendo com o uso da droga, mas eu sinto que é uma luta difícil porque envolve até uma questão de hábitos. Por muitos anos eu tive esse hábito e tudo que é bom que é diferente a gente não sabe como vai mudar. Agora por exemplo estando abstinente eu me pego às vezes como uma criança, como se eu não soubesse nem lidar sabe?
(Entrevista IV p. 144)

A abstinência descortina algo que ficava encoberto pelo uso de drogas. Muitas vezes o adicto parece encontrar-se diante de um dilema, ao livrar-se das mentiras incorporadas ao seu repertório, sente-se obrigado a adotar fundamentos pregados como solução, mas em relação aos quais ainda pode ter dúvidas. Como os grupos de auto-ajuda exigem abstinência, a única opção de permanecer nesse grupo é aderir ou optar pela falsidade e cair na mesma armadilha vivida no modo anterior de sua existência: a mentira.

CATEGORIA 5: MUDANÇA

Ao expor seus pensamentos a respeito dos grupos de auto-ajuda, se fez visível em vários momentos o tema *mudanças*. O adicto reconhece a necessidade de mudanças no seu modo de vida, mas essa exigência provoca um tumulto emocional. Os grupos de auto-ajuda aqui citados têm como orientação os princípios desenvolvidos inicialmente nos Grupos de Alcoólicos Anônimos. Esses grupos têm como alicerce um programa de doze passos, ou doze tradições, que consistem em normas a serem praticadas a fim de manter a abstinência. O primeiro passo propõe a aceitação da condição de impotência diante da droga, sugerindo que após essa aceitação seria possível a aplicação dos outros passos sucessivamente. O anonimato pode ser mantido nas reuniões, mas é exigido ao adicto que confesse a verdade, estar ou não usando drogas. Os sujeitos entrevistados participam no momento dos grupos de auto-ajuda, com frequência variada. De um modo geral, há um reconhecimento do valor do grupo no objetivo de manutenção da abstinência. Os sujeitos relatam a forma como cada um recebe

essa nova forma de pensamento. Serão apresentadas observações após a apresentação dos extratos.

No começo eu me sentia invadido. Me sentia assim.. eles sugerem a tal da mente aberta para aceitar sugestões e eu não tinha essa mente aberta, eu tinha uma mente fechada e tinha muito medo e receio, e me julgava sempre com aquele pensamento “não sou tão mau assim” E assim me sentia invadido sabe, parecia algo novo, parecia assim quando o rio e o mar se encontram, se misturam, quando o rio deságua no mar, ocasiona aquela.. se tu vê uma imagem aérea tu vê que fica aquela linha da água do rio a água do mar, a água e o azeite que não se misturam, era um troço bem maluco assim...Me sentia mal, era uma confusão sabe, porque eu sempre agi de uma forma e de repente tinha uma outra forma que eu nunca tinha experimentado e não sabia qual seria o resultado daquela foram nova de agir entendeu? E daí me dava medo né, e todas atitudes que eu tomava, que eu conhecia eram fáceis de saber quais eram as conseqüências delas e já a partir achar meios e maneiras de justificar essa conseqüência entendeu? Tipo, peguei dinheiro da carteira da minha mãe, eu sabia que ela ia ver a carteira ia ver que o dinheiro sumiu e ia saber que era eu, já sabendo disso eu preparava “bom vou dizer que ela perdeu, que foi a empregada” E de repente eu fazer isso e quando minha mãe perguntar eu olhar no olho dela e dizer “fui eu mãe” Então eu nunca tinha feito isso e não sei qual vai ser a conseqüência disso. Então o sentimento é esse é o claro e escuro, o preto o branco...(Entrevista I p. 122)

Já no início, os grupos exigem uma mudança no hábito que serve de sustentação para o seu modo de vida, a renúncia das verdades nas quais até então se apoiava. Essa exigência gera confusão: *Então o sentimento é esse é o claro e escuro, o preto o branco.* O sujeito adicto encontra-se diante de algo novo. Olhar para as próprias impossibilidades foi sempre um caminho evitado no seu modo de existência.

Ao olhar o seu percurso o sujeito consegue identificar um esvaziamento das verdadeiras emoções que ficavam distanciadas quando a mentira tomava o plano principal. A droga entrou como sucedâneo do objeto transicional, sustentando uma versão onipotente que vai contra a realidade negada. Resta saber quem sustenta o discurso atual.

Muito bom, só me ajudou, infelizmente ouvir a tragédia dos outro e saber que tu não é único é uma grande forma de ajuda. Eu não vou demais, deveria ir mais. Eu sou uma pedra a ser lapidada, não sou uma pedra preciosa, mas tenho que ser lapidado. Eu sei que tem uma coisa que eu não sou, eu tenho que pertencer a uma equipe. Então acendeu uma luz na minha zona de ação, é como um poste que tem uma luz. (Entrevista II p. 130)

A proposta de incluir o adicto entre iguais, de uma certa forma, deveria proporcionar olhar uma *tragédia* da qual ele não é o único protagonista. Sob o vértice de Bion

(2000), essa escuta pode facilitar uma aproximação ao eixo social-ista, que prevê renúncia à onipotência e o coloca como um entre os demais. Para que exista essa condição, é necessário que discurso se transforme numa verdade própria do sujeito, não de outros. Enquanto o adicto utilizar os grupos para olhar a tragédia do outro, permanece funcionando através da identificação projetiva⁸, expelindo o que é incômodo.

Bom, antes eu era muito cético, eu ia só para agradar os outros, mas hoje eu vejo que essas regras ensinam muita coisa e a principal é saber que sou impotente diante de qualquer substância que me faça mudar, e isso foi importante porque eu tenho esse comportamento compulsivo. Agora nos últimos tempos eu estava só fumando baseado e pensava assim Ah baseado não dá nada, maconha é fraquinha, não dá nada. Foi difícil acreditar, mas eu fui olhando assim pois eu fui perdendo tantas coisas por tantos anos e agora parece que pela primeira vez eu estou pensando em mim mesmo, sem estar me confundindo, sem tirar os pés do chão. Hoje eu acho que qualquer coisa que for eu não tenho controle. Eu já perdi muito tempo da minha vida e hoje abstinente eu consigo ver o sofrimento que eu causei nos outros, na minha família, deixei de enxergar só o meu lado. (Entrevista IV p. 141)

É natural ao indivíduo que surjam dificuldades em aceitar verdades que até então não eram suas. Percebe-se nos adictos relatos de sofrimento e dúvidas nas tentativas de acreditar na nova crença que se apresenta como solução. O sujeito sente que lhe é exigida uma mudança bastante radical, mas para isso não basta mudar os hábitos, é preciso a mudança interna. Os sentimentos de contratransferência⁹, surgidos em quem trabalha com adictos, quando escuta esse novo discurso é com muita frequência de vazio, de impotência. Diante dessa exposição com aparência de certezas, o profissional se vê invadido pela sensação de estar diante da falsidade. Como vimos na categoria mentira, vale lembrar que a droga encobre algo que é negado, sendo que agora o discurso pode ser utilizado como um recurso para o mesmo fim.

Em termos de mudar isso aí foi principalmente em termos do programa, da clínica, do programa de NA. Pessoalmente nisso né porque tu começa a descobrir outras coisas. É aquela coisa, tu perde para saber o que tu não quer mais né, então hoje eu consigo ver que tem uma outra maneira de viver e seguir inserido no contexto sem usar uma substância. E muitas vezes por mais que eu evite, tu te depara com elas e aí eu sei que

⁸ Conceito desenvolvido inicialmente por M. Klein e aprimorada por Bion. Mecanismo que se traduz por fantasias em que o sujeito introduz partes de si, ou sua totalidade no interior do objeto, para o possuir ou controlar. Com as idéias de Bion essa concepção adquire a função de uma comunicação primitiva.

⁹ Conceito utilizado pela psicanálise para identificar o sentir inconsciente do psicanalista vinculado com os conteúdos inconscientes ou conscientes do material exposto pelo paciente.

devo picar a mula, porque se eu ficar pra lama né, desvio e vou embora, vou sair fora porque hoje eu vejo. Antes eu percebia, ou fazia parte de um contexto de quem tinha geralmente, ou se eu não tinha já percebe onde está e tu faz questão de estar inserido naquele contexto, mas hoje quando eu percebo isso eu faço questão de tomar outro caminho. (Entrevista V p. 148)

Em muitas entrevistas, aparece o quanto o adicto sente que é exigido em termos de mudança que ele teme não ser capaz de cumprir. *Tomar outro caminho*, como aqui é relatado, pode ser um caminho ainda desconhecido, mas também em alguns momentos uma mudança de espaço físico. Aparece nesse relato com clareza a impossibilidade de um pensamento simbólico para a expressão *tomar outro caminho*. *Sei que devo picar a mula* aparece como a única forma que conhece de evitação da dor, pois não reconhece em si força de resistência diante da oferta do bem estar trazido pela droga. Não existe uma transformação que permita *um outro caminho* a nível de pensamento. Esse tipo de relato denuncia a presença de um pensamento concreto como uma forma do adicto lidar com o seu problema.

Me ensinaram muita coisa, me ensinaram que é só por hoje né. Me ensinaram que hoje eu tenho que optar em querer e não querer, e eu penso que tenho essa liberdade e hoje eu não quero, me ensinaram que eu tenho que seguir renovando esse meu propósito de ficar sem usar porque daqui a pouco se eu deixar de lado a doença pode aflorar em mim de novo, ela está em mim, isso não adianta não tem como acabar com ela. Me ensinaram e ver um outro lado da vida que até então não havia prazer, mas não havia prazer porque também eu não conhecia, de cara limpa, sendo mais responsável com as minhas coisas. (Entrevista V p. 151)

A proposta compreendida é que o adicto tem uma opção: *hoje eu tenho que optar em querer e não querer e eu penso que tenho essa liberdade*. Essa liberdade inclui pensar sua própria verdade, suas qualidades e limitações e sua inclusão no que chama de “*ser uma pessoa normal*”. Ao entrar em contato com a verdade temida, com dores que pensava não poder tolerar, no livre trânsito de suas emoções, o adicto talvez encontre o caminho da liberdade em relação à falsidade trazida pelo efeito da droga. Está apreendendo a conhecer o mundo de *cara limpa*, reconhece a possibilidade de uma outra vivência, mas ao mesmo tempo teme a *doença* que continua ali, à espera. *Me ensinaram* é uma expressão que se ouve com frequência e muitas vezes surge somente como uma repetição de um discurso falado nos grupos.

Os grupos me ajudam a pensar muitos aspectos da minha vida. Esse programa me ensinou a pensar muitas coisas na minha vida inclusive essa impulsividade na minha vida afetiva, mas uma coisa de cada vez...Eu freqüentei muitos grupos logo que saí da clínica, e hoje eu tenho uma relação afetiva com esse grupo, conheço algumas pessoas com quem compartilho alguns objetivos e por isso eu venho sempre. Cada um escolhe o seu caminho...(Entrevista V p. 152)

Ao entrar em abstinência, é esperado que o adicto possa olhar o modo de vida que até então norteava sua existência. É de se esperar que essa exigência provoque um impacto considerável. Terá que pensar e sentir. Esse impacto exige um passo de cada vez para que essa nova verdade surja do livre trânsito entre os novos pensamentos e suas emoções correspondentes. *Uma coisa de cada vez* é a proposta dos grupos de auto-ajuda.

Esse parece ser um caminho difícil de ser iniciado. *Parecia algo novo, parecia assim quando o rio e o mar se encontram, se misturam, quando o rio deságua no mar, ocasiona aquela.. se tu vê uma imagem aérea tu vê que fica aquela linha da água do rio a água do mar, a água e o azeite que não se misturam, era um troço bem maluco assim...*O sujeito fala de escolhas com um certo receio. Ao citar *uma coisa de cada vez*, denuncia a confusão que ainda o impossibilita de pensar com clareza.

As regras sugeridas nos grupos de auto-ajuda tem como objetivo mudanças no estilo/modo de vida do adicto, que de alguma forma deverão se estender a outras áreas de sua existência. A filosofia dos grupos supõe a aceitação dos passos propostos para se chegar a tal fim. É exigida uma crença, um ato de fé, expresso no primeiro passo, para que se possa dar um segundo passo.

Uma função que não pode deixar de ser reconhecida dos grupos é o fato do adicto sentir-se inserido. Essa sensação de pertinência a um grupo aceito socialmente provoca um estado de bem estar no adicto, pois, em função do seu uso abusivo de drogas, ele havia ficado privado dessa experiência. O apego que se vê nesses sujeitos aos grupos vistos como uma irmandade, ao mesmo tempo em que facilita um retorno aos seus papéis sociais, cobra uma fidelidade aos princípios propostos.

6.2. Adições: A Cisão em Dois Mundos

Parece não haver um padrão de comportamento anterior que permita identificar a recorrência ao uso de drogas como uma solução de vida. Talvez seja a essa diversidade que se refere Olivestein (1985) quando fala que não é possível reconhecer um toxicômano típico: “O toxicômano se assemelha um pouco a alguma coisa que o terapeuta já viu: um pouco depressivo, um pouco psicótico, um pouco homossexual, etc.” (p. 82). Mesmo assim algumas premissas básicas são necessárias para o trabalho de recuperação do sujeito adicto. Sabe-se que as adições às drogas são uma doença que atinge tanto o corpo quanto o psiquismo do sujeito e requer cuidados específicos.

Ao mesmo tempo em que não se pode falar de critérios únicos, é possível identificar que, diante dos conflitos, os sujeitos adictos adotam padrões de defesas primárias, próprias dos comportamentos infantis. Olivestein (1985) refere-se ao toxicômano como alguém que não tolera frustração de forma tão aguda, por isso é definido como aquele que quer “tudo já”, não suporta o adiamento da satisfação. Ele não é capaz de utilizar o pensamento como um meio de tolerar a ausência e adiar o prazer, como é descrito por Freud (1911) nos estudos sobre o desenvolvimento do psiquismo em direção ao princípio da realidade. A ação é um recurso típico da fase do predomínio do princípio do prazer e visa eliminar o excesso de estímulos que causam sofrimento.

Inicialmente uma das expectativas em relação aos resultados desse trabalho era verificar a interferência da sociedade de consumo no uso de drogas, tal como ocorre no momento atual. Como a motivação inicial para esta investigação surgiu a partir de inquietações originadas no exercício da clínica das adições procurou-se referências teóricas que contemplassem o funcionamento individual sem deixar de levar em conta a inserção do sujeito no meio. Ao apresentar a pesquisa da literatura, procurou-se descrever a constituição de sujeito e os padrões de comportamento do usuário de drogas do modo como aparece na atualidade. Partiu-se da hipótese de que habitamos uma sociedade que se apresenta com características de hedonismo, intolerância com as diferenças, leis que se moldam na vontade de alguns. Ao propor aos sujeitos entrevistados questionamentos sobre a influência do meio nesta busca de um novo lugar o objetivo era abrir um espaço para ele pensar sobre a possível interferência do meio no seu modo de vida. A partir da análise das entrevistas percebeu-se a ausência de uma consciência crítica em relação a essas práticas contemporâneas. O reconhecimento desta ausência provocou questionamentos onde inicialmente procurava-se respostas.

Em alguns momentos das entrevistas, os sujeitos parecem formular um esboço de crítica em relação ao modo de vida contemporâneo. Porém, ao mesmo tempo, percebe-se nesses sujeitos a ausência da idéia de que algo que não está bem merece um esforço para ser modificado. No funcionamento do adicto, ao buscar o entorpecimento da mente, ele visa como resultado “que a consciência da realidade seja alterada quando a realidade não pode sê-lo” (Bion 1994 p. 63). Essa é uma conduta baseada numa fantasia onipotente que visa ou a destruição da realidade, ou a percepção que se tenha dela. O que poderia ser uma crítica, nesse caso funciona somente como um relato que serve para aumentar a sensação de impotência. O sujeito diz: *É, mais ou menos por ai, me vi enrolado, provei do próprio veneno, um veneno que me ofertam* (Entrevista III p.137). Quando reconhece a hipocrisia da sociedade, essa percepção faz com que sintam-se em desvantagem em relação a quem identifica *como um Deus* (p.136). Esse reconhecimento serve como autorização para ocupar o lugar desejado e os meios podem ser, além da intoxicação, o poder do tráfico pelo qual sente-se protegido. A mentira é utilizada com frequência para tal fim.

Crítica, que vem do verbo grego *Krinê*, antes de julgar significa separar-se do objeto, distanciar-se. Manter um distanciamento mínimo que permite lançar um olhar sobre os fatos sem estar confundido com eles. Observa-se no comportamento do adicto características semelhantes ao do funcionamento da sociedade de consumo, com uma inclinação para o eixo do narcisismo, no qual a premissa é, a onipotência do pensamento e a certeza de que se pode realizar todas as ações desejadas. O adicto está enclausurado nesse modo de vida, com a mente entorpecida, sem poder pensar e sem reconhecer em si recursos capazes de mudar a realidade. O objeto externo, no caso a droga, ao alterar as emoções provoca uma sensação diferente mas não provoca transformação.

Nas entrevistas, os sujeitos relatam maneiras de proceder que denunciam um funcionamento predominantemente narcísico durante a trajetória de uso de drogas. São reconhecidas a presença da mentira, da inversão de valores, do tráfico e outras atitudes transgressoras no seu modo de existência. Esses são comportamentos que não levam em conta a existência do coletivo. Nesse modelo, a maneira de funcionar do adicto é regida pela lei anti-social. No uso transgressivo da droga, a lei, assim como os desejos, ficam encobertos. Ele estabelece com a droga uma relação ilusória de auto-suficiência. A ação do adicto passa a ser

governada por essa concepção de vida. Adota uma forma de pensamento onipotente, em que não importa o meio de obtenção de prazer. Um enclausuramento do qual o sujeito revela ser difícil encontrar o caminho da saída.

O meio cria um discurso que produz verdade, como denuncia Foucault (2002) em sua análise. Podemos reconhecer no funcionamento social moderno a presença de certos dogmas que parecem produzir amarras invisíveis, mas poderosas. A sociedade de consumo tem uma religiosidade que se apóia em signos. Seus ícones são divulgados constantemente pelos meios de comunicação e indicam o caminho para alcançar o gozo prometido. A sociedade moderna caracteriza-se por sustentar uma versão de que através do consumo de objetos é possível alcançar um bem estar. Esse funcionamento atende às necessidades infantis do indivíduo de ter os seus desejos atendidos, mas ao mesmo tempo cria mecanismos de sofrimento pela ausência de satisfação.

A permanência desse mecanismo provoca ansiedade, pois o consumo de objetos não dá conta da subjetividade. Quando o objeto falha, ao sustentar a ilusão, abre-se espaço para a depressão (Khel, 2002). Cria-se o vazio. O sujeito sofre porque sente falta e constrói uma premissa falsa de que a falta é uma injustiça. A mentira surge como um recurso encobridor quando rituais de consumo, tanto de objetos quanto de drogas, tornam-se falhos e a dor aparece. A falta é inerente ao ser humano, sem exceção. Em algum momento, em uma entrevista, o sujeito adicto parece sinalizar o reconhecimento de que a vida nos cobra impostos, e que essa é uma verdade de ser humano. Ele diz: *são os impostos para eu ser feliz*. (Entrevista IV p. 144). O modo de vida atual, ao enaltecer o gozo, nega o pagamento de qualquer imposto.

A droga, de acordo com essa lógica, não se apresenta como uma denúncia contra o modo de existência proposto pelo consumo, mas sim como uma concordância. O adicto expõe o ideal da sociedade de consumo de forma exagerada. Sem esquecer a cultura farmacológica que faz parte desse contexto de consumo de um objeto ideal apaziguador das angústias. A obrigação de gozar imposta pela sociedade moderna pode ser tão penosa quanto a proibição do gozo. Hoje há um desaprendizado em relação à vivência da dor. O sofrimento é desqualificado e, com isso, fica amordaçado algo que pertence a expressão dos afetos sobre os quais se edificam a experiência de ser humano.

Enquanto o sujeito adicto não reconhecer em si mesmo possibilidades de tolerar as ausências que a vida impõe, será difícil desvencilhar-se da clausura imposta pela sua adição às drogas. Durante as entrevistas, ao denunciar sua revolta com a hipocrisia da sociedade, o adicto perpetua o que diz não tolerar. Ao ser perguntado: *Por não tolerar essa hipocrisia resolveste hipocritamente ganhar dinheiro com a hipocrisia dos outros. Mas te viste enrolado, não é isso?* O sujeito responde: *É, mais ou menos por ai, me vi enrolado, provei do próprio veneno, um veneno que me ofertam.* (Entrevista IV p. 136). O dinheiro fácil do tráfico apresenta-se como a solução possível. Podemos reconhecer através desse relato que, mesmo percebendo as artimanhas aos quais estamos expostos no convívio social, a solução encontrada é tornar-se também hipócrita. Mesmo percebendo-se pouco tolerante em relação à hipocrisia, parece não acreditar em uma outra forma de convívio que permita a sensação de sentir-se reconhecido, a não ser pelo poder do patrão.

Quando está em abstinência, a percepção de maneiras de viver diferentes, de quem usa ou não drogas, é expressa na crença da existência de *um outro mundo*. O terapeuta, os grupos de auto-ajuda, os familiares, todos são de um outro mundo, e, de acordo com a idéia do adicto, cada um fica enclausurado no seu. Uma expressão ouvida com frequência é de que alguém que não usa drogas não consegue compreender a experiência de ser adicto.

Para dar expressão à vivência do adicto na realização desse trabalho, optou-se pelo uso da palavra como instrumento de investigação. A utilização da palavra como recurso de comunicação foi buscada no exercício da clínica, de onde surgiu a inspiração dessa pesquisa. Na clínica psicanalítica, contamos com a palavra ou outras fontes de manifestações simbólicas como recursos terapêuticos com os quais o paciente traz à cena os seus conflitos. Na clínica das adições, temos um sujeito que tem a palavra como um estorvo desnecessário, pois parece não contar com esse recurso para falar de si. Na experiência clínica do tratamento das adições, tanto em consultório quanto na instituição de internação, a sensação vivida pelos profissionais diante do discurso do paciente é de vazio, de descrença. O que se verifica é a limitação, por parte do sujeito adicto, na utilização da palavra para expressão da subjetividade. Com frequência, surge a sensação de impotência, pois sabe-se da impossibilidade de qualquer evolução terapêutica quando a palavra não está acompanhada da experiência emocional.

Os grupos de auto-ajuda surgem como um lugar onde o adicto pode fazer uso da palavra. Eles estão presentes na grande maioria dos tratamentos para pacientes usuários de drogas. Os grupos de auto-ajuda são apresentados como um espaço onde o adicto pode falar de si, dividindo suas angústias, suas dificuldades com outros indivíduos que partilham do mesmo problema. A proposta desses grupos é a manutenção da abstinência, como fica exposto no prefácio de sua obra: “um grupo de princípios espirituais, que, se praticados como um modo de vida, podem expulsar a obsessão pela bebida” (Os Doze Passos p. 9) Esse é um aspecto beneficiador desse tipo de tratamento. Pesquisas demonstram que um maior número de pacientes permanece em abstinência freqüentando grupos de auto-ajuda no mínimo duas vezes por semana no primeiro ano pós-tratamento. A abstinência, no entanto, segundo as pesquisas, fica vinculada a permanência nos grupos (Etheridge, 1999).

Por outro lado, é importante reconhecer que não é possível considerar critério de cura somente a freqüência aos grupos de auto-ajuda e manutenção de abstinência. Quando adere a uma crença repetida, sem ser vivida como uma verdade genuína, o adicto transfere para a relação que mantém com os grupos a solução buscada na droga, mas que não foi encontrada pelo seu efeito danoso. O sujeito continua *empurrando com a barriga* (Entrevista IV p. 141) e não vive a experiência de *olhar para si*. Continua na dimensão de des-conhecer a realidade, tanto interna quanto externa. Identificamos aí o que Bion (1974) chama de Linguagem de Substituição, que não leva a uma transformação, pois mantém um caráter imutável. Esse tipo de funcionamento é o mesmo que permite a adesão a cultos totalitários para onde é transferida a onipotência do pensamento.

Os grupos de auto-ajuda apostam na disciplina e no efeito punitivo ou gratificador para obtenção da abstinência. O modelo médico adota procedimentos semelhantes, já que parte do pressuposto que a dependência química é uma doença incurável. No campo da bioquímica, com o objetivo de evitar que o sujeito use drogas, utiliza-se fármacos com efeito bloqueador, aversivo, de substituição ou aqueles que agem no controle da compulsão. São formas de tratamento que visam em primeiro lugar a abstinência.

A proposta de tratamento dos grupos de auto-ajuda, que deveria favorecer ao adicto o encontro com a palavra, se apresenta justamente sob a forma de um enunciado, os doze passos, do qual ele não pode fugir. Como desígnio básico, já anunciado no primeiro passo, os grupos oferecem como ponto de partida e ponto de chegada o mesmo pressuposto,

“sou um adicto”. Apresenta-se uma asserção que não oferece desvencilhamento dessa condição. A recuperação proposta se retroalimenta nessa formula cristalizada, na condição de adicto e na terapêutica proposta onde há a repetição do mesmo. Aquilo que poderia vir a ser uma forma de resistência ao enclausuramento imposto pelo uso das drogas, acaba capturando o sujeito justo no que deveria ser o “próximo passo”, que seria transpor do ato ao pensamento.

O que se percebe é uma forma de utilizar os grupos de auto-ajuda muito próxima do exercício da confissão (Foucault, 2000b). De acordo com Foucault, a partir do cristianismo, o conhecimento de si foi substituído pela prática da confissão, que está centrada na culpa. Ao enunciar “sou um adicto”, parece afirmar sua impotência, renunciando a novas referências identitárias: sou um jovem, um brasileiro, um homem. A única identificação continua sendo com a droga. Ao ficar preso a essa confissão, como fica a produção de novos sentidos? Ao mesmo tempo, como fazer a passagem para a responsabilidade num tratamento, quando o que o adicto busca são verdades prontas e absolutas e solicita tratamentos “duros”?

Essa crítica não se dirige ao tipo de funcionamento dos grupos de auto-ajuda, mas à forma como são utilizados. Assim como a droga em algum momento da trajetória do adicto foi denunciada como o mal externo que causava o dano, agora a esperança de cura desses males é transferida aos grupos de auto-ajuda. Não podemos supor que a frequência aos grupos e adesão a suas propostas tem o poder de modificar uma estrutura psíquica que se solidificou ao longo do tempo. Quanto aos outros fatores presentes na etiologia das adições, além do aspecto biológico, não podemos desprezar o impacto do meio. Mesmo que evite lugares ditos perigosos, sabemos que a influência do meio não se restringe somente à oferta da droga ou aos conflitos familiares. A influência do modo de vida atual infiltra-se em todos que fazem parte da coletividade, independente de ser ou adicto. Estamos todos, de alguma forma, expostos aos regimes de verdade propostos por Foucault.

Mc Dougal (1996) nos faz lembrar de sujeitos com dificuldade de lidar com a dor que procuram expelir os traumas para fora do psiquismo por não encontrarem uma saída de forma simbólica. São expressões que visam dispersar rapidamente o afeto, pela impossibilidade de dar outra solução. O discurso, no caso das adições, aparece desprovido de emoção, ou como aquilo que chamamos de pensamento concreto. Ao falar de si, não identificamos uma auto reflexão. A sua história é contada utilizando uma linguagem de ação

que pouco inclui percepções de si mesmo. O adicto, através da identificação projetiva, coloca no grupo a tragicidade do evento do qual faz parte. Há uma impossibilidade de viver a própria dor. Enquanto essa ficar projetada no grupo, provoca a sensação de estar controlada. A vivência do outro é mais trágica *infelizmente ouvir a tragédia dos outro e saber que tu não é único é uma grande forma de ajuda* (Entrevista II p. 131). O grupo, que teria a função de inaugurar o sujeito no eixo social-ista, não cumpre essa função pela impossibilidade do sujeito de viver a dor de sua vida trágica.

Nessa etapa do trabalho, o questionamento central que se apoiava na averiguação das práticas sociais e sua influência no uso abusivo de drogas tomou a forma de uma reflexão: qual a potência da clínica no tratamento das adições?

6.3. As Possibilidades da Clínica no Tratamento das Adições às Drogas

É importante lembrar que Freud (1905) se referia as adições às drogas como um sucedâneo da masturbação infantil, quando a criança toma parte de seu corpo e desliga-se do mundo externo, dos objetos. Para o adicto, é difícil o reconhecimento de sua dependência do mundo externo. O dilema da dependência humana está presente desde o início no desenvolvimento humano. Ao lado do desejo de permanecer fusionado ao objeto, convive o desejo de individuação. Certamente essa relação se repete com quem quer que esteja envolvido no cuidado com o adicto, podendo ser com os familiares, com o médico, o terapeuta ou as instituições de tratamento.

O que se percebe é que a aderência aos preceitos propostos pelos grupos de auto-ajuda pode perpetuar de alguma forma a relação anterior estabelecida com a droga. O adicto transfere a forma como se manifesta a sua enfermidade, no caso sua adição, para as formas de tratamento às quais se submete. Não se trata de igualar, já que, na relação com os grupos de auto-ajuda, as conseqüências ao indivíduo não são prejudiciais. Ao contrário, existe o benefício da abstinência, que permite ao sujeito tirar proveito do tratamento sem a alteração da consciência. Esse é um requisito básico para ampliar a capacidade de pensar.

Quando falamos aqui em pensamento, estamos levando em consideração as idéias de Bion (1994), para quem o pensamento deve ter uma correspondente experiência emocional. Para desenvolver a capacidade de pensar, é fundamental suportar as faltas que a vida apresenta. Ao contrário, quando não existe essa tolerância, o sujeito opta pela fuga como uma forma de não reconhecer a dor causada pela ausência do objeto. Nesse caso, não se desenvolve um pensamento, mas a percepção da realidade desprovida da experiência emocional correspondente. O adicto parece apresentar os relatos como uma crônica que já foi repetida inúmeras vezes com os mesmos conteúdos, talvez as mesmas palavras. Na tentativa de uma aproximação com a emoção que deveria acompanhar o discurso, a sensação provocada é de um vazio, um fosso que separa a experiência das palavras que compõem o relato.

O movimento que se verifica nos grupos de auto-ajuda fica mais próximo de uma função adesiva do pensamento e não da criação de algo novo. O sujeito não atinge o nível do pensar, permanece no nível da crença. Ele submete-se às leis dos grupos sem criar um sentido próprio. O adicto ocupa o vazio da mente deixado pelo abandono do uso da droga com uma idéia adotada. Permanece no velho território que tem como afirmação as verdades absolutas e obstrui a criação de novas virtualidades que trariam a necessidade de criação de novos sentidos. O segundo passo talvez poderia ser este, transpor o fosso que permite a inclusão da experiência emocional, da vivência da falta, da experiência de poder pensar um pensamento, verbal ou não, e a tentativa de expressão pela palavra que se antecipa ao ato. Produzir sentidos e não submetimento com a confissão de suas culpas. Estaria aí a potência da clínica das adições?

Ao integrar a emoção com a palavra cria-se a possibilidade de uma transformação para um outro tipo de aprendizado. A partir das entrevistas, o que percebemos é que o adicto parece somente se ater às palavras repetidas inúmeras vezes, como que preso a uma “não transformação”. Talvez seja essa referência a *uma outra vida que não é para mim* (Entrevista I). O tratamento deveria ser um espaço para vir a alcançar uma Linguagem de Êxito (Bion, 2000), na qual ele possa sentir-se responsável por suas ações e capaz de apreender com a experiência. Essa linguagem refere-se sempre a um ponto de vista, não se apresenta como um saber absoluto. É um movimento que possibilita criação e que busca um conhecimento que permite transformações. Ao criar sentido, essa linguagem proporciona ao

adicto não permanecer somente um canal escoador de narrativas através do qual as experiências apenas passam sem provocar marcas e memória.

O primeiro passo proposto nos grupos de auto-ajuda, se visto por outro vértice, pode ajudar o adicto a reconhecer sua impossibilidade sobre algumas circunstâncias que a vida apresenta: “sou impotente diante de algumas situações”. Ao desenvolver uma capacidade reflexiva, o sujeito poderia fazer uma interpretação mais ampla dessa única verdade que apresenta-se como imutável: “sou um adicto”. Os tratamentos das adições, por partirem de um modelo médico, religioso ou moral, perpetuaram um discurso autoritário. A confissão sob coerção não produz a verdade como um bem dizer. A prática da *parresía*¹⁰, conceito resgatado por Foucault (Abraham, 2003), supõe uma relação de sinceridade consigo mesmo e com os outros. Também nas campanhas de prevenção, aparece uma forma de expressão autoritária, conforme exposto por Lopes (2003). Por meio de análise discursiva e do efeito dos sentidos utilizados na construção dos anúncios, foi constatada a ineficácia dessas campanhas. De acordo com a autora, o discurso é autoritário porque manipula ao identificar o usuário como disseminador de malefícios. “O enunciador coloca as drogas como o opositor da ordem social, o vilão que subverte o comportamento e, conseqüentemente, instala o caos na família, na comunidade e na sociedade como um todo”.

O adicto, por sua vez, ao não reconhecer em si uma dimensão simbólica das leis que devem ser cumpridas, compartilha da idéia de que os tratamentos devem ser “duros”. Um sujeito entrevistado, que tinha seu sustento no tráfico, relata: *No momento que eu fui condenado essa sensação de poder diminuiu* (Entrevista III p. 135). Só a lei real é reconhecida. O sujeito, ao se perceber preso à sensação de impotência, sem criar um novo sentido para vivenciar seus conflitos, continua solicitando ao mundo externo uma solução para sua vida. Assim, atribui aos tratamentos “duros” a contenção da sua impossibilidade de estabelecer uma outra relação com a droga. Mais uma vez opta pela evitação da dor ao não olhar para si e reconhecer sua impotência. Mas se em algum momento se deparar com a droga e tiver que fazer sua escolha, se esta lei não foi internalizada ele novamente poderá estar envolvido pelo apelo dessa forma de existência.

¹⁰ Na *parresía* quem fala diz tudo que se passa em sua mente, ficando clara a intenção de comunicar tudo para uma audiência capaz de compreender. Quando alguém possui tais qualidades essa é a prova de que ele tem acesso a verdade. Existe uma relação de sinceridade do sujeito com o que sente e pensa e a necessidade de expressão dessa verdade.

CONCLUSÃO

Esse trabalho surgiu a partir de observações na clínica das adições, onde percebe-se a diversidade de fatores presentes no uso abusivo de drogas. Hoje, sabe-se que o problema das adições não se resume somente ao indivíduo. A partir dessas considerações, essa pesquisa teve como linha básica o funcionamento do sujeito na sua totalidade, tanto individual quanto social.

Inicialmente foi desenvolvida uma pesquisa da literatura sobre a constituição do sujeito. Foram apontadas algumas formas de resolução diante de conflitos que parecem ser comuns no sujeito que chegou ao uso abusivo de drogas. Elas evidenciam falhas na constituição de si fundadas muito precocemente. Levando em conta que nas adições às drogas estão presentes múltiplos fatores, procurou-se contextualizar o problema para avaliar a influência do meio no comportamento do adicto. Optou-se por investigar como o sujeito percebe e interage com as demandas exigidas pela sociedade de consumo. Como esta pesquisa se propôs a dar ênfase aos aspectos subjetivos presentes no uso de drogas, decidiu-se dar a palavra ao adicto para que falasse de sua experiência após o tratamento para uso abusivo de drogas. A palavra do adicto foi o recurso utilizado para seguir os vestígios sobre a forma como ele pensa sua tentativa de construir um novo modo de existência e como reage diante das demandas sociais contemporâneas.

Os resultados desse trabalho demonstraram a importância do questionamento sobre a utilização de um único critério prioritário como parâmetro de cura. Vale lembrar que a adição às drogas atinge tanto o corpo quanto o psiquismo. Ao analisar o conteúdo das entrevistas, chamou atenção a impossibilidade do adicto de ter uma visão mais reflexiva sobre o seu problema. Ao falar, ele não se distancia do objeto droga e dos males acusados por ela. A

sua idéia de tratamento fica restrita à idéia de afastamento da droga, vista como o objeto danoso. O modo de se relacionar com o mundo, até então vivenciado pelo adicto, serviu para desenvolver uma forma de contato que chamamos de concreto. Percebe-se a fragilidade da existência de referências simbólicas. Esta forma de percepção da realidade estende-se a forma como ele interage com o mundo em todas as áreas de sua existência.

Esses resultados mostram a importância do desenvolvimento da subjetividade. Observou-se que os pacientes, mesmo mantendo a abstinência, não produzem uma transformação no seu modo de existência. Mesmo freqüentando os grupos de auto-ajuda, a palavra serve apenas para perpetuar um discurso externo a si mesmo. Cria-se um hábito que não produz transformações. Numa linguagem de ação, o adicto relata os fatos sem a experiência auto-reflexiva. Nas entrevistas, a presença de um pensamento concreto é identificada através do discurso desprovido de afeto. Sem a vivência emocional, da dor e do amor, não se produz verdade. Quando não modifica esse tipo de funcionamento o adicto se liberta das amarras da droga e com freqüência cai nas amarras do discurso autoritário do pós-tratamento. Está impedido de criar novos sentidos ficando assim submetido ao enunciado que o reduz a um adicto.

Nesse percurso ouve-se falar muito de “recaídas”, a busca da forma mais conhecida pelo toxicômano. O modo de viver conhecido, encapsulado na evitação da dor, captura o corpo e a mente e surge novamente como solução. Cristalização de dizeres que puderam tornar-se visíveis dessa forma, criando sempre o mesmo. Por outro lado, vale lembrar que as freqüentes recaídas provocam apreensão em quem convive com o adicto. Esse temor fortalece a idéia de necessidade de cuidados externos. Como o sujeito adicto se apresenta com fragilidade de referências simbólicas, existe uma tendência a enquadrá-lo em regras concretas, muitas vezes autoritárias, já que mostra não compreender as leis que não sejam as reais. Na sua vivência onipotente, ele tentou construir para si uma ilusão que permitisse a continuidade do funcionamento infantil de ter seus desejos atendidos. O meio, ao atender essa demanda, repete novamente um ciclo onde não é preciso criar o novo.

O sujeito cria através da utilização da sua capacidade de pensar. O pensar, para o sujeito, se impõe como uma necessidade e uma solução, pois o inconsciente exige repetidamente a criação de novos pensamentos que dêem conta da instante vivido. Para chegar a essa condição, é necessário ao adicto viver a sensação de falta, de impotência, para,

através dessa vivência, buscar recursos nas formas simbólicas e não no objeto externo real, como foi feito até então. A clínica terá sua potência ao criar um espaço que provoque o pensar e utilizará a palavra como recurso de expressão. Não a palavra imposta, mas a palavra surgida através de sua vivência. Isso requer a experiência pessoal para alcançar o verdadeiro sentido das palavras.

A clínica surgirá como um espaço de busca de sentido, mas não um sentido unilateral. Essa busca será a criação de um sentido na relação com outro sujeito, no processo de criação de um vínculo. Ao se afastar do eixo narcisista, o sujeito poderá usufruir da função social dos grupos de auto-ajuda. Os grupos facilitam a vivência de pertinência, de reconhecer a tragédia do outro e a sua e reconhecer a si e ao outro como sujeitos.

O processo de tratamento das adições, independente de seguir critérios conforme as crenças teóricas do profissional responsável, terá que abrir espaço para a expressão da subjetividade do adicto. É, portanto, função da clínica acionar a investigação da verdade psíquica do sujeito, e essa inclui o mistério. É importante ficar atento para o fato de que “ao lado da verdade alguma coisa sempre ficará faltando, algo permanecerá como uma sombra” (Chuster, 1996). O adicto busca sempre as verdades prontas e absolutas, tem pouca tolerância para o vazio, para a ausência de verdades. Os grupos de auto-ajuda atendem esta demanda ao expor suas regras de forma “dura”. Mantém o sujeito num nível de funcionamento infantil, livrando a mente do conflito. Dobrar essa linha, produzir diferença do que até então tem vivido torna-se um desafio. Os sentidos até então intoxicados pela droga poderão fazer novas conexões? Será possível atualizar outros mundos que estão ali esperando uma visibilidade? Agora, a forma de resistência é virar-se ao avesso, numa abertura para o impessoal, de onde pode subtrair-se um sujeito. Desprender-se de si, tornar-se outro para poder voltar a si. Nesse novo modo de habitar o mundo pode surgir a possibilidade de abrir espaço para as forças subjetivas que estavam ocultas.

Avanços nas pesquisas que abordam o problema das adições, tanto do ponto de vista biológico quanto psíquico, nos dão esperança de que o tratamento possa trazer maiores benefícios a um grande número de indivíduos. Essa esperança, no entanto, fica sujeita à aceitação, por parte dos profissionais, da necessidade de tratamentos combinados. Os vários aspectos presentes no problema das adições mostram a importância de cuidados múltiplos.

Cada campo de conhecimento, ao apresentar seu ponto de vista, amplia as possibilidades de abordagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABADI, S. **Adicción: la eterna repetición de um desencuentro (Acerca de la dependência humana)**. Revista de Psicoanálisis ApdeBA. Vol. XVI. No 2. 1984. pp. 1029 – 1044.

ABRAHAM, T. **El último Foucault**. Buenos Aires. Sudamericana. 2003.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edições 70. Lisboa. 1977.

BENTO, V.E.S. **Tóxico, droga, toxicomania e adicção: uma introdução à etimologia segundo uma ótica psicanalítica**. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 42 (7): pp. 373-380, 1993.

BIBLIA – Mensagem de Deus. Edições Loyola. São Paulo. 1983.

BION, W. R. **Atencion e interpretacion**. Buenos Aires. Editorial Paidós. 1974.

BION, W. R. **Cesura**. Revista Brasileira de Psicanálise. Vol. XV. No 1. 1981. pp. 123-136

BION, W. R. **Transformações: mudança do aprendizado ao crescimento**. Rio de Janeiro. Imago. 1983.

BION, W. R. **Sobre uma citação de Freud**. Revista Brasileira de Psicanálise. Vol. XXI. No 1. 1987. pp. 134 – 141.

BION, W. R. **Aprendiendo de la experiencia**. México. Editorial Paidós. 2ª edição. 1991.

BION, W. R. **Estudos Psicanalíticos Revisados**. 3ª edição. Rio de Janeiro. Imago. 1994.

BION, W. R. (edição: Francesca Bion). **Cogitações**. Imago Ed. Rio de Janeiro. 2000.

BIRMAN, J. **Entre Cuidado e Saber de Si: sobre Foucault e a Psicanálise**. Rio de Janeiro. Relume Dumará. 2000.

CHESNEAUX, J. **Modernidade – Mundo**. R. de Janeiro. Ed. Vozes. 1995.

CHUSTER, A. **Diálogos psicanalíticos sobre W. R. Bion**. Rio de Janeiro. Tipografia. 1996.

CHUSTER, A. et. al. **Novas leituras psicanalíticas A Psicanálise: os Modelos científicos aos princípios Ético-Estéticos**. Companhia de Freud. Rio de Janeiro. 1999.

Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID – 10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas – Coord. Organização Mundial de Saúde; trad. Dorgival Caetano. Porto Alegre. Artes Médicas. 1993

CONTE, M. **Entre o tóxico e o desejo, encontramos o toxicômano**. Correio da APPOA. No 49. 1997. pp. 23 –29.

CONTE, M. **O lugar do outro na subjetividade dos adolescentes usuários de drogas**. Correio da APPOA. No 49. 1997. pp. 9 –15.

Boletim CEBRID - Centro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas – Departamento de Psicobiologia. Universidade Federal de São Paulo. Boletim número 44. Marco-Abril-Maio 2001.

DREYFUS, H. L. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Hubert Dreyfus, Paul Rabinow; Tradução de Vera Porto Carrero. Forense Universitária. Rio de Janeiro. 1995.

EIZIRIK, M. F. **Michael Foucault: Um pensador presente.** Editora Unijuí. Ijuí. 2002.

ESCOHOTADO, A. **Historia elemental de las drogas.** Editorial Anagrama. Barcelona. 1996.

ETHERIDGE, R. M, Craddock. G. S, Hubbard R. L, Rounds-Bryant J.L. **The relationship of counseling ad self-help participation to patient outcomes in DATOS.** Drug and Alcohol Dependence 57 (1999) 99-12.

FOCCHI, G. R. A. (et al). **Dependência Química: Novos Modelos de Tratamento.** Roca. São Paulo. 2001. Outros autores: Andrade, A. G. Leite, M. C. Laranjeira, R.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1 – A Vontade de Saber.** Edições Graal. 7ª Edição. Rio de Janeiro. 1988 a.

FOUCAULT, M. **A História da Sexualidade 2 – O Uso dos Prazeres.** Edições Graal. 5ª Edição. Rio de Janeiro. 1988 b.

FOUCAULT, M. **Nietzsche, Freud e Marx Theatrum Philosophicum.** Editora Princípio. São Paulo. 1997 a.

FOUCAULT, M. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982).** Tradução Andréa Daher. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora. 1997 b.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir.** Editora Vozes. 20ª edição. Rio de Janeiro. 1999.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber.** Editora Forense Universitária. 6ª Edição. Rio de Janeiro. 2000 a.

FOUCAULT, M. **História da Loucura na Idade Clássica.** Editora Perspectiva. 6ª Edição. São Paulo. 2000 b.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Edições Loyola. 8ª Edição. São Paulo. 2002

FREUD, S. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro. Imago.1974.

_____(1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade

_____(1911) Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental

_____(1914) Sobre o narcisismo

_____(1915) Os instintos e suas vicissitudes

_____(1921) Psicologia de grupo e análise do ego VIII. Estar amando e hipnose

_____(1923) O ego e o id

_____(1930) Mal estar na civilização

GABBARD, G. O. **Psiquiatria psicodinâmica**. Artes Médicas. 2ª Edição. Porto Alegre. 1998.

GARZOLI, E. **La adicción de transferencia. Acerca del análisis de una paciente alcohólica**. Psicoanálisis ApdeBA. Vol. XV. No 2. 1984. Pp. 1029 – 1044.

HOLANDA, A.B. **Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI**. Lexikon Informática Ltda. 1999.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão 1.0. Ed. Objetiva. 2001.

GOODMAN & GILMAN'S **The Pharmacological Basis of Therapeutics**. 10th ed. MC Graw – Hill Medical Publishing Division. United States of America. 2001.

KALINA, E. **Drogadição Hoje Indivíduo, família e sociedade**. Editora Artes Médicas. Porto Alegre. 1999.

KHEL, M. R. **O sintoma no laço social contemporâneo** Palestra proferida na aula inaugural do Mestrado em Psicologia Social e Institucional da Ufrgs Turma 2002. 05/03/2002.

KLEIN, M. **Contribuições a Psicanálise**. Mestre Jou. São Paulo. 1981.

KLEIN, M. (et al). **Os Progressos da Psicanálise**. Guanabara Koogan. Segunda Edição. Rio de Janeiro. 1982.

Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. DSM IV. Tradução Dayse Batista. Editora Artes Médicas. 4ª Edição. Porto Alegre. 1995.

MARLATT, G. A. & GORDON, J. R. **Prevenção de Recaídas**. Artes médicas. Porto Alegre. 1993.

MARLAT, G. ALAN. **Redução de danos: Estratégias práticas para lidar com comportamentos de alto risco**. Trad. Daniel Bueno. Artes Médicas Sul. Porto Alegre. 1999.

Mc DOUGALL, J. **Teatros do corpo - O psicossoma em psicanálise**. 2ª Edição. Editora Martins Fontes. São Paulo. 1996.

MELMAN, C. **Alcoolismo Delinquência Toxicomania Uma outra forma de gozar**. Editora Escuta. São Paulo. 1992.

MEUNIER, M. **Nova Mitologia Clássica a Legenda Dourada História dos Deuses e Heróis da Antiguidade**. IBRASA. 6ª Edição. São Paulo. 1991.

NOGUEIRA FILHO, D. M. **Toxicomanias**. São Paulo. Escuta. 1999.

OLIEVENSTEIN, C. **O Destino do Toxicômano**. Tradução Marie Dominique Grandy. Editora ALMED. São Paulo. 1985.

Os Doze Passos. Traduzido de Twelve Steps and Twelve Traditions. Centro de distribuição de literatura de Alcoólicos Anônimos para ao Brasil. São Paulo.

PESSOA, F. **Poesias coligidas**. 6ª edição. Rio de Janeiro. Editora Nova fronteira. 1981.

RAMOS, S. P. ... (et al). **Alcoolismo Hoje**. Artes Médicas. Porto Alegre. 1997.

RIBEIRO, E.M. **Genealogia de um engano**. Correio da APPOA. No 49. 1997. pp. 27 – 29.

REZENDE, A. M. **A metapsicanálise de Bion – Além dos modelos**. Campinas. Papyrus Editora. 1994.

ROSENFELD, D. **El paciente drogadicto: guia clínica y evolución psicopatológica em el tratamiento psicoanalítico**. Revista de Psicoanálisis ApdeBA. Vol. XXIX No 1. 1972. pp. 99 – 135.

ROSENFELD, H. **Os Estados Psicóticos**. Rio de Janeiro. Ed. Zaar. 1981.

SAVITT, R. A. **Estudios Psicoanalíticos sobre la adición: la estructura del yo em la adicción a narcóticos**. The Psychoanalytic Quarterly, XXXII, 1963. Pp. 334 - 344

SCHUCKIT, M. **Abuso de Álcool e Drogas**. Tradução de Ane Rose Bolner. Artes Médicas. Porto Alegre. 1991.

SEIBEL S. D., TOSCANOJR. D. e vários colaboradores. **Dependência de drogas**. Editora Atheneu. São Paulo. 2001.

SIMON, R. **Fatores psicológicos indutores da toxicofilia**. Boletim de Psicologia, 35 (84): pp. 1 – 12, 1985.

TAVARES, B.F. **Fatores associados ao uso de drogas entre adolescentes escolares em Pelotas RS**. Tese de Doutorado da Universidade Federal de Pelotas. 2004.

WINNICOTT, D. W. **O Ambiente e os Processos de Maturação**. Artes médicas. 3ª Edição. Porto Alegre. 1990.

WINNICOTT, D. W. **A Família e o Desenvolvimento do Indivíduo**. Artes Médicas. Porto Alegre. 1993 a.

WINNICOTT, D.W. **Textos selecionados: Da Pediatria à Psicanálise**. 4^a Edição. Editora Francisco Alves. 1993 b.

VIRILIO, P. **Sejamos resistentes** (Entrevista) Revista República, Junho 2000, pg. 96-102

ANEXOS

ENTREVISTA I

Masc. 19 anos. Única internação aos 17 anos. Desempregado. Segundo grau completo.

T - Gostaria que tu procurasses falar o mais livremente possível sobre a tua relação com a droga. Tu foste usuário de..

P - Cocaína, maconha, álcool...

T - Porque escolheste, se é que existe uma escolha, mas enfim porque começaste o uso de droga...

P - Eu comecei a entender isso depois, nos grupos de auto-ajuda. O uso de drogas é consequência de muitas atitudes que eu havia tomado, era um analgésico que tirava todo e qualquer sentimento ruim que eu provocava com as minhas atitudes, meus comportamentos, com a minha maneira de agir, de ver as coisas, com o meu egocentrismo, com as minhas mentiras, isso me causa sofrimento né, e em certo ponto comecei com a maconha e é um remédio né, é o lado mais fácil entendeu? Eu não precisei trabalhar essa reformulação de mudar a minha maneira de ser para não sofrer. Eu continuava agindo da mesma forma, e não sentia as consequências dos atos que eu..., como é que vou te dizer, eu continuava agindo da mesma forma a ai usava a droga e não sentia sofrimento. Eu acho que foi isso o começo.

T - Falaste em analgésico, analgésico é para acalmar a dor. Que dor era essa?

P - Dor... pô, que dor era essa..é uma dor bem ruim assim sabe? É uma dor não sei se pode-se dizer psico-social, porque é o meu psíquico mas interage na sociedade entende? Na minha forma de agir tu começa te excluir da sociedade, e eu quero ser aceito na sociedade, mas só que da forma que eu estava agindo não conseguia.

T - Ai estás falando de uma dor onde já havia o uso de drogas. Mas antes de te dares conta que era um recurso tu já tinhas uma dor, tu identificavas uma dor dentro de ti...

P - Eu acho que era um vazio..vazio. Eu me sentia avulso, solto, me sentia... sem direção...sem compromisso... sem responsabilidade. Eu tinha ela, mas não sentia ela entende? Não sentia a real necessidade de exercer essa responsabilidade.

T - De onde vinha essa exigência, que referências tinhas sobre essas responsabilidades?

P - Logo no começo do uso eu não era envolvido com a escola né, era algo que ia só para fazer de conta, não ia né, não achava real necessidade de ir, queria ser livre, esse pensamento todo né. E também na família, dentro da família, de ter um relacionamento saudável, com a família, irmã, vó, vô. São essas responsabilidades que eu não achava necessidade de exercer, me sentia assim avulso, solto e isso me proporcionava um vazio, um sentimento muito ruim assim, acho que é mais ou menos isso.

T - Daí veio toda essa trajetória de uso de droga como analgésico, que digamos cura as conseqüências, até chegares ao tratamento. Porque ou como chegaste ao tratamento?

P - A droga já não estava mais servindo, já não me adiantava mais, eu usava droga e continuava sofrendo. Não surtia mias efeito.

T - Quem se deu conta disso? Foste tu ou algum familiar?

P - Isso começou a refletir no externo. Até eu poder me conscientizar de que as coisas estavam ruins mesmo, de parar de racionalizar a situação, “Eu tô realmente mal” mas continuava achando subterfúgios: E “bom não estou tão mal assim são eles que estão achando coisas demais”. Demorou assim, primeiro começou na família, no externo, nas pessoas que estavam próximos de mim para depois vir eu a me conscientizar né, que realmente as coisas não tão bem assim...

T - E aí te deste conta que teria que ...

P -mudar minha forma viver.

T - Mudar a forma de viver? E o que é isso?

P - É, fazer hã..Do jeito que eu achava certo de viver a vida me trouxe para dentro de uma clinica psiquiátrica. Todas as minhas maneiras que eu achava certas de agir, todas as minhas atitudes que eu achava acertivas me trouxeram para cá. Então eu acho que para conseguir um resultado oposto tem que agir de maneira diferente, bem diferente da forma como eu estava agindo.

T - Estás falando de algo muito forte. As pessoas não agem assim “eu vou agir assim por causa disso e daquilo” as pessoas agem porque tem motivações, alguns valores. Agem conforme sentem, vão agindo espontaneamente. Quando dizes “mudar a forma de agir” que significado isso tem dentro de ti? Não acontece simplesmente assim “isso é errado e agora eu vou fazer o certo”.

P - É que é assim ó, tem um processo aí que puxa a minha infância, desde pequeno eu queria sempre ter o melhor lápis, o melhor estojo. Pegava lápis dos colegas, já tinha esse comportamento, uma pessoa mentirosa, isso muito antes do uso da droga eu tinha esse

comportamento. Eu mentia histórias absurdas. Eu estudava no Jardim A B 1^a e 2^a séries e já contava histórias para os professores para justificar as minhas atitudes que eles ficavam apavorados. Eu brigava muito no colégio e então para justificar eu dizia “não, a minha família sempre briga em casa, o meu pai bate na minha mãe” Tu vê, pequeno, no Jardim A e B eu já usei dessa maneira, que eu via brigas em casa e que isso tinha um efeito, e por isso eu era assim, sei lá, 4 ou 5 anos de idade. Então já vinha assim, já era uma pessoa mentirosa, já era egoísta, uma pessoa que se aproximava das pessoas simplesmente por interesse né, o carinho assim existia, mas eu usava desse carinho para conseguir das coisas que eu almejava entendeu? Eu adulava as pessoas, o pai, a mãe, mesmo gostando entendeu? Eu tratava bem, agradava para chegar ao ponto de conseguir o que eu quero.

T - Qual era a tua intenção quando inventavas mentiras para as professoras? Queria que ela pensasse bem a teu respeito?

P - Sim, que não era eu que agia daquela forma, que eu estava agindo daquela forma porque ocorriam fatores externos.

T - E se tu contasses a verdade as pessoa pensariam...

P - Que era eu que agia assim.

T - Pensavas que havia algo de ruim em ti...?

P - Pensava, pensava...

T - Pensas ainda?

P - Muitas vezes eu penso ainda que tem uma pessoa que é bem ruim. São duas pessoas...

T - Porque pensas que não podes mostrar o que tens de ruim?

P - Eu acho que só para as pessoas certas, mostrar isso de ruim tem que ser para alguém que eu confie e mostre segurança, e que eu tenha um entrosamento para exteriorizar esse ruim, porque esse ruim, é manipulador, ele age assim de uma forma articulosa e eu tenho medo dele sabe? Eu vim descobrir que esse ruim, isso descobri nos grupos de auto-ajuda, que isso se chama adicção e que é uma doença comportamental. Daí lá eles te dão uns passos, é um programa que te proporciona uma maneira melhor de viver.

T - Isso estás dizendo que é comportamento, mas junto existe um sentimento. Como te sentes em relação a esse comportamento, concordas não concordas?...Qual é teu sentimento em relação ao que esse programa te propõe?

P - No começo eu me sentia invadido. Me sentia assim.. eles sugerem a tal da mente aberta para aceitar sugestões e eu não tinha essa mente aberta, eu tinha uma mente fechada e tinha muito medo e receio, e me julgava sempre com aquele pensamento “não sou tão mau assim”

E assim me sentia invadido sabe, parecia algo novo, parecia assim quando o rio e o mar se encontram, se misturam, quando o rio deságua no mar, ocasiona aquela.. se tu vê uma imagem aérea tu vê que fica aquela linha da água do rio e a água do mar, a água e o azeite que não se misturam, era um troço bem maluco assim...Me sentia mal, era uma confusão sabe, porque eu sempre agi de uma forma e de repente tinha uma outra forma que eu nunca tinha experimentado, e não sabia qual seria o resultado daquela forma nova de agir entendeu? E daí me dava medo né, e todas atitudes que eu tomava, que eu conhecia eram fáceis de saber quais eram as conseqüências delas e já a partir daí achar meios e maneiras de justificar essa conseqüência entendeu? Tipo, peguei dinheiro da carteira da minha mãe, eu sabia que ela ia ver a carteira ia ver que o dinheiro sumiu e ia saber que era eu, já sabendo disso eu preparava “bom vou dizer que ela perdeu, que foi a empregada” E de repente eu fazer isso e quando minha mãe perguntar eu olhar no olho dela e dizer “fui eu mãe”. Então eu nunca tinha feito isso, e não sei qual vai ser a conseqüência disso. Então o sentimento é esse, é o claro e escuro, o preto e o branco...

T - E tens experimentado esse novo?

P - Tenho, e tenho experimentado resultados bem positivos. Em casa assim por exemplo, era tudo fechado, o pai e a mãe dormiam de porta fechada, as coisa todas de valor eram trancadas e experimentando essa nova forma de agir, hoje eu tenho a chave de casa, antes eu tinha que pular o muro para entrar. Eu consigo uma grana deles, consigo uma mesada, consigo dar um beijo neles, ter a coragem de dizer que eu gosto deles, antes eu não tinha isso de abraçar ele e olhar no olho dele e dizer “gosto muito de ti” não tinha essa coragem de mostrar meu sentimento

T - Tu sabes porque não conseguia?

P - Não sei...

T - Como se fosse uma coisa pequena..

P - É. Fraca, como se fosse uma coisa fraca e na verdade tem que ser muito corajoso.

T - Perdeste alguma coisa em termos de vida?

P - Sim eu perdi dois anos do colégio ..

T - E daí voltaste...E como foi esse retorno, esse tempo que não foi vivido...

P - Isso afetou em tudo, hoje eu percebo, não só no colégio, eu sempre fazia que ia mas não ia. Ai fiquei um período sem estudar, e depois fiz um supletivo e terminei. Mas outras coisas também eu percebo, por ex, eu perdi minha infância. Hoje assim eu me deparo na rua atrás de emprego, tentando ver a real sociedade da forma como ela é né, sair do meu mundinho que era do tamanho de uma bola de gude. Naquele meu mundo se eu tivesse droga e tivesse dinheiro eu era aceito em qualquer lugar.

T - Esse era teu pensamento?

P - Não, essa era a realidade no mundinho da droga. Com as pessoas com quem eu convivia eu tendo droga e dinheiro eu entrava em qualquer lugar. Daí eu saí desse mundo né, e vi algo maior, gigantesco, e daí se eu tiver esse pensamento que eu tenho que eu boto droga e boto dinheiro no bolso e chego numa entrevista de emprego por ex “Pó cara, tô com uma droguinha tria boa aqui, tu me consegue uma vaguinha aí de auxiliar administrativo”. O cara me manda à merda sabe. Então eu percebi que é algo muito maior, eu percebi que eu tenho que crescer.

T - E o que é preciso a teu ver para crescer e enfrentar esse mundão?

P - Bom, primeiro não tem que ter medo né, a principio para mim né, eu tenho muito medo assim, será que eu vou conseguir, medo de me frustrar, de acreditar na minha capacidade, de reconhecer que eu sou um cara inteligente, um cara capaz, que eu interajo legal com as pessoas, reconhecer as minhas reais capacidades sem ter vergonha de dizer que eu sei fazer isso. É uma coisa que é necessária também, é necessário.

T - Tens enfrentado isso?

P - Um dia de cada vez...

T - Vamos ver então alguma experiência tua, alguma coisa que tens enfrentado nesse “mundão”...

P - Quando eu saí da ultima eu voltei para o colégio X e ai eu estava disposto a estudar né, e logo no começo eu ganhei um certificado de menção honrosa do colégio devido a minha dedicação e pelo comportamento exemplar no colégio. Eu fiquei muito feliz com aquilo, me deixou assim com a bola bem cheia, e na ativa eu nunca ia conseguir um troço desses, eu nem estudava né. Eu ficava na sala na galera do fundão lá e de repente eu me deparo com aquilo, veio o diretor do colégio me entregar aquilo, me aplaudiram a ai por ter conseguido isso e estar com umas notas boas já frouxei, já não dei tanta bola, quando chegou no final do ano eu tava como quando eu usava droga, que era no final do ano que eu tinha que me puxar para passar, já me deparei com a mesma situação e já não estava usando mais nada. Tive que enfrentar, pô isso me deu medo sabe, “estou agindo do mesmo modo, olha só do mesmo jeito estou agindo”.

T - E ai, te dás conta que as exigências do mundo existem sempre? Para ter menção honrosa tens que te puxar?

P - É que eu acho que eu sou 8 ou 80, eu busco a menção honrosa ou eu não estudo mais. Bom, eu consegui a menção honrosa, bom tô passado né, e não estudei mais e quando chegou o final do ano eu já estava com a corda no pescoço, mal de nota e aí eu pensei “Bah estou agindo da mesma forma”. Eu acho que para mim é fácil conquistar, mas é difícil manter aquilo que eu conquisto. Não preciso ser sempre o nota mil, mas ser o 450, dar continuidade aquilo que eu conquisto. Agora eu estou numa fase de procurar emprego. Consegui terminar o

colégio, fiquei em recuperação em duas matérias mas terminei. Bom, agora estou procurando emprego e fui ver o que eu sei fazer.. Pó, eu comecei a me drogar com 12 anos e foi até os 16, 17, e daí o que eu sei fazer? Na ativa eu fiz um estágio num hospital onde minha mãe era amiga do diretor, e lá dentro eu comecei a trabalhar e todo mundo me achava muito querido, mas comecei a roubar aparelhos caros, estetoscópios para vender, e descobriram e só não fui preso e fichado pela amizade da minha mãe com essa pessoa, foi uma coisa horrível. Mas essa consequência tu nem tá aí. Bom, aí só tenho um estagiazinho né, fiz um curso de computação no Senac e deu. Daí fui fazer meu currículo e fui para a rua atrás de emprego. Daí tu vê assim, que eu sou mais um entre muitos que estão na mesma situação que eu, ou até mais qualificado do que eu, com dificuldades iguais ou maiores e que não é “eu”, que não sou o único, que tem mais gente que está batalhando emprego. Bah, a gente começa a ficar pequeno isso começa te dar medo, tu começa achar que não tem condição, não vai dar certo, tem muita gente, e daí tu começa murchar, murchar, e aí já entra tristeza, depressão e aí já fiquei uns quantos dias em casa só de calça de moletom, sem fazer nada, o quarto uma bagunça, fumando um cigarro atrás do outro só querendo saber de tocar violão.

T - Então olhaste o mundo e viste algo diferente, e te deste conta que és igual a todos. Porém, existe algo de diferente em cada um, que é o pessoal, que é teu. Ainda não viste isso?

P - Com a droga tu é o super homem naquele mundinho. Agora eu tenho que me qualificar. Mas esse novo eu, eu estou conhecendo aos poucos. Hoje eu sou o M que chora, antes eu não chorava, me emociono, não sei essa pessoa eu estou descobrindo, é uma descoberta lenta, mas uma coisa que eu percebo é essa coisa da emoção, eu não sabia que eu me emocionava, que eu podia gostar de alguém sem ser de uma forma compulsiva. Sou uma pessoa comunicativa, mas essa questão da emoção sabe, acho que tem muita bagagem nessa palavra emoção, tem muitas outras coisas.

T - Começaste a usar drogas na adolescência, mas sabemos que há muita exigência naquele momento de vida, no colégio, com as meninas, de ter sucesso..

P - ...ostentação capitalista..

T - Pode ser, mas como é isso quando te dás conta que és um igual?

P - O que eu me dou conta é que eu poderia ser melhor do que eu sou hoje.

T - Como assim?

P - Ah eu perdi tempo, é passado mas eu quero retomar. O futuro eu não sei, mas o presente eu tenho que viver. Eu estou com uma namorada agora e ela é bem mais velha do que eu, 15 anos. Ela já tem profissão, uma puta casa, tem condições, tem grana e eu sou um cara que não trabalho, tenho lá minha mesadinha. Sou orgulhoso e não gosto de ficar nas costas dos outros. Ai vem uma exigência minha, eu gosto de presentear as pessoas, e não posso, nós vamos no super e ela paga tudo, e eu imagino que ela pensa, pelo menos ele carrega as sacolas e não falo nada . Então ter grana para comprar um presente, pagar alguma coisa.... Aí eu me dou conta que tenho que trabalhar, mas não por causa desse relacionamento, eu tenho que

trabalhar por mim. Eu não posso me estruturar em cima de outra pessoa, tenho que me valorizar e crescer por mim, senão quando acaba o relacionamento eu acabo. Eu tenho a mania de pensar com a cabeça dos outros, eu fico imaginando o que ela deve pensar e sei que não pode ser assim, o que serve de base sou eu mesmo.

ENTREVISTA II

Masc. 59 anos Única internação no ano 2000. Desempregado, vive de rendas de imóveis da família. Segundo grau completo.

T - Bom, então vamos falar da tua história em relação as drogas..

P - A minha história é interessante porque até os 35 anos eu não bebia. Bebia lá alguma coisa como todo mundo, dei uns tapinhas num ou outro beck e só.

T - E como foi esse inicio, o que aconteceu se antes tu já conhecia a bebida o efeito dela...

P - Com o fracasso do meu casamento, não a perda da minha mulher mas com o fracasso de formar uma família, eu conheci uma pessoa que gostava de beber. Ela não tinha problemas com a bebida, não tem até hoje, ela tinha limites e eu não. Eu tinha problemas de estômago, eu tinha uma úlcera e isso me limitava. Eu tinha medo, sentia alguma coisa e parava, e sabia que no outro dia iria me sentir mal, mas foi, foi, foi...que com o tempo eu via que não sentia absolutamente nada, e vejo isso em relação ao meu estômago que eu tinha úlcera, eu tenho úlcera de duodeno. E aí no seguimento, era 1983 até em 1988, quando apareceu o primeiro sintoma que nós fizemos um acordo que não poderíamos morar juntos, então eu fui morar noutra lugar e ela ficou morando com a filha dela..

T - Isso já aconteceu em função do excesso de drogas?

P - É, ai eu tenho que voltar um pouco, que quando eu me separei eu pensei que tinha que procurar um psiquiatra, ou ir para uma academia de ginástica e optei pela academia de ginástica. Mas paralelo a isto eu fiz também um acompanhamento de algumas sessões com um psiquiatra para tentar me organizar, mas sabe como é, o problema é o teu aproveitamento, então tinha vezes que eu ia e não tirava um aproveitamento, e ficava por ali mesmo sem nenhum aprofundamento, sem aquela paciência de pensar e decifrar, e aí não adianta se esvai o beneficio que eu poderia ter. Aí eu vivia daquele jeito, porque foi um golpe para mim deixar de morar com a mulher que gosta, que tu ama, era uma derrota. Daí foi se arrastando até que chegou ao insuportável, porque eu fui morar na praia e só aumentava o consumo de droga. Eu chegava a adiantar o relógio porque eu só podia começara beber ao meio dia, e às 11hs eu adiantava o relógio e aí ia até desmaiar lá pela meia noite. E diversas vezes tiveram que chamar o 190 os vizinhos já sabiam, e talvez mais ou menos em função deles nós começamos

a nos dar conta que algo estava errado, porque tu está sempre sob efeito, mas já tudo pronto para que se eu não me decidisse a fazer um tratamento eu logo estaria morto a ai surgiu a clinica...

T - Mas, a tua vinda para cá foi por pressão da família ou de quem foi a decisão?

P - A decisão foi minha, ela preparou tudo, já andava com uma mala de roupas no porta malas e havia uma ajuda financeira da minha irmã, que na época eu tinha estava sem nada, nenhuma condição, estava totalmente quebrado. Um dia eu joguei sinuca até o amanhecer e chamei por ela, ela veio pagou R\$ 48 que eu devia no bar e eu vim com ela. Eu vim para cá pensando que ia ficar 3 ou 4 dias e ia sair e começar a trabalhar. Mas chegando aqui eu fui vendo que teria que sair daqui sem beber, e fui vendo a tragédia das outras pessoas, o problema dos outros para tu te situar, para ver onde tu está metido porque tu não enxerga.

T - Até os 35 anos trabalhaste na noite no meio da bebida, conhecias as drogas, o efeito..

P - Mas nunca fui de bebida e um beck ou outro, como te disse. Mais nada.

T - Mas até esse momento certamente tiveste muitas decepções na vida, na adolescência, no trabalho,... e nunca fizeste uso desse recurso.

P - Nunca fiz uso de droga nem de bebida em exagero, e tive lá nos meus 25 anos uma gravidez inesperada que me deixou mal. Foi uma gravidez unilateral que a mulher engravidou e me escondeu, e de repente eu era pai sem ter sabido, aquilo foi um baque muito grande para mim e eu passei sem usar nada

T - E com compreendes que aos 35 anos foste por esse caminho?

P - De inicio deve ter sido inconsciente talvez mas logo eu gostei..

T - Gostaste de que?

P - Da anestesia, eu ficava anestesiado, hoje eu me dou conta do que naquela época eu não podia ver por essa anestesia. Eu destruí minha vida, não o patrimônio, mas a minha vida financeira, comecei a não pagar contas. Antes sempre foram pagas, é impressionante como a gente perde a moral, e aí o prejuízo moral, social enfim, tu vai sendo recusado em tudo que é lugar que eu freqüentava e foi o caos.

T - Depois desse tratamento voltaste para a vida já sem essa anestesia, e teve que reconhecer esse caos todo. E aí como foi?

P - Tudo enrolado, era um desastre, mas eu enfrentei a situação, acho que não tinha outro jeito. Eu vou te contar uma coisa, eu sempre tive muita sorte, dentro das minhas dificuldades eu sempre enfrentei as coisas, não enfrentava quando bebia, mas depois eu tive consciência

que poderia resgatar e fui em busca disso. Muitas coisas eu tive dificuldades, a minha mulher por ex eu fui resgatar como casamento, como mulher dois anos depois.

T - Falas em sorte, mas sorte parece algo que vem de fora, que não tem a ver contigo, mas e o que tem do teu jeito nessa trajetória? Olhar para as pessoas e reconhecer coisas que tu tinhas deixado pendente, o que tu pensas, como te sentiste nesses momentos?

P - Sabe, eu voltei a me vestir direito, e isso aí já deu uma certa diferença. Facilitava esse reencontro com as pessoas, e eu sempre dizendo me dá um tempo que isso aí eu vou resgatar, eu não vou mudar de rua, eu não fuji, não virei a cara, com essas pessoas até hoje eu me relaciono, aliás eu me relaciono muito bem com as pessoas, isso eu chamo de sorte e ela de desvaneceu parcialmente mas aos poucos eu fui retomando.

T - E o que tem ver com a tua pessoa essa sorte?

P -É pessoal, é carisma, não sei que nome dar, é nato, é algo natural de mim, eu tenho um bem querer pelas pessoas e sinto reciprocidade, eu me sinto abençoado.

T - Sentes que podes aproveitar isso?

P - Eu ainda tenho dificuldade. Quando eu usava álcool por ex eu tinha um tipo de assédio quando eu saia para me divertir, era como se fosse mais leve. Hoje é diferente, eu me dou conta que só devo sair quando estou bem, porque quero me divertir e não quando estou mal, mas eu prefiro muito mais ainda como sou hoje do que quando acontecia tudo como antes. Não era eu.

T - Como assim? Havia mentiras, contavas uma historia mais bonita?

P - É.. não no sentido, eu sou doutor ou alguma coisa assim , mas tinha um floreado, uma preocupação que até omitia, botava a pessoa para sonhar como se diz.

T - Mas se sabe que a vida não permite sonhar o tempo todo. Como é agora a realidade sem o sonho?

P - Ah é ruim, é ruim né, claro que é ruim. Eu gostaria hoje muito mais de ter uma atividade. Eu fiz duas vezes a faculdade de direito por três anos e briguei e não terminei porque fiquei com vergonha, porque eu exagerei, eu dou tiro de canhão em passarinho conforme o meu humor. Claro que eu devo ter alguma outra coisa e isso ali é o motivo e vem desse jeito. Na realidade eu não localizo com muita clareza, não sei se por conveniência ou dificuldade eu não consigo identificar essas coisas. Com o uso da bebida eu fiquei cretino, cafajeste, ladrão, deixei de pagar minhas contas, chegar beber e pagar com dinheiro que o cara não vai receber é roubo. Isso foi desmontando toda minha estrutura social. Se eu voltar a beber eu não duro muito não, eu não passo dois invernos...

T - O que te mantém?

P - A motivação, eu tenho um filho de 20 anos que eu curto muito ele, quando eu estou por realizar uma besteira eu conto até dez, consigo contar e aí diminui, se eu tô mal e faço besteira amanhã eu estou pior. Não é nem beber, é até besteira com mulher que ainda é meu maior pecado e não é aí que eu vou equacionar as minhas coisas

T - Então aceitaste olhar a vida com algumas renúncias?

P - Mas com muita dificuldade, impressionante, parece uma fraqueza, uma incapacidade sabe, da minha parte né? Eu acho que fui criado para ser um imbecil, eu tinha tudo, era só eu querer e eles me davam, meu avô, meus pais, e isso aí eu custei muito a me reciclar.

T - Tu estás dizendo que foi difícil reconhecer que és uma pessoa igual as outras?

P - Claro, claro, o que eu mais quero na minha vida é me sentir igual aos outros, só que eu não consigo assimilar isso aí. Eu me sinto num grupo de risco, de exagerar, tipo uma megalomania. E não estou falando no sentido de querer morar numa cobertura e saber que não posso, eu não tenho esse sonho.

T - Não estás falando num exagero do ter, te referes a que então?

P - Se eu tiver que vir aqui bem arrumado para encontrar as pessoas eu venho e me sinto bem, mas estou falando de um sentimento em mim que eu não consigo administrar, eu consigo saber que certas coisas eu não posso comprar. Eu não tenho carro por ex há 4 anos e agora parece que vou conseguir comprar um e estou contente, então tem certas coisas que tudo bem e aceito. Mas eu tenho uma dor imensa de não ter me formado, mas eu boto que Deus não quis. Não é fácil né, mas onde eu poderia buscar, no maldito gênio eu perdi. Depois eu trabalhei numa fundação aonde eu ia muito bem, e mas começaram as intrigas eu não faço o estardalhaço das minhas credenciais. Por isso preferi sair a sair gritando das coisas que eu tinha razão. Eu sei que tenho boas relações, tem um pessoal por ex que todas segundas vai lá no Barranco, e eu me dou com todo mundo, é só chegar lá e sei que eles me recebem muito bem, mas eu não vou, não custava dizer pó, aparece lá..

T - Mas isso não é querer demais, tu mesmo disseste que gostarias de ser igual a todos?

P - Mas eu adoro que me convidem. Eu acho que tenho desespero por rejeição, desespero por ser recusado, ao nível de pai ou mãe ou namorada.

T - Achas que és o único que teme ser rejeitado? Todo mundo em algum momento foi recusado.

P - Eu nunca ouvi isso de ninguém.

T - Achas que és o único?

P - Que bom ouvir isso..Eu me casei com uma mulher que pensei que era para sempre e casei com toda a família dela e tive que ir embora. Hoje me dou bem com ela, é a mãe do meu filho.

T - E para chegar a isso é preciso aceitar algumas coisas que não podem ser mudadas?

P - Isso é um horror, horror, bah, é um horror. Mas não me dá vontade de me defrontar, eu tinha uma fuga maravilhosa que era correr, mas agora estou para ser operado.

T - E o papel dos grupos de auto-ajuda?

P - Muito bom, só me ajudou, infelizmente ouvir a tragédia dos outros e saber que tu não é único é uma grande forma de ajuda. Eu não vou demais, deveria ir mais. Eu sou uma pedra a ser lapidada, não sou uma pedra preciosa, mas tenho que ser lapidada. Eu sei que tem uma coisa que eu não sou, eu tenho que pertencer a uma equipe. Então acendeu uma luz na minha zona de ação, é como um poste que tem uma luz.

P - Isso te ajuda a achar uma solução nessa tentativa megalomaniaca de pensar em fazer tudo?

P - Claro, tem que ser em equipe. Olha se foi Deus que te botou hoje no meu caminho eu diria que pode surgir uma nova fase na minha vida.

T - Não te esqueças que fui eu que te pedi ajuda.

P - É, mas eu aproveitei para mim também..

ENTREVISTA III

Masc. 26 anos Várias tentativas de parar de usar drogas e uma única internação em 2003. Traficante de drogas. Segundo grau incompleto.

T - Gostaria de conversar contigo sobre como foi o início, porque iniciaste buscando a droga, se esperavas alguma coisa..

P - Não, a minha família nunca teve problemas, assim exageradamente de agressões, motivos assim como muitas pessoas relatam de pai bater na mãe, de pai bêbado, eu não tinha isso dentro da minha casa. Quando eu comecei usar drogas a minha família vivia uma situação financeira razoavelmente boa. Eu até estava me mudando de um bairro de classe média para um bairro de classe média alta, e aí foi a primeira vez que eu fumei

T - Que idade tinhas?

P - Eu tinha 12 e faltavam cinco dias para eu fazer 13 anos, eu não cheguei a fumar um cigarro inteiro de maconha, eu fumei só uma ponta na garagem de um edifício perto de onde fui morar e dali eu comecei a usar esporadicamente...

T - Maconha?

P - Maconha e com 16 anos foi a primeira vez que eu provei pó..

T - E a maconha que função tinha?

P - No início era aquela coisa, fumava me dava aquele efeito da risadeira como se diz, se ri de tudo, tu ri do nada sem parar, eu ria,ria , ria.

T - E gostavas?

P - Gostava, e gosto até hoje do efeito que me dá maconha. Só que no segundo grau minha família já não vivia uma situação financeira tão boa. Nós nos mudamos de onde a gente morava para um bairro bem mais simples, um apartamento duas vezes menor, de dois carros e mais o carro da firma que o pai usava nós passamos a ter nenhum. Mas a minha mãe sempre me deu dinheiro, porque eu tinha adquirido aquela turma do outro bairro e a gente saía muito.

Então a gurizada dali sempre saindo com dinheiro no bolso e a mãe sempre me dava um dinheiro para mim sair, nunca me deixou sair sem dinheiro..

T - Foi na época dessa dificuldade que começaste com a cocaína?

P - Não, não foi..No colégio para eu não precisar usar o dinheiro da mãe para gastar em droga chegava toda sexta feira o pessoal, a maconherada digamos assim, eles se reuniam né, e como eu já sabia onde buscar então na real eu buscava para eles e, aí eu comecei como uma brincadeira né, subsidiando o meu uso com aquele intermédio, eu recolhia o dinheiro dos guris buscava a coisa lá, tirava uma parte para mim e o resto eles dividiam entre eles. Então eu não gastava o meu dinheiro com a droga, só que isso aí com o passar do tempo foi tomando proporções maiores e eu me envolvi com o tráfico pesado, que começou devagar né. Eu saí do colégio para trabalhar, eu queria trabalhar e peguei um emprego na Caixa através de um tio trabalhando dentro de um emprego público (foi emitido o local), depois eu passei para outro emprego público (omitido o local) e todo esse tempo aí eu vendia uma droga, só que era uma proporção pequena e em 95 - 96 eu conheci um traficante, um traficante grande que digamos assim viu que eu tinha potencial para aumentar o meu negócio entendeu? E esse cara começou a me apoiar, no sentido de me dar a droga para vender. Resumidamente, eu comecei a trabalhar no centro e eu ia fumar sempre no Gasômetro no horário do almoço, onde tinha uma rapaziada que vendia fumo e com o tempo então quando eu saí deste emprego porque eu adulterei um papel do colégio porque eu precisava trabalhar, e ali eu ganhava um bom dinheiro como estagiário. Ai eu fiz amizade com os caras e comecei a vender a droga ali na beira do rio também. De pouquinho assim, e isso aí foi aumentando, aumentando, porque o mercado de drogas você entra e é enorme, e isso ai foi aumentando, aumentando até que esse cara tava me dando 30 kg de maconha, 2 kg de pó e até então eu não usava cocaína, só de vez em quando, não com a mesma intensidade que eu passei a usar de uns tempos para cá. Eu experimentava quando chegava uma droga nova, e quando não estava a fim de experimentar eu chamava um cliente para experimentar e ver se era boa, e começou aumentar de verdade o negócio, tanto que eu aluguei um apartamento no centro só para guardar a droga, balança, essas coisas. E em 2 de janeiro de 2001 a 1:30hs, eu nunca vou esquecer, eu fui preso fazendo uma entrega de dois kilos, por uma equipe da Denarc que na realidade não era uma equipe. Eram dois policiais só que botaram um caguete, o termo conhecido da rua como informante, para comprar o fumo e eu só vendia para quem conhecia mas ele disse que se o cara não visse a maconha não ia querer e aí foi o meu erro. O meu negócio estava indo de vento em popa, a minha mulher sabia, a minha mãe sabia, eu saía de manhã lá pelas 10:00 hs e voltava só a meia noite passava o dia inteiro traficando. O dia inteiro no ap jogando vídeo game e esperando o pessoal ligar para entregar a droga, tinha até os moto boy que faziam a tele entrega e fui juntando dinheiro nesse meio tempo, uma semana antes eu tinha comprado um carro novo que já não era o primeiro que eu comprava do tráfico. Eu fui preso, e logo depois eu fui liberado. Ffiquei um mês no presídio central, não vou entrar em detalhes porque não é o que tu queres saber mas eles não tiveram como nos extorquir porque chegou uma viatura da Policia Civil a ai queimou tudo. Logo depois, seis meses depois eu fui preso de novo por essa mesma equipe, eles ficaram no meu bico e me deram outro pega.

T - Saíste e continuaste vendendo?

P - É, saí e continuei vendendo, e até porque ninguém pega cadeia e sai de lá querendo fazer bolinha de sabão né, lá dentro o cara se contamina totalmente com o ambiente, lá só se fala de crime e é impossível tu ir para lá e sair querendo ser testemunha de Jeová. Então com o passar

do tempo eu fui indo a todas as audiências não faltei nenhuma. E eu tava entregando uma droga lá no centro, porque a maioria da minha clientela era do centro, no centro administrativo, no fórum eu vendia para um promotor através do oficial ajudante dele porque o promotor não podia pegar direto, mais o pessoal do governo eu atendia direto, o centro administrativo, eu entrava com a droga direto lá dentro, vendia maconha e cocaína, tenho um cliente que tá fazendo mestrado na sociologia da UFRGS né, e hoje está na policia civil é meu cliente, meu amigo, sabe da minha situação, porque eu fui condenado a três anos nessa segunda vez.

T - E o que estás fazendo aqui hoje?

P - Porque eu me deixei levar por um pensamento, porque na cadeia eu sempre pensava assim, que eu perdi meu tempo trabalhando e juntando dinheiro e indo para casa cedo, porque eu ia para casa cedo, a maioria dos caras vende madrugada dentro para ter um dinheirinho para ficar na noite bebendo, se drogando. Eu nunca fui de ficar me drogando, eu gostava de fumar minha maconha, eu gosto e era o que eu fazia eu juntava o meu dinheiro e ia para casa no final do dia. Eu não ia gastar com mulher, na noite, nem com droga pesada, nem para boate.

T - Bem, deixa eu entender o que te fez buscar essa forma de ganhar dinheiro...tua família passou por dificuldades financeiras e o tráfico é dinheiro fácil, mas também está ligado ao poder. Tu pensas nisso?

P - Claro, penso, te dou exemplos, porque eu não vendo mais para viciados, eu só vendo para quem vende para viciados, eu não trafico para aquele cara que vem pegar 10 pila, porque esse cara está muito exposto e aí tem que estar traficando todo dia e hoje eu trabalho, hoje eu tenho um escritório.

T - Estás falando no presente, que é este o teu modo de ganhar dinheiro.

P - Não é bem assim, quer dizer é, mas eu estou armando uma forma de sair dele. A minha psiquiatra questiona, ela diz “Tu não sai porque tu não quer” mas para ela é pura teoria, e para mim é pura prática.

T - Prática do dinheiro e do poder?

P - Eu vou te dizer assim, sou eu mais cinco, somos um grupo de cinco. Nós somos os únicos clientes de um traficante que hoje está preso, todos nós ganhamos vantagens do traficante, todos nós ganhamos dinheiro com ele. Se simplesmente eu pulo fora de uma hora para outra, sem dar explicação nenhuma. Ah. não quero mais traficar, e acontece alguma coisa com o esquema, a desconfiança vai cair em cima de quem? De quem está ganhando dinheiro ou de quem simplesmente caiu fora de uma hora para outra sem dar explicação?

T - Tudo bem, essa é uma parte da verdade, mas e a outra? A do dinheiro fácil, do poder, pois debes ter ficado muito frustrado quando viste tua família passar a ter um carro quando antes tinham dois...

P - Mesmo a minha família perdendo tudo isso, como eu vou te dizer, a gente nunca perdeu o conforto, nunca teve privação, perdemos o conforto o luxo mas fomos para um apartamento onde tinha tudo.

T - Então quais motivações te levaram ...

P - Tem a ver com dinheiro fácil, eu optei por esse jeito de ganhar dinheiro.

T - Essas exigências hoje de status, de carro, de sucesso, tem alguma influência nessa escolha?

P - Tem, totalmente , é dinheiro fácil.

T - Mas disseste que a tua família manteve os valores familiares. O que buscavas?

P - Eu já fui questionado sobre isso. Eu não sou ninguém, eu não sou nada, quem tem poder para mim é o Fernandinho Beira Mar, eu sou .., não me considero um cocô né, mas sei que estou abaixo do pé dele, eu não tenho poder para fazer nem metade, nem um terço do que ele faz. Eu tenho assim, o meu cunhado se encontra preso e ele quer trabalhar dentro da cadeia. Eu tenho contato e já consegui transferir ele para a área dos trabalhadores, eu chego num bar onde eu tenho clientela, onde os seguranças cheiram e sabem que eu vendo uma droga, eu não entro na fila, eu passo na frente, entendeu? É essa sensação de poder que me faz bem, por exemplo, e eu não sou um ricoço e tenho.

T - Como é sentir isso?

P - Eu me sinto bem com isso.

T - E sem essa atividade..

P - Sem essa atividade acho que eu seria mais uma pessoa normal, entraria na fila..

T - Mas qual é o problema?

P - Mas eu estou tentando ser uma pessoa normal, eu estou esquematizando para tentar largar o tráfico, porque eu sei que não consigo de uma hora para outra, e nem quero.

T - Tu não vais conseguir largar o tráfico ou não vais conseguir ser uma pessoa normal?

P - Eu não acho que seja esse o problema, eu acho que o problema é o risco. Mas eu acho que num primeiro momento eu ia me sentir perdido de não ter aquelas pessoas todas me ligando, me procurando, mas pela minha vontade e pelo sofrimento que eu já vi da minha família em relação a isso eu acho que iria conseguir, porque a minha vontade hoje é de parar de traficar, só que eu sou consciente a ponto de saber que eu não posso parar de uma hora para outra.

T - Se houvesse a possibilidade de parar, o que irias querer para a tua vida?

P - O que eu sempre quis desde guri, ter a minha casa , a minha família, chegar em casa depois do serviço sentar ter uma sacada, uma cadeira de balanço, ver uma TV com a minha

filha do lado, queria ter uma vida simples, não sou uma pessoa de luxo. Eu não gostaria de ter uma cobertura, uma casa como essa, porque a senhora sabe essa casa era de traficante né?

T - Em algum momento da vida acreditaste que só poderias ter essas coisas através do tráfico, ou pensaste que poderia da forma como a maioria das pessoas ganham a vida?

P - Não, eu sempre tive consciência de que sem traficar eu poderia ser uma pessoa normal e sem me sentir diminuído por isso.

P - E como pensas fazer isso?

P - Em termos de planos eu penso assim, eu vou gradativamente...o meu pai e minha mãe tem uma carteira de seguro boa, dá para trabalhar bem, é um lugar onde eu posso ter um salário, em cada seguro tem uma comissão, então se eu fizer um carro por semana o que não é difícil se a pessoa se empenhar, eu tenho essa possibilidade. A minha mãe hoje consegue tirar um dinheiro bom só vendendo seguro, só que ela se mata trabalhando e eu não tenho porque não me matar trabalhando se for para ter uma vida razoável, e ela tem que ajudar a todos, hoje ela não me ajuda financeiramente só psicologicamente porque eu só comecei a usar cocaína quando saiu a minha condenação.

T - Até então não usavas?

P - Não, só usava a minha maconha.

T - E porque passaste a usar cocaína nesse momento?

P - Foi assim, eu fui condenado, a sentença saiu em 36 meses em regime fechado tá, são três anos sem direito a progressão, porque essa lei nova do tráfico transforma o tráfico em crime hediondo sem regalias da lei, né. A minha mãe se ilude com a ideia de conseguir uma progressão de regime. Então eu sei que vou passar esses três anos, eu vou estar preso, vou estar longe dos meus.

T - Ainda não cumpriste essa condenação?

P - Não, não cumpri. Eu cheguei a me programar para me apresentar, mas não consegui, tive medo, não sei se me escondo atrás disso, eu sou muito ligado a minha filha e ela muito ligada em mim. Quando a condenação saiu, eu comecei a pensar assim, amanhã eu posso não estar aqui, posso cair numa blitz então eu vou aproveitar. Porque quando eu estava na cadeia eu só pensava que eu tenho dinheiro e não posso usar, e o dinheiro foi sendo gasto porque eu tinha minhas contas na rua e não podia ganhar dinheiro, eu estava preso, então quando saiu a condenação eu pensei “agora eu vou aproveitar o máximo que eu puder, porque eu vou ser preso igual, mais cedo ou mais tarde, então comecei a fazer noite, noite, de segunda a segunda, e nisso aí começou o pó e eu tinha facilidade, eu pagava pouco e pegava pó puro, na pedra.

T - Era para anestesiar?

P - Acho que era o final de uma auto destruição, era para ser preso mesmo, eu ficava louco de não estar cumprindo essa pena só que eu não tinha coragem de me apresentar. No momento que eu fui condenado essa sensação de poder diminui, quando esse cara que eu te falei foi

preso os meus negócios decaíram muito, porque ele era o único que eu conhecia que tinha condições de poder ejetar aquela quantidade de droga toda.

T - Estar afastado desse “cara” te deixou sem essa sensação de poder?

P - Claro, ele era um cara poderoso, dentro e fora do tráfico, sem dúvida, porque dizer que a política não está envolvida nisso é besteira.

T - Tu te aproximaste dessa forma de poder, mas existem outras, a reitora da UFRGS por ex tem poder. Tu poderias ser alguém sem o Fernadinho Beira Mar.

P - Claro, eu fui assim até os dezesseis anos porque não poderia ser de novo?

T - Mas alguma coisa fez tu tomar essas atitudes. Existe algo que te machuca e te faz optar por esse caminho?

P - Acho que a hipocrisia da sociedade eu não suporto.

T - Qual hipocrisia?

P - Eu tava mesmo traficando mesmo a droga e recebi a condenação, mas agora o juiz deu três anos de cadeia para o cara que estava só ao meu lado, que não tinha nada ver, só estava ao meu lado e está preso hoje, não que esse juiz use droga mas eu acho hipócrita a sociedade botar uma pessoa, é um pensamento, é a vontade dele, naquele momento ele é Deus.

T - Em quais outras situações sentes essa hipocrisia, de alguém que como se fosse Deus toma decisões que te afetam ?

P - Nesse caso eu não me sinto pequeno, eu fiz eu tenho que pagar, mas as vezes por ex uma pessoa que usa droga vir querer dar palestra e estar drogado, tem muito médico que usa, tem advogado, porque vir dizer que DQ é uma doença se está lá usando, e é uma doença. Eu consegui ver que sou impotente diante da droga, e só assim eu acho que vou conseguir. Eu adicionei essa doença no meu cérebro, e eu acho é como uma picada de cobra, é o antídoto para a mordida. Mas eu vi o sistema humilhar meu pai e minha mãe quando iam me visitar na cadeia, e depois eu proibi a minha mãe de ir por causa da revista íntima feminina. Meu pai entrar lá de calça arregaçada e de chinelo de dedo dois números menores, ele um homem de cinquenta anos e sofreu preconceito na rua por querer me visitar na cadeia, porque ele não falhou uma visita.

T - Essa revolta que sentes em relação a essa hipocrisia são conseqüências do que está acontecendo agora?

P - A sociedade está provando do próprio veneno, os governantes tinham tudo para acabar com tudo e não há interesse deles em acabar com o tráfico, os deputados são os maiores traficantes que existem nesse país, os governos, os políticos, e não generalizo porque acho que tem muitas pessoas boas, mas não há interesse.

T - Então por não tolerar essa hipocrisia resolveste hipocritamente ganhar dinheiro com a hipocrisia dos outros. Mas te viste enrolado, não é isso?

P - É, mais ou menos por ai, me vi enrolado, provei do próprio veneno, um veneno que me ofertam.

T - A hipocrisia vai continuar existindo, o que tu pensas fazer para sair desse enclausuramento?

P - Eu só posso ter uma visão concreta disso depois que eu cumprir meus três anos de cadeia, porque não adianta eu te dizer alguma coisa agora que a minha vontade seria de largar o tráfico e ser uma outra pessoa e amanhã cair na cadeia, e amanhã ficar três anos no meio de detentos que só falam merda e não sair contaminado. É difícil, é muito difícil. Eu sei que o meu caminho vai ser difícil e eu vou ter que ser muito determinado, porque eu vi o sofrimento que eu causei para minha mãe, para minha filha, para todos na minha volta.

T - E como conviver com todas essas dores?

P - Acho que eu vou ter que contrabalançar e ser determinado.

ENTREVISTA IV

Masc. 22 anos duas internações, 1ª em fazenda 1997 aos 16 anos onde cumpriu programa de 9 meses, 2ª em clinica por 2 meses 2003. Iniciando trabalho na empresa do pai, tem planos de voltar a estudar após prestar vestibular no final do ano. Segundo grau completo.

T - Eu gostaria de conversar contigo como é tua relação com a droga, como foi no início, enfim a tua história na relação com a droga, o depois quando resolveste parar...

P - Tá, então vamos por partes, né?

T - Sim, vamos conversando..

P - Quando eu comecei eu era..eu estava na adolescência, eu acredito que o que contribuiu na época tenha sido o fato dos meus pais estarem se separando, e a atenção, o foco de atenção deles ficou só neles.

T - Tu dizes durante a separação deles?

P - É, aí eles esqueceram dos filhos, eu tenho mais um irmão e uma irmã, eu sou o mais velho, e houve uma troca de valores também. A gente estudou sempre em colégio particular e quando houve a separação a gente foi para um público.

T - Isso em função de perdas financeiras?

P - Não, em função da separação. Eu digo assim eu estava acostumado com colégio particular e de repente vou assim para um público, um ambiente onde mudam todas as pessoas, onde tinham vários que usavam drogas, meus pais se separando e eu acho que era talvez uma forma de chamar a atenção, porque eu era bem mal informado a respeito assim, de conseqüências, do que poderia acontecer, os efeitos eu nem sabia nada, então trocou tudo assim, a minha vida mudou bastante. Meu pai e minha mãe ficavam querendo jogar os filhos contra o outro, a adolescência já não era muito fácil e tudo isso acontecendo. Eu comecei a andar com o pessoal que usava droga no colégio e aí comecei a usar assim. Eu comecei com o cigarro, depois maconha, depois cocaína, isso tudo eu tinha uns 14 anos.

T - E qual era a tua sensação com a droga no início, era a tua revolta...era buscar uma sensação boa, o que pensas que era?

P - Não sei bem, me dava uma sensação de esquecimento dos problemas, mas eu não encarava assim, era mais meio como uma válvula de escape para não encarar as situações, de não achar uma saída para não sentir o que estava acontecendo, era bom me dava prazer...

T - E quando te deste conta que era um problema?

P - Quando eu estava vivendo só em torno das drogas. Eu era um cara que estudava, gostava de praticar esportes, já não fazia mais nada, já não dava mais bola, tudo estava girando em torno da droga, tudo que eu fazia era para poder usar.

T - Alguém te ajudou e enxergar isto?

P - Não. Não porque na época eu estava convivendo só com usuários também, e as pessoas com quem eu andava era mais fácil me convidarem para usar mais do que eu parar de usar.

T - Tu moravas ainda com a família?

P - Morava com a mãe. Com 16 anos eu fui para a Fazenda em Montenegro. Um dia eu tava virado assim é, tinha passado dois dias usando cocaína, e eu já não ficava em casa mais estava um dia na casa de um colega, ou passava a madrugada fora nem dormia. Eu tenho um padrinho que ele alcoolista né, ela já está a 23 anos abstinente, mas eu nunca tinha conversado nada disso com ele e não sei mas só pode ter sido um momento de lucidez assim, que eu estava naquela loucura toda mas eu fui lá e pedi ajuda, mas eu disse para ele “só me ajuda agora porque daqui a pouco eu vou me fissurar e vou me mandar”. Aí ele já tinha conhecimento da fazenda e me levou para lá.

T - O que este primeiro tratamento de ajudou a pensar?

P - Eu acho que esse tratamento nesse tempo que eu fiquei lá foi valioso a nível de auto conhecimento, me fez pensar muito, porque não tem profissionais e eu não tinha o acompanhamento que vim a ter depois, era só trabalho, terapia ocupacional, laborterapia, grupos de sentimento, NA e a espiritualidade. Então não tinham profissionais, a gente fazia tudo, era um por todos e todos por um, serviu para auto conhecimento, porque não tinha ninguém fazendo nada para os outros, só que era bem diferente. Os meus pais iam me visitar uma vez por mês, acabavam brigando, e aí foi meio atrapalhado. Eles deveriam ir lá me dar força e acabavam me deixando mais confuso.

T - Quer dizer que a tua vida pessoal continuava confusa?

P - Foi esclarecedor sobre os efeitos, com a minha família eu também tinha que pensar o que a droga tinha causado.

T - Como foi olhar tudo isso sem o uso droga?

P - Olha a desintoxicação é bem xarope, eu as vezes tinha vontade de ir embora, as outras pessoas que estavam lá conversavam comigo e isso me tranquilizava. Os três primeiros meses foram mais difíceis, e só que eu não trabalhava assim essa coisa do uso, da vontade e aí eu pensava que podia seguir usando, que quando eu saísse dali uns 5 ou 6 anos eu poderia usar normalmente, poderia controlar.

T - E como foi a tua vida quando saíste?

P - Por um tempo foi bom. mas a minha mãe começou a ter o mesmo comportamento que ela sempre teve, ela era muito agressiva e daí eu acho que relaxei assim, eu não fazia muito as coisas por mim.

T - E porque atribuis à mãe?

P - É que eu fui morar com ela de novo, e ela me botou para a rua, e a vontade que eu tinha de usar droga e aí eu voltei a andar com as pessoas que eu andava antes.

T - Falaste que na fazenda pensaste muito, tu teve perdas, querias outra vida. O que te levou de volta a droga?

P - Acho que fissura, a vontade de encontrar aquele prazer momentâneo, acho que eu não encontrava mais aquele prazer que eu tinha para as coisas da minha vida. Eu gostava de usar, era bom, eu não tinha outras coisa que me dessem prazer.

P - Quando saíste desse tratamento, o que fizeste pela tua vida, a tua pessoa?

P - Voltei a estudar, trabalhar fiquei mais responsável.

T - Mas fazias isso porque? Porque os outros queriam ou...

P - Não, nessa época eu queria liberdade, queria ser independente, não queria mais morar com a minha mãe, queria ter meu espaço, de não ter ninguém me enchendo o saco, eu tinha muito isso na minha adolescência.

T - E aí sabias que precisavas trabalhar, estudar..

P - Sim, e por algum tempo eu mantive, só que depois aconteceram vários coisas. Eu fui viver com uma mulher praticamente assim casado, só que eu era muito novo não sabia de nada, não tinha muita experiência, tinha conflitos com o meu pai. Daí essas coisas foram acontecendo e não sei se não buscava isso inconscientemente para voltar a usar, não sei, hoje eu vejo assim, outras épocas eu não via dessa forma.

T - Mas pensas que buscavas coisas que seriam difíceis de conseguir?

P - Não, na moral eu usava porque estava a fim de usar, porque eu gostava, era pretexto. A situação, as dificuldades contribuía porque eu não tinha conhecimento, mas eu gostava de usar droga e eu usava. Não estava me importando muito com o resto, eu tava sozinho mesmo, não tinha ninguém para me encher o saco, era só a minha consciência a me cobrar, as vezes ela me cobrava, mas nem era tanto...

T - Além do uso de drogas, existe mais algumas coisas que a tua consciência te cobra?

P - O que a minha consciência me cobra? Não sei se penso como uma cobrança, não sei, mas eu quero levar uma vida normal.

T - E como é essa vida normal?

P - Não sei, o que pode ser para mim pode não ser para os outros. Cada pessoa tem a sua realidade, não sei. Agora que estou vivendo de cara não sei o que é uma vida normal, fazem dez anos que eu passei me drogando, parando pouco tempo e aquilo era normal para mim, sem muita expectativa de uma qualidade de vida, de absorver outros conhecimentos, de ter outros prazeres.. Eu empurrava as coisas com a barriga, agora não sei. Acho que normal para a sociedade é o cara ter um emprego, uma família, um carro, mais ou menos estabilizado isso é normal. Para mim não sei, ainda não sei se é isso que eu vou buscar. É claro que eu pretendo ter um bem estar, não sou hipócrita de dizer que eu não quero uma casa minha, um conforto. Mas eu vejo que sou um pouco contraditório, eu gosto, mas acho que vou buscar primeiro a parte sentimental, tudo aquilo que eu perdi nesses anos. Estou tentando reorganizar minha vida, estou me esforçando, o que eu ver que não dá vou partir para outras coisas, não posso mais regredir.

T - Mas essas coisas de exigência de consumo.. Por ex para ter liberdade tu terias que ter dinheiro, isso te atrapalhou?

P - Não sei se me atrapalhou, mas foi difícil, porque além de eu não ter experiência estava tudo começando de uma forma diferente. Eu só queria sair de casa, eu queria ter uma família normal, só, e como eu não tinha tive que sair. Eu não queria ficar lá convivendo com a loucura que era a minha.

T - E foste buscar fora?

P - Não sei, eu só queria viver fora daquela loucura.

T - Mas hoje continuas não tendo uma família normal.

P - Não..

T - E ai?

P - Mas hoje me sinto diferente, eu passei por outras situações. Agora isso não é mais a minha preocupação. Não tenho mais mágoa da minha mãe, e quero dar uma qualidade de vida para mim. Hoje pude entender a situação dela, a minha mãe sempre foi muito depressiva, ela foi abandonada pela mãe dela. Não adianta querer mudar as pessoas, hoje eu penso que sou eu que devo mudar. Não sei se estou no caminho certo, mas acho que estou.

T - E quanto aos grupos de auto-ajuda, o que tu pensas?

P - Bom, antes eu era muito cético, eu ia só para agradar os outros, mas hoje eu vejo que essas regras ensinam muita coisa e a principal é saber que sou impotente diante de qualquer substância que me faça mudar. Isso foi importante porque eu tenho esse comportamento compulsivo. Tu queres ver como exemplo: tu toma uma cerveja, tu toma duas e daí para, porque tomar uma cerveja é bom né? Mas quando ficar tonta tu para porque tem que dirigir, ou trabalhar. Mas eu não, quando começa aquela tontura, aí que eu vou gostar, enquanto não der tontura, não começar a me alterar não vai estar bom, eu não tenho esse controle. Agora nos últimos tempos eu estava só fumando baseado e pensava assim “Ah baseado não dá nada, maconha é fraquinha, não dá nada”. Foi difícil acreditar, mas eu fui olhando assim pois eu fui perdendo tantas coisas por tantos anos, e agora parece que pela primeira vez eu estou pensando em mim mesmo, sem estar me confundindo, sem tirar os pés do chão. Hoje eu acho

que qualquer coisa que for, eu não tenho controle. Eu já perdi muito tempo da minha vida e hoje abstinente eu consigo ver o sofrimento que eu causei nos outros, na minha família, deixei de enxergar só o meu lado. Pois, por mais que eu sofresse também tinha o lado deles, mas isso ficava esquecido. Agora quando eu vejo o sofrimento que causei neles me dói como nunca eu tinha sofrido, mas eu vejo também que o mais prejudicado fui eu.

T - Me fala desse “tempo perdido”. O que queres dizer com isso?

P - O que é um tempo perdido? Eu poderia ter crescido em muitas coisas, eu sempre fui bem no colégio, meus colegas estão formados, eu sempre fui bem socialmente sabe, tinha minhas qualidades, assim como tinha defeitos, mas meus defeitos começaram e se sobressair, meu caráter mudou bastante com o decorrer dos anos. Foi muito ruim, mas eu te digo assim, a vida que eu apreendi nas ruas, a malandragem, eu sei que não foi bom, mas eu sei que daqui para frente tudo isso que eu vivi vai ter uma qualidade de não fazer os mesmos erros que eu fiz durante tantos anos. Eu apreendi que devo ser perseverante, não desistir nas primeiras dificuldades, eu perdi tanto tempo que eu tenho que pensar no futuro e tenho que fazer isso pensando no dia de hoje. Esta vendo? Isso apreendi no NA. Eu posso pensar antes de agir, posso fazer tanta coisa ao invés de usar as drogas.

T - E como pensa que vai ser?

P - É, tem que ser aos poucos, eu acho que a minha vida agora vai tomar um rumo que eu vou ter que fazer a minha parte, sem querer que os outros façam do meu jeito. Eu sei que estou encontrando varias dificuldades, eu sei que não posso mais beber porque eu não tenho controle e isso muda meu comportamento, e também porque eu estou com hepatite C e se eu beber eu detono meu fígado. Eu aprontei tanto que alguma coisa tinha que ficar mas pelo menos não tenho HIV, não fiquei louco, então eu vejo o lado bom também. As adversidades estão aí e são bastante, a minha família é desse jeito, eu posso trabalhar com meu pai, mas ele não confia em mim, tem medo que eu roube, a minha mãe tem depressão é impossível de conviver, qualquer coisa ela já sai batendo no cara, sai dando porrada e eu não agüento isso, a esposa do meu pai não gosta de mim, meu irmão também saiu de casa.

T - No outro tratamento, quando saíste também existiam essas dificuldades?

P - Naquela vez parece que eu não pensava isso, eu não trabalhei isso, eu fiquei lá nos 9 meses e quando saí não sabia lidar. Eu era rebelde, eu achava que queria liberdade, porque quando eu morava com a minha mãe eu não tinha liberdade nem de pensar, era tudo na porrada, não tinha diálogo.

T - Diálogo supõe também diferenças.

P – É, mas não tinha isso.

T - E achas que podes ter apreendido a dialogar?

P – Ah, isso aí sem dúvida, mas com a minha mãe é difícil, talvez mais adiante, ela só fica tendo os ataques dela e eu já apreendi a ficar quieto, não adianta.

T - E os “ataques” da sociedade em relação ao teu comportamento. O que pensas?

P – Ah, vou ter que aceitar, eu fiz tanta coisa mas acho que aos poucos, agora tenho que aceitar essa coisa. Eu sempre fazia do meu jeito e não deu certo, e com o tempo eu espero que eu possa fazer a vida acontecer. Eu queria tudo sempre do meu jeito. Eu vi que não é assim. Eu fiquei vários anos sozinho, vivendo sozinho, mal e mal, mas vivia e agora estou completamente dependente de novo. Todos ainda desconfiam de mim, mas acho que já tem pontos de vitória, porque a gente nem se falava.

T - Disseste que querias tudo do teu jeito.. usar drogas te dava a sensação de fazer do teu jeito?

P - Sim, mas a coisa mais importante que eu vi é que eu achava que tinha liberdade porque eu morava sozinho, podia ir para qualquer lugar. Depois fui morar na praia e não tinha hora para nada, mas na moral eu vi que não era nada disso, que não tinha nem um por cento da liberdade que eu achava que tinha. Na verdade meu comportamento girava todo em torno da escravidão de estar sempre em busca da droga para me sentir bem, mais confiante. Isso é doido, e eu podia ter me dado conta na primeira internação, me dar conta do primeiro passo do AA é bem doido, mas eu penso que com o decorrer do tratamento e com esclarecimento a gente vai aceitando. As coisas vão ficando mais claras. Nesses anos eu fui obrigado a ter paciência com certas coisas. As pessoas todas estão desconfiando de mim, mas eu pensei em vez de achar Bah! Que merda eu estou pensando Bah! Que bom porque assim vai ser uma força para mim, eu sei que é difícil, mas foi o jeito que eu encontrei. Acho que lá no começo tudo girou em torno daquela loucura da minha família que eu queria sair, eu chegava no colégio todo roxo e tinha que mentir de tanta vergonha e era todo dia, apanhava feito um cachorro e isso foi sempre, eu não podia ter uma namoradinha porque a minha mãe queimava o meu filme, fazia passar vergonha, não podia fazer nada dentro de casa, tudo era motivo para ela bater em nós, ela sempre foi meio depressiva mas eu era adolescente né, eu achava que ela era ruim, era má. Hoje eu posso ver que não, vejo que ela se atrapalhou, de repente era a forma dela, eu fiquei sabendo dos problemas de infância dela com o passar dos anos. Isso me ensinou que não adianta julgar as pessoas, eu não podia querer que ela fosse melhor do que ela podia ser, mas na época a forma que eu achei foi sair fora e usar droga. Agora o que eu tenho buscado é fazer minha vida sem usar droga, sem precisar alterar meu comportamento. Quem sabe eu fazendo as coisas certas as pessoas possam ver que eu não tenho mais nada para encher o saco deles.

T - O que são as coisas certas?

P - Pois é, tu vê quando as coisas ficam só em cima de mim eu fico assim...não sei te explicar. Eu te pergunto, o que é certo?

T - Tens razão seria assim num dialogo, mas nós estamos numa entrevista por isso a situação está ocorrendo assim.

P – Ta, mas deixa eu te perguntar se é certo ou errado usar drogas? Sem dar nenhuma explicação é certo usar drogas?

T - Da maneira como tu estava usando não..

P - Pois então, eu acho que usar drogas não é certo, é errado. O certo é encarar a vida com todos os problemas que todas as pessoas tem, não sou só eu, sem usar drogas, sem precisar alterar meu comportamento, e não só a questão de alterar meu comportamento, é que isso gera

muitas outras coisas. Eu já tinha muito dessas características, mas tudo foi acentuado com o uso das drogas porque eu não tava nem aí né, e hoje eu consigo ver essas coisas. Hoje eu tenho que trabalhar a minha falta de paciência, a impulsividade, coisas que não estão bem. Não estão tão acentuadas como antes, mas eu sei que quando me debato vem de cara quando me dizem “É porque tu é assim, porque tu não mudou nada”. Opa, me dá aquela explosão eu já vou querendo retrucar como eu sempre fazia, mas daí eu penso, não é assim...

T - O que tu pensas hoje em relação à droga, a vontade de usar..

P - Hoje eu penso assim, é difícil falar porque se fosse ruim ninguém usava, mas se fosse tão bom todo mundo ia estar usando. Eu vejo que em relação a parte prazerosa eu me pego pensando assim “Pó, mas se grandes artistas usaram alguma coisa para despertar a mente”, mas de certa forma para mim eu vejo hoje como foi ruim de uma certa forma se eu não tivesse usado, não estou dizendo que agradeço ter usado, eu acho que não teria tido oportunidade de pensar muitas coisas sobre a minha vida e a minha pessoa, de ter esse auto conhecimento, sei lá o que teria sido de mim, poderia ter sido uma grande pessoa se tivesse seguido aquele trajeto, ou ter virado sei lá um playboy se tivesse ido morar com meu pai, assim sem nenhum valor moral, sentimental. Por esse lado, agora eu vejo que estou buscando as coisas, os valores que com o tempo eu fui perdendo com o uso da droga, mas eu sinto que é uma luta difícil porque envolve até uma questão de hábitos. Por muitos anos eu tive esse hábito e tudo que é bom que é diferente a gente não sabe como vai mudar. Agora por exemplo estando abstinente eu me pego às vezes como uma criança, como se eu não soubesse nem lidar sabe? Com as meninas por ex, agora eu estando abstinente...antes eu buscava só coisas superficiais, até porque estava usando sempre, e aí era só sexo ou então quando começava ficar interessante alguma coisa eu já saía fora porque eu não queria largar a droga, e deixei de lado até pessoas interessantes. Agora eu estou pensando diferente, é porque eu quero uma vida melhor e se eu continuar usando minha vida vai ficar abalada, meu fígado vai se destruir. Eu também quero fazer uma faculdade, ter uma família e estando sempre com a cabeça alterada com é que eu adquirir as coisas que eu quero ter. Eu preciso ter a mente clara. Prazer eu posso encontrar em outras coisas, vou tentando, posso jogar meu futebol que eu adoro. Nos esportes também tem droga, mas eu vou escolhendo o meu caminho, até nesses esportes radicais que o uso é grande.

T - Vives num meio, o dos esportes radicais e outros também, que te oferecem coisas intensas. E a tua compulsão nisso como fica?

P - Exatamente. Isso eu estava sentindo nos últimos meses quando eu estava morando na praia e estava namorando uma mulher, e agente se dava tri bem assim, ela sabia de toda minha história eu resolvi abrir tudo, ela não usava droga e eu tava já me sentindo tri mal, “Bah! Tô aqui feito um gigolô, nunca tenho um real para nada, a gente sai para jantar, sai para festa”. Ela era dona de uma loja de surf shop, mas isso foi tri importante para mudar o meu pensamento, também o fato dela não me julgar, eu preferi ser um livro aberto pela primeira vez a aí comecei a pensar “Pó estou com 22 anos, tenho um monte de amigos de infância todos se formando na faculdade, todos já com filhos, todos tranqüilo já com suas namoradas, suas esposas, seus carros, suas vidas mais ou menos andando. Daí eu pensei Bah! Olha aqui o que estou fazendo, tenho 22 anos, não tenho estudo, não conheço ninguém decente porque meus amigos eram todos de ativa, pensei Bah! O que vai ser de mim se eu continuar assim, daqui a pouco estou com 30 ...e a minha consciência começou a me cobrar, que era coisa que não fazia há muito tempo. Me dei conta que estava sozinho, não tinha uma namorada legal que eu pudesse apresentar para o pai, para o meu irmão.. A liberdade só me gerou uma

solidão grande, na verdade foi o que eu consegui, e na verdade tudo isso contribuiu para hoje eu pensar assim. Então, eu vou fazer tudo para não ter esses excessos, que acho que são os impostos para eu ser feliz. Para ficar com uma mulher legal tenho que ter um carro, não, isso contribui eu sei, não nego, mas eu estou me preocupando primeiro em ficar bem comigo mesmo e eu acho que o resto vem com o tempo. Vou trabalhar e me dedicar. Primeiro as primeiras coisas, né.

ENTREVISTA V

Masc. 42 anos uma única internação em 1999. Representante comercial em atividade. Segundo grau completo.

T - Podemos conversar então sobre como começaste, ou porque procuraste as drogas, como foi no início e como foi indo a tua trajetória...

P - No começo tu começa com a adolescência, como qualquer adolescente da minha faixa etária, tu começa bebendo né, aquela história de beber, dos porres quando tu é moleque de 14, 15 anos depois vem alguma droga, as mais eventuais, na minha época era mais a maconha, que eu usei muitos anos, fumei muita maconha, e conheci a cocaína com quase 30 anos já, eu tinha 29 anos..

T - Teve algum episódio nessa época?

P - Que eu conhecia a cocaína? Não, nenhum episódio assim marcante na minha vida. Alguém apresentou e aí vamos lá, vamos ver qual é que é, qual o barato que dá...

T - Aos 30 anos não é mais idade de imposição do grupo?

P - Não.. não deixa de ser, por exemplo, naquela época eu estava convivendo com um grupo onde apareceu a história de cheirar cocaína, até no começo fui resistente porque achava que a maconha fazia minha cabeça, mas apareceu e alguém disse “Experimenta”... , e o efeito era outro, diferente da maconha que te deixa meio down. E a cocaína te deixava mais elétrico, pararaparara.., e aí começou. Eu fiz uso durante alguns anos e depois eu parei, deixei de usar durante três anos que foi uma época que eu passei fora do Brasil. Nessa época na Europa a gente fumava muito haxixe, quer dizer a maconha sempre fez parte né, e ao voltar para o Brasil, aí a coisa foi acontecendo. Desde 94, quando eu voltei a coisa foi crescendo até eu achar que não agüentava mais... que a minha vida estava a maior confusão, estava completamente comprometido na parte profissional, na parte afetiva, e tudo mais ...não me aturava mais..

T - E tu atribuis nesse momento essa confusão à intensidade do uso da droga?

P - Sim, sem dúvida.

T - E antes, já tinhas pensado nisso?

P - Olha vamos dizer assim, nesses 3, 4 anos que eu não usei cocaína foi quando eu estava na Europa, eu fui para ficar 6 meses e acabei ficando 4 anos, e lá não usei porque não pude

mesmo. Não faltou oportunidade, mas era uma coisa que não cabia no meu orçamento, mas a coisa é evolutiva né, e naquela época eu ainda conseguia pensar “Pó, isso aí não cabe no meu orçamento” e também não vai usar, não é como depois quando chega num ponto que tu perde o controle total, e vai buscar todas as maneiras para fazer uso né, que foi como quando eu voltei. Eu morava num lugar, não sei te dizer, mas acho que era um lugar teoricamente de risco, fui morar (lugar omitido) que é perto de um porto, e convivía no local profissional com pessoas que usavam. O porto ali perto, o acesso era total, eu ganhava um bom dinheiro... Daí eu voltei para PA em 96 e até 99 foi num crescendo assim para uma perda total de controle, milhões de promessas que tu faz para ti mesmo de que é a última vez, de que vai ser a última vez. Quando me dei conta as coisas não davam mais jeito mesmo.

T - Mas quando havia um controle externo, por exemplo, a falta de dinheiro, tu te adaptavas?

P - Olha eu acho que era porque eu estava num início de uso né, porque a maconha eu continuei usando o tempo todo. Por isso eu penso que talvez eu tenha conseguido controlar. Porque quando eu estava lá fora o custo de vida era elevado, sei lá, de repente eu estava por mim mesmo, tinha que pagar onde morar, minha comida, meus impostos, e como fazia pouco tempo que eu tinha usado pela primeira vez, então eu acho que foi mais fácil de controlar. Mas depois com o tempo de uso não tem como parar sozinho, tu vai até... num crescendo, o uso é evolutivo, de repente então tu te dar conta que deve parar... Eu acho que naquele momento a minha capacidade de raciocínio não estava totalmente afetada, vou usar esse termo. Diferente de depois que foi quando eu voltei para cá, um lugar onde eu estava bem remunerado, facilidade de acesso né, e aí a coisa por mais que tu ganhe, mais tu quer usar, até o momento que tu não usa por vontade, tu usa porque tem que usar e aí tu usar todos os subterfúgios para esse uso.

T - Estás falando de um momento onde não havia mais uma escolha?

P - Exatamente, foi bem nessa fase eu usei muito, 94, 95, 96. Até porque em 95 na empresa em que eu estava, de repente eu resolvi sair. E se eu hoje, por exemplo, se eu não estiver satisfeito eu vou preparar a minha saída. Naquela época não, tudo tu age por impulso. Eu acho que me incompatibilizei e estava naquela berlinda, ah ia “Ah Sai” porque tu acha que pode tudo e aí eu fiquei meio no desvio. Desvio profissional eu quero dizer, que para mim a área profissional é muito importante. Aí eu voltei para PA foram quatro a seis meses nesse hiato de trabalho, onde o consumo aumentou. Não tinha o que fazer, e ainda tinha dinheiro no bolso, e faz um rolo daqui um rolo dali, aí tive uma nova oferta de trabalho e aí tá, tu organiza teu tempo, e até dei uma parada, uma diminuída no ritmo. Mas logo em seguida tudo foi retomado, mesmo porque eu viajava muito, viajava o Brasil inteiro pela empresa e aí tu vai montando teus esquemas.

T - Falaste do dinheiro que tu ganhavas nessa época com o teu trabalho, tem alguma relação a teu ver com o dinheiro que pode comprar, a sensação de poder tudo, como mesmo dizes?

P - Como vou te explicar isso.. Claro...é evolutivo, daqui a pouco tu tens condições tu compra, dali a pouco tu quer usar mais e já não cabe no teu orçamento digamos assim, e tu vais encontrar outras maneiras de criar a receita para que aquilo se enquadre. Tu vai criar receitas que nem sempre são as mais corretas, as mais certas né, para encaixar esse consumo, por exemplo, ah! Eu vou buscar tanto, vendo tanto e tiro pelo menos a minha parte.

T - Consegues fazer alguma relação disso com esse momento atual onde a sociedade difunde uma idéia que tudo pode?

P - Onde tu pode tudo... talvez haja isso né, não sei também se tu pode tudo, mesmo porque hoje parece que cada vez tu pode menos, parece que cada vez a vida é mais controlada...

T - Mas em algum momento pensaste que podias tudo?

P - Sem dúvida...

T - Quando?

P - Eu tive dois momentos da minha vida que eu achei que podia tudo. No primeiro eu tinha 22 anos de idade e eu assumi um negócio de família, isso com 19 anos, e eu não usava cocaína só fumava maconha e bebia, quando eu assumi esse negócio e eu fiz crescer extraordinariamente né. Cresceu em número de receita, quantidade de dinheiro e tudo mais, aí eu achava que podia tudo e quando eu me dei conta eu não sabia era nada e isso te cria um flanco aberto, porque de repente tu tens tudo e de repente não tens nada. Mas a história da cocaína tem muita relação quando eu voltei para o Brasil em 94 e eu trabalhava numa empresa e era bem remunerado, e talvez aí tenha essa relação de poder, e era aquela coisa, naquele momento se tornou uma coisa de moda também. Na minha época de 20 anos ninguém usava cocaína, era mais raro, mas tem aquilo sempre tem a coisa da moda e tu quer estar inserido no contexto que se vive.

T - Sentia isto?

P - Hoje eu percebo, hoje eu tenho capacidade de raciocinar e traçar uma linha e pensar toda essa minha experiência. Vivendo eu acho que não, ou não tinha tempo para pensar.

T - E como fica hoje este sentimento, esta vontade de sentir-se inserido se já não é por essa via?

P - Ah! Não, hoje eu me preservo, depois da internação e dos grupos que eu já participei e hoje participo menos intensamente, hoje então o que tu não quer mais né. É aquela coisa, tu perde para saber o que tu não quer mais né, então hoje eu consigo ver que tem uma outra maneira de viver e seguir inserido no contexto sem usar uma substância. E muitas vezes por mais que eu evite, tu te depara com elas e aí eu sei que devo picar a mula, porque se eu ficar pra lama né, desvio e vou embora, vou sair fora porque hoje eu vejo. Antes eu percebia, ou fazia parte de um contexto de quem tinha geralmente, ou se eu não tinha já percebe onde está e tu faz questão de estar inserido naquele contexto, mas hoje quando eu percebo isso eu faço questão de tomar outro caminho

P - De que outra forma pensas que hoje consegues esse prazer, o de sentir-se inserido?

P - Em termos de mudar isso aí foi principalmente em termos do programa, da clínica, do programa de NA. Pessoalmente nisso né, porque tu começa a descobrir outras coisas. Um mundo que até então não que tu pensasse que não existisse, mas tu pensava que não era para ti. O meu mundo era aquele, eu não queria estar no mundo dos que não usavam, queria estar

no mundo dos que usavam, porque existem os dois mundos e eu escolhia, era minha opção de estar no mundo dos que usavam e hoje a minha opção é estar no mundo dos que não usam.

T - Tu fala de dois mundos. O dos que usam e enxergam a vida de uma forma, e os que não usam. Como é isso?

P - Como vou te explicar...Funciona como uma maneira diferente, enxergar valores que até então não tinham valor. Antes o valor estava em conviver com quem usa, usar, achar que isso era o melhor para mim, pode até que fosse na época, mas não sei, eu acho que não e pensar que hoje não, aquilo não me leva a nada. Estar inserido nesse mundo de usar, de conviver com quem usa a mim não agrega nada hoje.

T - Nessa trajetória como viste o olhar dos outros para o teu problema, houve preconceito, dificuldades, ainda há?

P - Olha, eu sou muito claro. Hoje a coisa está muito mais exposta, mais divulgada. Mas eu quando vim parar na clínica em 99 estava nessa empresa desde que vim para PA, onde claro apesar de eu fazer meu trabalho e dar muito resultado para a empresa, mas eu sei que se não estivesse na ativa poderia dar muito mais. E aí tu pensa que ninguém sabe, ninguém viu... Todo mundo sabe. E na época quando eu fiz o tratamento eu tive apoio da empresa, do diretor que estava acima de mim. Eu achava que era complicado ficar falando disso, mas todo mundo sabe, então não senti preconceito. Eu não precisava sair falando do meu problema aos quatro cantos, mas as pessoas a quem eu coloquei, a minha família me deu apoio, eu já não era mais guri, estava com 35 anos, a minha mãe eu pensava que não sabia, mas história, estava todo mundo vendo o que estava acontecendo, então eu recebi estes apoios. Então eu não posso dizer que sofri preconceito. Mesmo depois de fazer o programa aqui eu tinha traçado uma meta que me foi sugerida aqui, de os primeiros 90 dias 90 reuniões de NA e eu viajava muito pela empresa e negocieei com a empresa e consegui ficar esses primeiros 90 dias sem sair de PA. Também tirei umas férias para a internação e meu plano de saúde não cobria a internação e a empresa pagou a internação. Eu recebi apoio nesse sentido, então preconceito não posso dizer que tenha sofrido. E esse negócio de preconceito eu acho muito relativo. Nessa experiência que eu tive fora do Brasil tu houve muito isso de ser discriminado. Pra ser discriminado e te deixar discriminar também é uma coisa evolutiva. A primeira vez que alguém te discrimina ou alguém tem atitude preconceituosa em relação a ti, se tu aceita esse preconceito, essa discriminação, tu fomenta essa discriminação. Eu lá fora já pensava assim, esse tipo de desculpa é uma desculpa que não existe, eu não fomento. Eu gosto de ser franco com as pessoas, acho que sou uma pessoa que me relaciono bem, mas também me deu na canela eu dou também.

T - Tu continua sendo uma pessoa impulsiva?

P - Eu não te disse que não sou um adicto, eu te disse que sou um adicto em recuperação. Hoje eu consigo me enxergar, eu consegui vir a entender a minha impulsividade, a minha adição nasceu comigo e eu desenvolvi a doença. Hoje eu consigo ver o quanto a minha impulsividade me trouxe de prejuízos, sei também que essa impulsividade tem lados positivos, ainda mais uma cara com eu que trabalha na área comercial, só que hoje eu consigo ter equilíbrio disso aí, eu sei detectar a hora de deixar a minha impulsividade aflorar para me trazer benefícios, mas nem sempre né, não sou o dono da verdade, acho que hoje consigo equilibrar melhor, e consigo ver momentos de segurar também, mas acho que essa impulsividade tem lados positivos de ser um tomador de decisões e ela faz parte de mim.

Acho que ela não me traz 100% de prejuízo, desde que eu entenda ela e consiga trabalhar para que ela aflore no momento que vai trazer benefício, mas às vezes eu me equivoco, logicamente

T - E excessos, percebeste sempre outros excessos na tua vida..? Falaste que a maconha esteve presente a vida inteira, os porres na adolescência...

P - Eu sempre fui assim..., na bebida ... eu nunca consegui acompanhar a maioria, eu me entregava muito antes dos outros, não conseguia ficava mal e tinha aquela turma de 18, 20 anos que virava bebendo pah! Tinha uma hora que já não agüentava mais... Tinha essa época com 22 anos que eu tinha um apartamento, meus amigos todos começando suas vidas e eu tava lá por cima da carne seca, então ali era o ponto de encontro de todo mundo, mas chegava uma hora que eu não agüentava mais e dizia bah! Terminem e batam a porta, e tinha épocas que até pensava “Porque os outros agüentam e eu não agüento?” Mas eu não conseguia acompanhar o ritmo, a coisa ficava ruim. Agora cocaína..essa relação foi bem diferente...

T - Como?

P - Incontrolável, incontrolável. Foi muito diferente da bebida, hoje eu sei que todas estão vinculadas, que uma vai me levar a outra..

T - A essa relação tem a ver com o efeito da cocaína?

P - Eu não sei bem, mas a minha relação com a maconha e a bebida sempre foi diferente. Eu usei a vida inteira e usei muito, mas nunca usei nos meus horários de trabalho, sentar para almoçar, por exemplo, e tomar uma cerveja eu nunca fiz, ou fumar um baseado depois do almoço, nunca fiz isso. Fumava assim fim de semana e claro durante a semana tomava meus porres numas noites, mas não usava nos meus horários produtivos. Claro que depois eu me dei conta que eu não me prejudicava enquanto não usava nos horários de trabalho, mas claro se eu tomo um porre, durmo tarde, no outro dia tu vai sentindo, a marcha fica lenta mas esse efeito eu me dou conta hoje. Mas a maconha era diferente da cocaína, mesmo estando sempre presente, com a cocaína conseguia fazer aquilo que eu não conseguia, aí com a cocaína sim eu passava a noite bebendo né, não tinha aquela hora que eu me entregava e chega não quero mais.

T - A cocaína parece que te dava uma sensação de também uma sensação de um organismo poderoso.

P - Não sei, pode ser, mas me lembrando assim e eu vejo que as primeiras sensações eram essas de eu poder passar a noite cheirando e bebendo e papapapa...

T - Tu tinhas a sensação de um corpo diferente?

P - Na hora sim, no outro dia não porque tu é um bagaço igual, mas na hora sim, e sair e lá pelas 2, 3 hs vamos dançar, eu sempre gostei muito de dançar mas no meu tempo era dançar agarradinho com uma gata, e aí fui cheirar uma cocaína e pó sé queria dançar separada passar a noite, a sensação de não precisar parar, de não sentir cansaço e aí eu seguia e ficava bebendo.. A cocaína entrou em mim e trouxe exatamente uma sensação de uma coisa que eu queria e não tinha. Que era agüentar mais, quer dizer agüentar mais para aquele momento.

T - Mas e o que gostas afinal?

P – Olha, hoje eu tenho uma aceitação, eu gosto de dançar mas se está doendo o pé eu vejo que é melhor parar um pouco, não preciso cheirar para ter uma coisa a mais. Se deu para mim está bom, deu...é meu limite não tem porque ir adiante.

T - Então a cocaína tinhas essa sensação de ter a mais, ir além do limite?

P - Ah! Sim, sem dúvida, sem dúvida, sem dúvida...

T - E como tem sido conviver dentro da aceitação dos teus limites?

P - Olha bem, muito bem, porque se a cocaína me faz ir além do que eu posso hoje eu busco o entendimento do que eu posso e do que eu não posso. Se eu tenho que usar uma substância para ir além do que eu posso, o preço eu vou pagar amanhã né. Se tu vai além do teu limite o prazer pode ser agora, mas conta vem amanhã. Eu já paguei muito, uma conta bem salgada.

T - Antes dessa internação já tinhas feito alguma leitura dos prejuízos, de que precisavas parar?

P - Não, não. Eu era solteiro, morava sozinho, e aí é um processo muito desgraçado, porque eu cheirava e ia cheirando até 5, 6 da manhã e aí tentava desmaiar na cama e pegava no sono lá pelo meio dia, não trabalhava naquele dia, dava um balão na empresa aí pensava que tava bem, bah! Não vou mais e depois voltava de novo e uma vez eu sumi cinco dias do trabalho e eu tinha responsabilidades, eu gerenciava 27 representantes no Brasil todo.

T - Qual o papel dos grupos de auto-ajuda nisso tudo, como é a tua relação com os grupos, sempre foi assim?

P - Me ensinaram muita coisa, me ensinaram que é só pr hoje né. Me ensinaram que hoje eu tenho que optar em querer e não querer, e eu penso que tenho essa liberdade e hoje eu não quero, me ensinaram que eu tenho que seguir renovando esse meu propósito de ficar sem usar, porque daqui a pouco se eu deixar de lado a doença pode aflorar em mim de novo, ela está em mim, isso não adianta não tem como acabar com ela. Me ensinaram e ver um outro lado da vida que até então não havia prazer, mas não havia prazer porque também eu não conhecia, de cara limpa, sendo mais responsável com as minhas coisas. Eu me casei muito cedo, me separei muito cedo, era um cara por mim, era livre, então se não tenho mulher não tenho filhos sou um cara livre, mas não adianta se eu joga a merda para cima ela cai em cima de mim, então não adianta. Esse entendimento que eu uso hoje, de merda dos anos de cocaína, hoje eu tenho muito claro que foram anos involutivos em mim enquanto ser humano. Involução total, a minha capacidade de ser um ser humano que busca ser feliz ela regrediu em totalmente. Então no momento que tu enxerga isso, que eu estava involuindo, que as coisa que eu conquistava de um lado eu jogava pela janela pelo outro. Que prazer tinha isso? Ao fazer isso só imaginava mega soluções para minha vida. Hoje eu acredito que fazendo a cada dia tu tens... tu constrói a tua vida. E hoje eu apreendi a conhecer os meus limites, né.. Eu reconheço que algumas coisas eu sou incapaz de fazer e por isso é melhor ficar quieto no meu canto, que há limites, há obstáculos que não adianta, que por mais que eu dê urros naquela parede não vou furar ela então...

T - Antes tu não sabia lidar com teus limites, não reconhecia?

P - Eu acho que não, acho que não. Eu achava que tinha capacidade de superar todos, eu era super homem, era melhor de todos, eu era o cara, acreditava que o mundo girava em torno do meu umbigo, e que as coisas aconteciam porque eu queria e na hora que eu queria. Eu achava que o que tinha em casa não me bastava. Isso me atrapalhou também na vida afetiva, porque eu casei muito cedo e acho que tinha essa idéia de que o que eu tinha em casa não era suficiente. Os grupos me ajudam e pensar muitos aspectos da minha vida. Esse programa me ensina a pensar muitas coisas na minha vida, inclusive essa impulsividade na minha vida afetiva, mas uma coisa de cada vez...Eu freqüentei muitos grupos logo que saí da clinica, e hoje eu tenho uma relação afetiva com esse grupo, conheço algumas pessoas com quem compartilho alguns objetivos e por isso eu venho sempre. Cada um escolhe o seu caminho...

T - A droga está muito ligada a mentiras, inclusive em algum momento tu usaste a palavra desvio..A mentira esteve presente?

P - Sim, principalmente para mim mesmo..

T - É dessa mentira que eu falo, o que mentias para ti mesmo? E agora já dá para dizer um pouco da verdade?

P - Se eu for parar para pensar o que mentia para mim mesmo imagina o que eu mentia para os outros?

T - E como é tua relação com a mentira hoje?

P - É um pouco melhor, um pouco melhor. Me pego ainda em situações, onde eu crio situações de mentira. Mesmo porque não adianta, a minha vida não vai dar um giro de 360 graus e tudo se ajeitar só porque eu estou em recuperação, e mesmo não sei, eu posso até estar enganado, mas o meu lado profissional que é o lado comercial tu acaba usando subterfúgios, e isso aí está inserido. No lado comercial essa história de ah! Vamos fazer um negócio que seja bom para os dois e mentira, se for bom para os dois está bem, mas se for melhor ainda para mim é o que eu quero. Então essa área comercial tem muito disso, de se usar subterfúgios, que não deixam de ser mentiras, falar coisa que não são as mais verdadeiras né.

T - Mas e as mentiras a respeito de ti mesmo? Ou verdades que tu não podia ver?

P - É.. como que eu lido com essas coisas... Acho que em algumas coisas eu melhorei um pouco né, mas acho que estou ainda num processo mudança. Como é que eu vejo...Claro que me pego ainda mentindo para mim...Mentindo para mim? É, mentindo para mim, mas talvez hoje eu tenha capacidade de perceber isso. É isso, pelo menos hoje eu tenho a capacidade de perceber isso, de fazer uma análise para pelo menos saber se vale a pena seguir persistindo nessa mentira né. Coisa que essa capacidade estava completamente deteriorada, os conceitos, a inversão de valores é total. A inversão de valores é total, porque hoje eu digo que os subterfúgios fazem parte da vida de uma maneira geral, e do meu trabalho, mas não que isso justifique que eu tenha que usar isso sempre né. Hoje a capacidade de enxergar essas coisas em mim e fazer uma análise, e pelo menos tentar me criticar para saber se vou fazer de novo, hoje eu sei que readquiri.